

LUCAS BOREL CRISTIANO

**UMA ANÁLISE DE *PODE CRER* À
LUZ DOS MODELOS BASEADOS NO
USO**

**TRÊS LAGOAS – MS
2021**

LUCAS BOREL CRISTIANO

**UMA ANÁLISE DE *PODE CRER* À
LUZ DOS MODELOS BASEADOS NO
USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Solange de Carvalho Fortilli

**TRÊS LAGOAS – MS
2021**

LUCAS BOREL CRISTIANO

**UMA ANÁLISE DE *PODE CRER* À LUZ DOS
MODELOS BASEADOS NO USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Solange de Carvalho Fortilli
(Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof Dr Michel Gustavo Fontes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^a Dr^a Cibele Naidhig de Souza
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof^a Dr^a Taísa Peres de Oliveira (suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Três Lagoas, 31 de agosto de 2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Neuzi e Valquir, por me apoiarem nos meus sonhos sem mesmo entender o que eu faço. Por ficarem animados junto comigo e já terem contado para toda a cidade que sou mestre antes mesmo de defender. Amo vocês.

À Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli, ou apenas Sol, por ter-me dado a oportunidade de ingressar nos estudos linguísticos há alguns anos, ainda na minha graduação, principalmente, por ter visto meu potencial quando eu mesmo não podia, sendo tão humana. Com certeza, terá um pedaço seu que levarei comigo em toda a minha trajetória, com meus alunos, minhas aulas e minha vida pessoal/profissional. Espero voltar daqui a uns anos para fortalecer o *slogan* “vai com a Sol que é sucesso!”, porque não há nada melhor para a publicidade de um orientador do que bons orientandos.

Aos professores doutores Taísa Peres de Oliveira e Michel Gustavo Fontes, que têm me acompanhado desde a graduação, sempre muito pontuais em suas colocações e seus ensinamentos. Agradeço por aceitarem o convite do exame de qualificação em que estiveram presentes e contribuído com as sugestões para o aperfeiçoamento desta dissertação. Em especial, ao Prof. Michel por aceitar também o convite em compor minha banca de defesa. Meu trabalho não poderia estar em mãos melhores!

À Profa. Dra. Cibele Naidhig de Souza, por aceitar o convite da banca de defesa e dividir seu conhecimento na contribuição do meu trabalho. Seus estudos foram cruciais para a formulação geral do meu projeto de pesquisa, o qual resultou neste trabalho final. Obrigado!

Aos professores e membros do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, que foram uma segunda família para mim, compartilhando alegrias, frustrações, viagens e amizades.

A Diogo Ayano, Douglas Torres, Gabriela Valenzuela, Kátia Rodrigues, Kaue Gomes, Letícia Barbosa e Sabrina Reginatto, um carinho especial, por estarem tão presentes em minha vida pessoal neste período, pelas aventuras, risadas, viagens, conversas e jogos.

Àqueles que direta ou indiretamente fizeram parte da construção da minha trajetória e não os mencionei, pois seria uma grande lista...

À Capes, pela bolsa de estudos.

Ao SUS, embora não seja uma dissertação na área de saúde, toda escrita também é um ato político. #vivaoSUS.

E, sem me esquecer da ambiguidade, aos amores e bares que frequentei durante esses anos,

Meus agradecimentos!

Encaldeirando: aqui dentro tá quente

Francisco, el hombre

Pode ser, pode pá, pode crer

C'est la vie, tanto faz, tanto fez

Pode ser, pode pá, pode crer

Pode crer

C'est la vie, tanto faz, tanto fez

(Aqui dentro tá quente)

Aqui dentro tá quente

E tá ficando mais

Dá um passo pra frente

(E dá um passo pra frente)

Aqui dentro tá quente

E tá ficando mais

Dá um passo pra frente

Encaldeirando!

[...]

CRISTIANO, Lucas Borel. **Uma análise de *pode crer* à luz dos modelos baseados no uso**. 107f. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras), Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

RESUMO

Esta dissertação volta-se para a análise da expressão *pode crer* como marcador discursivo (doravante, MD) no português. MD são expressões revestidas de forte valor pragmático, que indicam, dentre outros aspectos, como o emissor deseja que o enunciado seja compreendido pelo receptor (BYBEE, 2020[2015]). Composto pelo verbo modal auxiliar *poder* e o verbo cognitivo *crer*, *pode crer* pode ser visto como MD nesta ocorrência, dos falantes A e B: A- *Aconteceu (atraso) comigo no começo da pandemia, mas uma hora chegou. Eles tão sobrecarregados e com funcionários a menos.* B- *pode crer.* (Twitter). O objetivo geral dessa pesquisa foi observar mudanças em *pode crer* ao longo da história do português, demarcando aspectos formais e funcionais que desencadearam o seu papel mais recente, o de MD. Estima-se que o tipo de mudança ocorrido possa ser explicado pelos modelos baseados no uso (CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), os quais defendem a língua como uma rede de construções, formadas por uma relação simbólico de uma forma com um significado. Assim, o estudo teve como objetivos específicos definir, por um lado, os traços que alocam a expressão, atualmente, no grupo dos MD e, por outro, explorar questões de mudança construcional, já que *pode crer* nem sempre apresentou características alinhadas com tal agrupamento. Desse modo, *pode crer* mostrou-se como um pareamento genuíno de forma e significado, uma vez que, ao longo dos séculos contemplados (XVI a XXI), foi afetado por reestruturação de forma e instauração de novo significado, o de assentimento, como na ocorrência acima. O corpus foi construído por meio do sítio Corpus do Português, um diacrônico (DAVIES; FERREIRA, 2006), correspondendo os séculos XVI a XX, e outro sincrônico (DAVIES, 2016), representando o século XX. Em adição aos usos mais recentes, do banco de dados supramencionado, foram coletados dados do ano de 2020 da rede social Twitter. Os resultados sugerem que *pode crer* nasce de um conjunto de usos diversos nos séculos iniciais até sua convencionalização como marcador, tornando-se gradativamente, menos composicional e mais esquemático, integrando a rede [pode + V]_{MD} dentro da língua portuguesa, especializando-se como expressão de assentimento.

CRISTIANO, Lucas Borel. **Uma análise de *pode crer* à luz dos modelos baseados no uso**. 107f. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras), Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

ABSTRACT

This master's thesis focuses on the analysis of the expression *pode crer* (you may know) as a discursive marker (hereinafter, DM) in the Portuguese language. DMs are expressions with a strong pragmatic value, which indicate, among other aspects, how the speaker wants the utterance to be understood by the hearer (BYBEE, 2020[2015]). Composed of the auxiliary modal verb *poder* (to may) and the cognitive verb *crer* (to believe), *pode crer* can be seen as DM in this occurrence, from speakers A and B: **A** – *Aconteceu (atraso) comigo no começo da pandemia, mas uma hora chegou. Eles tão sobrecarregados e com funcionários a menos.* (It happened (delay) with me at the beginning of the pandemic, but a time came it. They are so overworked and understaffed). **B** – *pode crer* (you may know) (Twitter.com). The general objective of this research was to observe changes in *pode crer* throughout the history of the Portuguese language, demarcating formal and functional aspects that triggered its most recent role, that of DM. It is estimated that the type of change that has occurred can be explained by usage-based models (CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2010; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), which defend language as a network of constructions, formed by a relationship symbolic in a form with meaning. Thus, the study had as specific objectives to define, on the one hand, the traits that currently allocate expression in the DM group and, on the other hand, to explore issues of constructional change, as *pode crer* not always present characteristics in line with such a grouping. In this way, *pode crer* proved to be a genuine pairing of form and meaning, since, over the centuries covered (XVI to XXI), it was affected by the restructuring of form and establishment of a new meaning, that of assent, as in occurrence above. The corpus was built through the Corpus do Português site, one diachronic (DAVIES; FERREIRA, 2006), corresponding to the 16th to 20th centuries, and another synchronic (DAVIES, 2016), representing the 20th century. In addition to the most recent uses of the aforementioned database, data from the year 2020 were collected from the social network *Twitter*. The results suggest that *pode crer* was born from a set of diverse uses in the initial centuries until its conventionalization as a DM, gradually becoming less compositional and more schematic, integrating the network [pode + V]_{DM} within the Portuguese language, specializing as denoting assent.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Eixo horizontal e vertical das categorias	18
Figura 2- O elo simbólico das construções.....	21
Figura 3 - Um exemplo de interação no Twitter com <i>pode crer</i>	48
Figura 4 - As periferias esquerda e direita.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Frequência de palavras do corpus genre/historical	44
Quadro 2- frequência de uso de <i>pode crer</i> no corpus diacrônico.....	45
Quadro 3 - Algumas tipografias de busca no sítio do Twitter	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO 1 – A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL	14
1 OS MODELOS BASEADOS NO USO	14
1.2 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÃO BASEADA NO USO	21
SEÇÃO 2 – MARCADORES DISCURSIVOS	28
2 INTRODUÇÃO	28
2.1 O SIGNIFICADO PRAGMÁTICO	28
2.2 OS MARCADORES DISCURSIVOS	30
2.2.1 A PROPOSTA DE SCHIFFRIN	31
2.2.2 SOBRE UMA ABORDAGEM BRASILEIRA DOS MARCADORES DISCURSIVOS	33
2.3 OS VERBOS BASE DE <i>PODE CRER</i>	38
2.3.1 O AUXILIAR <i>PODER</i>	38
2.3.2 O VERBO EPISTÊMICO/COGNITIVO <i>CRER</i>	40
SEÇÃO 3 - METODOLOGIA	43
3.1 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS	43
3.2 PARÂMETROS DE ANÁLISE	50
SEÇÃO 4 – A CONSTRUÇÃO <i>PODE CRER</i>	54
4.1 OS USOS CONTEMPORÂNEOS DE <i>PODE CRER</i>	55
4.2 <i>PODE CRER</i> NA DIACRONIA DO PORTUGUÊS	61
4.2.1 SÉCULO XVI	61
4.2.2 SÉCULO XVII	63
4.2.3 SÉCULO XVIII	65
4.2.4 SÉCULO XIX	66
4.2.5 SÉCULO XX	68

4.4 O ESTATUTO DE MARCADOR EM <i>PODE CRER</i>	70
4.4.1 RELAÇÃO COM O CONTEÚDO PROPOSICIONAL.....	70
4.4.2 TRANSPARÊNCIA SEMÂNTICA.....	73
4.4.3 RELAÇÃO SINTÁTICA COM A ESTRUTURA ORACIONAL	75
4.4.4 AUTONOMIA COMUNICATIVA	78
4.4.5 MASSA FÔNICA	79
4.5 <i>PODE CRER</i> : TRATAMENTO VIA CONSTRUCIONALIZAÇÃO	81
4.5.1 A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE <i>PODE CRER</i>	81
CONSIDERAÇÕES	99
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, analisa-se um tipo de marcador discursivo que combina um verbo auxiliar, *poder*, com um verbo principal com valor cognitivo, *crer*. Verbos cognitivos, tal qual *crer*, revelam um processo mental ou uma experiência do falante no que diz respeito a conhecimentos, saberes e crenças. Halliday e Mathiessen (2004, p. 197) enfatizam que verbos mentais “são preocupados com nossa experiência de mundo da nossa própria consciência”¹. A proposição tomada como argumento desses verbos representa, para esses autores, um fenômeno, sendo a capacidade de detectar e construir um mundo por meio do sentir, como a percepção, emoção, cognição, entres outros.

Verbos cognitivos já foram contemplados como marcadores discursivos em alguns estudos linguísticos. Entende-se por marcadores discursivos (MD, daqui em diante) expressões revestidas de nuance pragmática, indicando como se deseja que o enunciado seja compreendido por quem ouve (BYBEE, 2020). Os MD serão mais bem detalhados no decorrer da dissertação. Traugott e Dasher (2001), por exemplo, ao analisarem o verbo *to promise* no inglês, defenderam que o uso como marcador se cristaliza por meio da tonificação de suas nuances mais centradas nas crenças do falante. Não apenas o verbo *to promise*, mas verbos como *to think*, *to guess*, *to gather* e *to find* (BRINTON, 1996, 2008, 2017) receberam tratamentos que os enquadram no conjunto dos marcadores. A ocorrência abaixo é de Brinton (2017).

- (1) That’s why they have the boats, I guess. (BRINTON, 2017, p. 127)
É por isso que eles têm os barcos, eu acho. (tradução nossa)

Comumente, também são encontradas outras terminologias para os usos de *I guess* acima, como parentéticos epistêmicos (THOMPSON, MULAC, 1991), orações-comentário (QUIRK *et al.*, 1972), entre outras. Uma discussão mais profunda sobre a natureza dos MD pode ser vista no capítulo 2 deste trabalho, em que se justifica a adoção dessa nomenclatura para a expressão aqui estudada. Abaixo, pode ser visto o emprego de *pode crer* que interessa, de maneira mais crucial, à pesquisa:

- (2) A: Aquele Gignac ainda tá no tigras? Era um puta centroavante

¹ ‘mental’ clauses are concerned with our experience of the world of our own consciousness

B: Tá lá tem uns bons anos, mano. Acho que chegou em 2016, e é um dos maiores atacantes da história recente da liga

A: Já passou o Boselli em gols?

B: Eu não tenho certeza, lembro que ambos estão próximos, mas ACHO que sim.

A: *Pode crer* (twitter.com)

- (3) é MUITO pior que 2 girls and a cup. *Pode crer...* aquilo é BEM pior que as meninas do copo de cocô. (mundogump.com.br/corpusdoportugues)

Diferentemente de uma leitura em que, calcado no significado de *crer*, estabeleceu-se um valor epistêmico, nas ocorrências acima, a perífrase *pode crer* não representa uma leitura de atestar certo grau de verdade aos enunciados adjacentes. O que parece se apresentar é um significado mais distanciado da ideia de crença em propriamente dita, e mais ligado à concordância com asserções feitas pelo outro ou, até, por si mesmo. Isso nos leva a ter, como hipótese geral deste trabalho, a ideia de que *pode crer* estaria passando por um processo de construcionalização na língua portuguesa, representando um pareamento de uma forma com um significado, em termos de Traugott e Trousdale (2013).

O objetivo principal da pesquisa é descrever o processo de emergência de *pode crer* como uma construção marcadora discursiva na língua portuguesa. Para explicar construção de maneira breve, partimos das ideias de Croft e Cruse (2004) e Traugott e Trousdale (2013), para quem a gramática de uma língua corresponde a um inventário de construções formado por elos simbólicos, compreendendo-se por unidade simbólica a associação convencionalizada de uma forma e de um significado. Vamos usar para tal análise a gramática de construções diacrônica (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), por isso, a análise pautar-se-á na descrição de sua forma e seu significado ao longo dos séculos, em português, do XVI ao XXI.

Para caminhar na realização do objetivo geral, estipulamos dois mais específicos: definir, por um lado, os traços que alocam a expressão no grupo dos MD, a partir de seus usos mais atuais e, por outro, explorar questões de mudança construcional, já que *pode crer* nem sempre apresentou características alinhadas com tal agrupamento. Nos séculos passados, há usos de *pode crer* como parte de construções complexas, como em *Pode crer que ele virá*, e como elemento mais independente, uso indicativo do enveredamento pelo percurso de MD. Na primeira dessas formas, *pode crer* é uma perífrase, com valor modal, que encaixa uma proposição, incidindo sobre a última de modo a mostrar que o falante acredita e, de certa forma, se compromete com ela. Essa forma e esse comportamento são os pontos alvo da mudança com *pode crer*, pois, como MD, ele não

é encaixador e sua semântica passa por alterações, em que se veem mais enfraquecidos os traços modais epistêmicos, conforme se detalhará adiante.

Por utilizar a gramática de construções diacrônica, este trabalho também se justifica pela possibilidade de explicação sobre a forma como emergem as construções, unidade de análise revestida de forma e função. Uma análise construcional não só contribui para entender as especificidades do português, mas também a própria cognição humana. Nossa primeira seção é destinada a essa discussão da gramática de construções, apresentando como o significado é conceptualizado pela experiência, resultando em uma gramática igualmente conceptual. Os processos cognitivos, presentes nos seres humanos, conseguem moldar as percepções de mundo e da linguagem, categorizando, por exemplo, as noções mais básicas, como cachorro, até as mais abstratas, como organismos celulares, se pensarmos no campo dos seres vivos. Isso leva a um conjunto de gramáticas de construções que se estabelecem dentro dos modelos baseados no uso na abordagem construcional de mudança.

A seção 2 é destinada à discussão teórica sobre os marcadores discursivos. Baseados inicialmente no significado pragmático, os MD são tomados como uma classe pragmática, ao contrário de morfossintática. Essa revisão é uma contribuição de estudos de linguistas como Schiffrin (1987), Risso *et al.* (2019) e Bybee (2020). Apresentaremos alguns estudos a respeito dos *slots* que formam a construção *pode crer* para ter pistas sobre ambos e até para corroborar a afirmação de que o todo *pode crer* não pode ser explicado pela investigação estrita de cada uma das suas partes. A seguir, tem-se a seção 3, destinada à Metodologia. Salientamos, nela, o percurso de construção do nosso corpus por meio do sítio do Corpus do Português, uma parte diacrônica (DAVIES; FERREIRA, 2006) e outras duas sincrônicas. Há o detalhamento do direcionamento tomado na pesquisa e do objetivo específico, que agrupam um conjunto de critérios e parâmetros adotados na análise.

A seção 4 expõe a descrição e a análise dos dados. Primeiro, abordam-se alguns usos mais gerais e característicos de *pode crer* na sincronia atual do português, seguidos de uma extensa especificação dos usos na diacronia. Iremos verificar a trajetória de *pode crer*, investigando seus usos e cada neoanálise que ocorre na sua formação. Fechamos o capítulo com reflexões sobre a rede de construções [pode + V_{erbo}]. Em seguida, apresentam-se as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

SEÇÃO 1 – A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

1 OS MODELOS BASEADOS NO USO

Conceptualizar a língua em características que, ao mesmo tempo, possuem certa regularidade e variação é uma posição que advoga um grupo de autores (LANGACKER, 1987; BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2000; 2010) que têm defendido uma abordagem baseada no uso. Esse modelo aproxima a produção e compreensão dos enunciados linguísticos em sua conexão com processos de domínio geral, atuando sobre os usos efetivos da língua, perpassada por seus contextos de uso.

Diferentes modelos, como o modelo dinâmico baseado no uso (LANGACKER, 1987, 2000, 2008), o modelo desenvolvido por Bybee (2000, 2003, 2010a, 2010b, 2012), de Barlow (1998, 2000), entre outros, foram propostos com o objetivo de lidar com uma descrição linguística mais atuante no uso. Essa descrição é preocupada, conforme explicita Bybee e Beckner (2010, p. 827-828), em como a estrutura linguística é afetada pelo uso; como a frequência de uso, a mudança e a variação correspondem a uma representação cognitiva mais geral do conhecimento do falante; e como processos cognitivos gerais podem afetar a convencionalização de estruturas na linguagem.

Kemmer e Barlow (2000) reuniram as propriedades que são comuns a todos os modelos baseados no uso, traços que todos eles se convergem.

A primeira característica é a íntima relação entre estrutura linguística e instâncias de uso da linguagem. Os modelos defendem que a estrutura da língua se convencionaliza dentro dos eventos reais de comunicação, é pelo uso que o falante faz da língua que o sistema linguístico se molda, tanto em termos substanciais quanto em termos esquemáticos. A importância da frequência trata das experiências que o falante adquire em padrões específicos de uso. Esses padrões, em uma alta frequência de uso, podem se entrincheirar (duas unidades podem se unir em um contexto especializado) a partir de uma rotinização cognitiva, construindo um novo nó de construções no conhecimento de língua do usuário.

A compreensão e a produção como integrais, ao contrário de periféricas, ao sistema linguístico designam que a operação mental de processamento de linguagem do falante, como sua habilidade tanto em produzir enunciados como em compreendê-los, não deve ser separada do entendimento mais geral sobre o seu conhecimento linguístico.

Experiências de aquisição linguística perpassam esses estudos, pois conforme o trabalho de Tomasello (2003), crianças adquirem primeiro construções substanciais nas experiências de uso que participa, sobretudo, com os adultos e, só depois de fixarem como um nó, que passam a compreender abstrações e esquemas mais gerais.

A representação linguística como emergente, ao contrário de estocada como entidades fixas, rejeita a visão, do modelo gerativo, de que as unidades linguísticas são estocadas apenas para alimentar as regras mais gerais da gramática em um módulo separado do cérebro/mente. Os modelos baseados no uso defendem que a estrutura é emergente, pois se originam de uma rotinização cognitiva, que padrões são ativados em contextos específicos de comunicação, tal como a analogia da rede de neurônios presentes nos seres humanos. A importância dos dados do uso na construção e descrição teórica assenta-se na premissa que somente pelo uso real que os falantes fazem da língua que é possível refletir sobre a verdadeira natureza da linguagem e como ela se organiza enquanto sistema linguístico.

A íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica está direcionada que o sistema linguístico é sempre emergente, que a pressão que atua na sincronia, como pressão cognitiva ou social, é a mesma pressão que atua na diacronia como um todo. O próprio uso, em sistemas individuais dos falantes, faz que inovações ocorram e possam passar, caso se convencionalizem pela frequência, a integrar como um novo nó no sistema da língua. A interconexão do sistema linguístico com os sistemas cognitivos não linguísticos dedica que o significado é fruto da conceptualização do falante, que unidades linguísticas são construídas em situações de comunicação e convencionalizadas pelo uso. Os sistemas cognitivos, como os processos cognitivos gerais, têm relação direta não só com o sistema linguístico como também a natureza da linguagem. Bybee (2010) elenca um conjunto de processos de domínio geral que, atuante na cognição humana, funcionam para tratar a natureza da linguagem como emergente de processos básicos, como categorização, *chunking*, analogia, entre outros.

A categorização, tanto de coisas do mundo como de elementos da língua, foi entendida por muito tempo como se todos os membros de uma categoria contivessem as características suficientes e necessárias para serem agrupados irrefutavelmente (cf. TAYLOR, 1995, p. 22). Essa perspectiva de categorização se dá pela visão aristotélica sobre o que é considerado traço essencial e accidental a todos os membros.

Tomemos a palavra lexical *cachorro*: em uma visão clássica, a partir do conhecimento dicionarístico, baseado no exemplo de *dog* e *cat* de Taylor (1995, p. 253),

cachorro tem dois traços principais [animal] e [canino], porém apenas um deles é considerado traço essencial, [animal]. Se observamos, agora, *gato*, tem-se os traços [animal], igualmente essencial, e [felino]. Assim, a categoria animal se assenta na especificação do significado [animal], caracterizando seus membros por meio desse traço, e distinguindo-os pelos de [canino] e [felino].

[Animal] é a característica suficiente e necessária para que os membros possam ser integrados, dado que é pela presença desse traço, em todos os membros, que uma categoria se constitui. A categoria *animal*, portanto, é dada como pronta por possuir limites fixos, portadora de traços não presentes, por exemplo, em móvel.

Taylor (1995, p. 79-80) destaca algumas características que podem sintetizar como essa perspectiva de categorização clássica atua:

- (a) Todos os membros de uma categoria têm condição igual.²
- (b) Todos os não membros de uma categoria têm condição igual.³
- (c) Existe um conjunto fixo de condições necessárias e suficientes definindo membros para cada categoria.⁴
- (d) Todas as características necessárias e suficientes que definem uma categoria têm condição igual.⁵
- (e) Os limites da categoria são fixos.⁶

Ainda na categoria *animal*, tanto *gato* e *cachorro* têm condições iguais em ter [animal], como em (a). Palavras como *casa*, *rosa* ou *água* não contém o traço [animal], tendo condição igual de serem não membros de animal, como em (b). Em (c), todos os membros contêm os mesmos traços essenciais [animal]. Já em (d), [animal] é a condição suficiente e necessária da categoria animal para definir seus membros. Em (e), por fim, categorias têm limites fixos já que existe apenas uma distinção binária dos quais são membros e dos quais não são dentro das categorias.

Esse modelo de categorização objetivista não contempla a perspectiva de uma gramática conceptual, que se assentaria em processos cognitivos para ser constituída. Como Taylor (1995) enfatiza, a forma como os indivíduos categorizam o mundo ao seu redor permanece na mesma base que ocorre a categorização dentro da língua. Assim, categorização pode ser definida como “um mecanismo de organização da informação

² all members of a category have equal status

³ all non-members of a category have equal status

⁴ there is a fixed set of necessary and sufficient conditions defining membership to each category

⁵ all necessary and sufficient features defining a category have equal status

⁶ category boundaries are fixed

obtida a partir da compreensão da realidade, que é, em si mesma, variada e multiforme.”⁷ (CUENTA; HILFERTY, 1999, p. 32).

Em outra linha, pode-se observar o trabalho de Labov (1973 apud TAYLOR, 1995, p. 40) a respeito da categoria dos recipientes domésticos. Embora *cup* (xícara) e *bowl* (tigela), por exemplo, podem ser membros desta categoria, não há nenhuma diferença entre eles dentro da categorização clássica. Ao contrário, o que vai definir *cup* sendo *cup* para o indivíduo não são os traços, como [ter alça] ou [ter pires], mas os atributos, conhecimento compartilhado advindo das experiências com o objeto. “Um contêiner de plástico, sem alça e sem pires, tal como pode ser entregue de máquinas automáticas de café, é ainda uma xícara, embora não seja uma típica.”⁸ (TAYLOR, 1995, p. 42).

Da mesma forma, um contêiner plástico, em que se possa colocar os mesmos elementos, como cereal com leite, que se diferencia distantemente do formato de uma tigela, pode ser igualmente compreendido como uma. O fato do estudo do Labov (1973) apresentar a variação do que se entende pelos recipientes domésticos leva a reflexão que as categorias, na língua, não são discretas. Entre *cup* e *bowl*, recipientes de diferentes formatos podem integrar entre eles, construindo um limite confuso sobre o alcance final da categoria de *cup* e o ponto que a categoria de *bowl* começa.

Essa gradiência dos membros de uma categoria leva, conforme Taylor (1995), ao pensamento de que existem membros mais prototípicos e mais marginais. Então, na categoria de *cup*, objetos podem ser prototípicos e outros periféricos. Um membro prototípico retém todos os atributos para a formação de uma categoria. *Cadeira* e *mesa*, com todos os seus atributos, são reconhecidas como os membros prototípicos de mobília. Eles são os responsáveis inicialmente pela representação do que se entende por mobília. Já *espelho*, *relógio* e *televisão* são membros mais periféricos.

Os protótipos são os membros mais salientes cognitivamente, uma vez que demandam mais rapidez e menos esforço cognitivo. Tomemos um membro prototípico X com os atributos A, B, C, D e E em uma categoria Y. O membro X com cinco atributos representa o todo da categoria Y, porém esses atributos não são todos necessários e suficientes para os membros serem integrados a categoria. Com o chamado efeito do

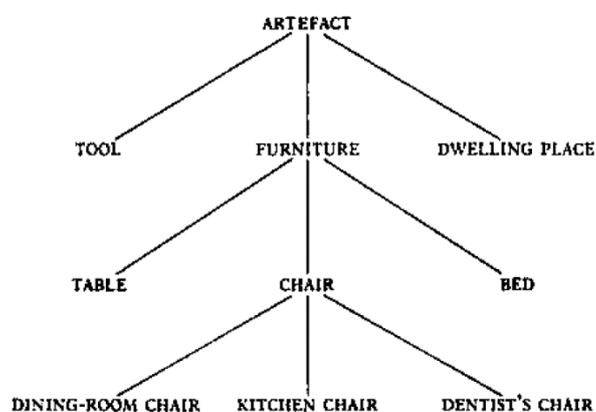
⁷ un mecanismo de organización de la información obtenida a partir de la aprehensión de la realidad, que es, en sí misma, variada y multiforme.

⁸ A plastic container, with no handle and without a saucer, such as might be delivered from a coffee vending machine, is still a cup, albeit not a typical one.

protótipo (TAYLOR, 1995, p. 61), X', que apresenta os atributos B, D e E, tem similaridade com X e, portanto, vem a ser um membro periférico, mesmo não tendo todos os atributos, da categoria Y. Um outro membro XX, dispondo apenas do atributo A, também se une a categoria pela similaridade ao protótipo, porém se torna ainda mais periférico por dispor de apenas um atributo.

A diferença da relação dos membros de uma categoria é dada, dentro da teoria dos protótipos, pelo eixo horizontal (TAYLOR, 1995, p. 46) enquanto o eixo vertical se destina a subordinação ou não de uma categoria a outra. Tomemos a Figura 2 abaixo como exemplo.

Figura 1- Eixo horizontal e vertical das categorias



Fonte: (TAYLOR, 1995, p. 47)

A categoria *cadeira* (chair) funciona como membro da categoria *mobília* (furniture), então *cadeira* é subordinada à *mobília*. Da mesma forma, *mobília* é subordinada a *artefato* (artifact). Em ordem oposta, *artefato* é superordinada à *mobília*, e esta, à *cadeira*. Um nível mais alto tem uma conceptualização mais abstrata que integra os de nível mais baixo. Embora as categorias constituam relações de subordinação diferentes, há uma categoria mais básica que “é cognitivamente e linguisticamente mais saliente do que outras”⁹ (TAYLOR, 1995, p. 48) e “é a mais importante do ponto de vista cognitivo porque é a mais eficiente [...], já que com um esforço cognitivo mínimo se obtém uma quantidade importante de informação”¹⁰ (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012 p. 55).

⁹ which is cognitively and linguistically more salient than the others.

¹⁰ es el más importante desde el punto de vista cognitivo porque es el más eficiente [...], ya que con un esfuerzo cognitivo mínimo se obtiene una cantidad importante de información.

Essa categoria é o nível básico da categorização, ou, a categoria básica. Observemos, em (f), uma hierarquia que contempla a categoria de cachorro:

- (f) Entidade > organismo > animal > mamífero > cachorro > poodle > Fred (CUENCA; HILFERTY, 1999 p. 42)

Se um falante enuncia a um ouvinte: *cuidado com o organismo!* ou *cuidado com o animal!*, a informação é muito geral, o que leva o ouvinte a ter que fazer um esforço cognitivo em saber que organismo e que animal está se referindo, podendo ser um animal de qualquer espécie ou um organismo unicelular, como um vírus. Se o falante novamente profere a um ouvinte: *cuidado com o poodle!* ou *cuidado com o Fred!*, a informação é demasiadamente específica, o que leva um esforço a saber que *poodle* é um membro da categoria *cachorro* ou que *Fred* é um membro da categoria *poodle* (caso o poodle do falante se chame Fred).

Em uma situação hipotética de perigo que o falante avise que um cachorro está vindo morder o ouvinte, por exemplo, qualquer um desses enunciados pode levar o ouvinte a gastar tempo suficiente para que possa ser mordido, de fato, por um cachorro. Uma categoria básica é aquela que “pessoas conceptualizam coisas como gestalts perceptuais e funcionais”¹¹ (TAYLOR, 1995, p. 48). Assim, caso o falante tenha avisado: *cuidado com o cachorro*, o ouvinte teria processado essa informação de forma muito mais rápida. *Cachorro*, como nível básico, é associado a imagem mais comum que os falantes conseguem acessar porque “maximizam o número de atributos compartilhados pelos membros da categoria; e minimizam o número de atributos compartilhados com os membros de outras categorias” (TAYLOR, 1995, p. 51).

Assim, de acordo com Kleiber (1990, p. 84-87 apud CUENCA; HILFERTY, 1999 p. 43), as categorias que têm a condição de serem nível básico podem ser compreendidas como:

Perceptualmente, os elementos desse nível são os que são identificados mais rapidamente porque estão associados a um imagem mental simples e global; Comunicativamente, geralmente correspondem a palavras mais curtas, são as mais frequentes em uso, o ponto de referência em contextos neutros e, além disso, são identificadas com as primeiras palavras que as crianças entendem e usam; Do ponto de vista da organização do conhecimento, é o nível mais informativo, pois uma quantidade muito alta de informações corresponde a um esforço cognitivo mínimo, devido ao fato de que a maioria dos atributos da

¹¹ people conceptualize things as perceptual and functional gestalts

categoria é memorizada neste nível. (KLEIBER, 1990, p. 84-87 apud CUENCA; HILFERTY, 1999 p. 43).

Chunking é um outro processo cognitivo, que, assim como a categorização, vale mencionar. Ele está atrelado à repetição cognitiva de um ou um conjunto de ações que se automatizam com o aumento da frequência que o falante experiencia dessas ações (BYBEE; BECKNER, 2010, p. 829). Ações podem ser tanto movimentos motores como unidades linguísticas. Uma atividade complexa, como andar de bicicleta, é uma tarefa difícil no início, pois o indivíduo precisa realizar uma sequência de várias ações, como movimentar as articulações do joelho para processar a atividade de pedalar ou equilibrar o peso com o auxílio dos braços no guidão. Essa sequência de ações complexas com a rotinização da mesma experiência pelo usuário configura uma automatização que faça o ciclista se aperfeiçoar nos movimentos e acessar toda essa ação complexa como se fosse uma ação simples, ocorrendo uma maior rapidez e saliência cognitiva. Isso se rotula como *chuking*, a capacidade que *chunks* menores, como atividade de rodar o pedal na pedivela da bicicleta e como articular os dedos da mão para acionar o freio, formam um *chunk* maior.

Assim, quando o ciclista automatiza suas ações na bicicleta, ele acessa direto o *chunk* maior andar de bicicleta, sem precisar pensar nos passos menores que essa atividade envolve. Na linguagem, qualquer palavra pode ser um *chunk*, dado que acessasse *casas*, por exemplo, como uma unidade simples, sem pensar que o -s indica plural. Bybee (2016 [2010], p. 65) menciona essa relação de *chunks* menores e *chunks* maiores ao defender que relações morfológicas, como toda a linguagem, estão submetidas no processo cognitivo do *chunking*. Embora *casas* também seja uma construção, as construções mais complexas com mais de um elemento como *amigo da onça* também entram no mesmo processo, *amigo* e *onça* são *chunks*, com a recorrência conjunta dessas palavras, cria uma combinação convencionalizada de uma conceptualização do falante. Devido a rotinização, *amigo da onça* se torna um *chunk* maior, o qual o falante acessa diretamente o todo do SN, sem dedicar esforço cognitivo em umas de suas partes.

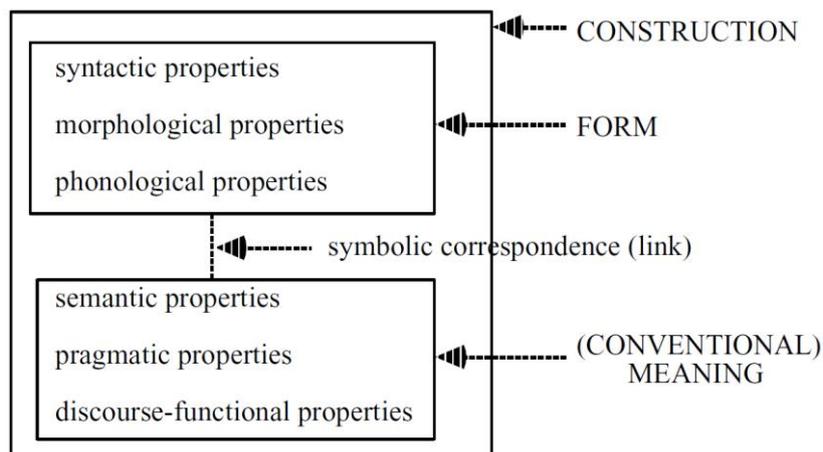
Kemmer e Barlow (2000) são estudiosos que levantam outro fator importante em estudos baseados no uso: o papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico. A linguagem emerge de um conjunto de fatores cognitivos, mas o contexto linguístico e o contexto não-linguístico são também responsáveis não só pela arquitetura da linguagem como também pelo seu funcionamento dentro de uma comunidade linguística. Contextos sociais, por exemplo, podem levar à mudança ou variação de

formas linguísticas, como a questão de prestígio, discutido com profundidade nos trabalhos de sociolinguística.

1.2 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÃO BASEADA NO USO

As gramáticas de construções (KAY; FILLMORE, 1999; LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987; GOLBERG, 1995; CROFT, 2001), no geral, representam como unidade básica uma construção. A anatomia das construções é uma relação simbólica entre uma estrutura da forma e uma estrutura do significado, como nesse modelo representado por Croft e Cruse (2004, p. 258), abaixo:

Figura 2- O elo simbólico das construções



Fonte: Croft e Cruse (p. 258)

A forma é todo material estrutural presente na construção, considerando as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas como um bloco estrutural apenas. O significado destina a toda conceptualização convencional do falante, o qual integra as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. O bloco da forma e o bloco do significado são relacionados por uma ligação simbólica que busca tanto do significado quanto da gramática a visão de serem conceptuais. Por isso, as unidades básicas na gramática de construções são simbólicas por natureza e estocadas, conforme este pareamento de forma e significado, no conhecimento linguístico do falante.

Esse conhecimento, diferente da posição modular de componentes do gerativismo, é formado por construção, não apenas uma, mas por uma rede de construções interligadas.

Assim, “construções formam um inventário estruturado do conhecimento do falante das convenções da sua linguagem”¹² (CROFT; CRUSE, 2004, p. 262). Dentro de uma rede taxonômica, como o conhecimento linguístico do falante, cada construção é um nó interligado com outras construções mais gerais por relações de esquematicidade ou generalidade. A construção [João enviou uma carta à universidade] tem relação com uma construção mais geral [SUJ enviar OBJ1 OBJ2], e esta pode ter relação com uma totalmente esquemática [SUJ V OBJ1 OBJ2]. Cada uma dessas três construções é um nó dentro do conhecimento do falante e são “independentes, mas relacionadas em termos de esquematicidade” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 263). A construção de transferência [SUJ enviar OBJ1 OBJ2] apenas tem uma interpretação semântica mais específica e restrita da construção transitiva [SUJ V OBJ1 OBJ2].

Uma construção pode ter relação esquemática com mais de uma construção ao mesmo tempo. A construção [João não enviou uma carta à universidade] é uma instância da construção de transferência [SUJ enviar OBJ1 OBJ2] e da construção de negação [NEG V]. Tal como observado por Goldberg (2013, p. 10) na construção [What did Mina buy Mel?], há uma série de construções, como a construção ditransitiva, a construção de pergunta, a construção de inversão sujeito-auxiliar, além das construções *Mina* ou *buy*, dentro em uma relação taxonômica.

A gramática de construções desenvolvida por Fillmore e Kay (FILLMORE; KAY, 1993; KAY; FILLMORE, 1999) foca principalmente nas ligações da forma e sua herança, nas relações que construções mãe podem ter construções filhas e vice-versa. A gramática de Lakoff (1987) e Goldberg (1995) situam como central a relação de categorização entre as construções. O modelo de Croft (2001) destina a interesses que são da tipologia linguística, e de Langacker (1987), o foco é sobretudo na relação da convencionalização de significado entre as construções. As gramáticas de Lakoff (1987), Langacker (1987), Goldberg (1995) e Croft (2001) são fundamentadas nos modelos baseados no uso.

Juntos, os trabalhos que versam sobre a natureza e a constituição das construções são de suma importância em nossa pesquisa, pois encaramos *pode crer* uma construção. Tal atitude impõe-nos a tarefa de analisar a expressão considerando todo o arcabouço já constituído, tanto na explicação de sua gênese como na abordagem de seu funcionamento atual. Goldberg (2013, p. 1-2), por exemplo, destaca que gramáticas de construções

¹² Constructions form a structured inventory of a speaker’s knowledge of the conventions of their language

vinculadas com os modelos baseados no uso permitem uma discussão com teorias de mudança linguística, processamento da linguagem, entre outros aspectos.

Traugott e Trousdale (2013 p. 39) perceberam uma lacuna teórica nos modelos de mudança, dado que ainda não se tinha uma proposta direcionada a perspectiva construcional da linguagem. Dessa forma, sem se vincular estritamente a nenhuma gramática específica, oferecem uma alternativa destinada a questões mais gerais levantadas pelos modelos baseados no uso e pelas gramáticas de construções gerais.

Os autores (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), conforme os outros que destinam à gramática de construções, vão na direção de considerar que a construção é um pareamento convencionalmente simbólico entre uma forma e um significado, tomado como $[[F] \leftrightarrow [M]]$ (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013 P. 8). F é a forma com as propriedades da sintaxe, morfologia e fonologia, e M representa o significado dado pelo discurso, a pragmática e a semântica, como $[[\text{supondo que}] \leftrightarrow [\text{condicional}]]$. A unidade básica da gramática é a construção, ou seja, toda a construção $[[\text{supondo que}] \leftrightarrow [\text{condicional}]]$, por exemplo, é tomada como unidade básica tanto da gramática quando da análise pelo linguista.

A adoção do modelo baseado no uso para o tratamento da mudança direciona pontos gerais que focam a mudança no uso efetivo feito pelo falante em situações reais de comunicação. O conhecimento linguístico do falante é formado por uma rede de construções, ao contrário de ser modular. A língua é uma rede de construções formadas por nós em diferentes níveis de esquematicidade, como [vai comer], [vai V₂] e [V₁ V₂], possuindo relações de heranças, o qual [vai comer] pode ser sancionado pela construção transitiva [SUJ V O] e pela construção de auxiliar [V₁ V₂]. Essa concepção não toma os componentes sintático, morfológico, semântico, entre outros, de forma discreta, dado que todos eles juntos estão presentes na formação da construção, e nenhum deles é núcleo do conhecimento do falante nem do sistema linguístico.

Dois tipos de mudanças são essenciais na proposta de Traugott e Trousdale (2013). Quando uma nova forma se atrela, por meio de um novo elo simbólico, com um novo significado e uma nova forma, resulta-se em um pareamento genuíno de forma e significado, $[[F] \leftrightarrow [M]]$. Assim, um novo nó é criado no sistema da língua, ocorrendo o processo de mudança da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013 p. 22). Quando um nó, ou uma construção, já existe no sistema e no conhecimento do falante, por exemplo $[[\text{você}] \leftrightarrow [\text{referência dêitica à segunda pessoa do discurso}]]$, e sofre mudança apenas no significado ou na forma $[[\text{cê}] \leftrightarrow [\text{referência dêitica à segunda pessoa}]]$

do discurso]], o nó é modificado sem a criação de outra construção na rede. Esse segundo tipo de mudança é rotulado como mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013 p. 26).

A rede taxonômica do modelo de Traugott e Trousdale (2013 p. 14) é direcionada principalmente ao analista, o que será discutido abaixo, e não tem relação imediata com a representação mental do conhecimento linguístico do falante, embora se aproxime, essa é a primeira divergência com as gramáticas de construções, como a de Goldberg (1995). O uso efetivo das construções no uso é tomado pelos constructos, instâncias reais que o falante faz em uma interação comunicativa, como *foi comer* em: *Eu e o Vitinho foi comer umas esfiha no Habib's* (twitter.com). As micro-construções são instanciadas dentro do uso por *foi comer*, nesta proposição, então, o linguista toma a micro-construção [[ir comer] ↔ [pretérito perfeito]]. É apenas no nível das micro-construções que as construções podem ser totalmente preenchidas e especificadas lexicalmente (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013 p. 17). As micro-construções podem instanciar um subesquema parcialmente esquemático, como [[ir V2] ↔ [pretérito perfeito]]. Na mesma direção, um subesquema pode instanciar um esquema totalmente esquemático [[V1 V2] ↔ [pretérito perfeito]]. Assim, do menos ao mais esquemático, temos: micro-construções > subesquemas > esquemas. Sobre essa rede hierárquica, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) defendem que:

Na nossa visão, esquemas e subesquemas são as subpartes do sistema linguístico que o linguista escolhe para discussão e análise. Elas não são representações mentais, embora nada impeça a sobreposição entre essas representações e as categorias dos linguistas. (TRAUGOTT; TROUSDALE 2013, p. 14)

A produtividade, esquematicidade e composicionalidade formam o conjunto de características para atestar tanto a construcionalização quanto a mudança construcional. A esquematicidade é uma abstração que o falante faz de padrões recorrentes, os quais experiencia. Quando há instâncias de uso como: a) João vai comprar um carro novo; b) Ana vai furar a quarentena; ou c) José e Maria vão ajudar a derrubar o governo, o falante generaliza um padrão mais geral a partir desses constructos, o qual forma, dentro do seu conhecimento de língua, o padrão de futuridade com o verbo *ir* enquanto auxiliar [[ir V] ↔ [futuridade]]. Essa possibilidade de esquematização por meio das experiências é

defendida por todas as gramáticas de construções, a rede que a representa no modelo de mudança foi discutida nos parágrafos anteriores.

A produtividade de uma construção pode ser vista de duas formas diferentes. A primeira está relacionada com o quanto uma construção esquemática pode sancionar diferentes construções menos esquemáticas. Nos termos da rede hierárquica de Traugott e Trousdale (2013), é o quanto um esquema pode sancionar diferentes subesquemas ou o quanto um subesquema pode sancionar diversas micro-construções. A construção esquemática [N -s] pode sancionar a maioria dos nomes da língua portuguesa em instâncias como *mesas*, *cadeiras*, entre outros. Então, a produtividade em [N -s] é alta, ao contrário da construção [N -es] que sanciona uma quantidade menor, como *nozes* ou *arrozés*, tendo uma produtividade mais baixa. Para esse tipo de produtividade, Traugott e Trousdale (2013) nomeiam como frequência type.

A segunda visão de produtividade se destina à frequência dos membros sancionados pela construção esquemática que pode ocorrer no evento comunicativo. Toma-se a construção esquemática acima [N -s] novamente. Sua produtividade *type* é alta porque sanciona uma gama de nomes na língua. Porém a frequência de cada nome pode variar dentro da interação, contendo instâncias recorrentes, e, talvez, outras não ocorrendo. Se os dados do linguista for um recorte de interação de uma aula sobre anatomia humana, instâncias, como *mesas*, *cadeiras* ou *sucos* podem não vir a acontecer, mas usos, como *veias*, *epidermes* ou *tecidos*, podem ter maior frequência. A produtividade de cada uma dessas instâncias é dada, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), pela frequência *token*.

A composicionalidade, para Traugott e Trousdale (2013, p. 19), direciona-se à transparência, ou a falta dela, da estrutura da forma com a estrutura do significado. A composicionalidade é tomada em termos de significado formal, assim, a soma do significado das partes é igual o significado do todo. Caso uma construção seja não composicional, a regra é que a soma do significado das partes não condiz com o significado do todo. Para Traugott e Trousdale (2013, p. 19), baseando-se numa visão formal, como defendido igualmente pelas semânticas formais, o componente sintático e o componente semântico precisam ser transparentes para que a composicionalidade ocorra.

Além dessas características que definem as construções, dois mecanismos de mudança atuam para que a esquematicidade, produtividade e composicionalidade ocorram para a realização da construcionalização e a mudança construcional no sistema

linguístico. O primeiro é a analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 37 e 56), processo que nasce do fruto de pensamento analógico que o ouvinte realiza, e depois compartilha, dos enunciados compreendidos na interação. Quando o falante produz uma certa construção, sendo um nó reconhecido no sistema linguístico, da experiência que quer comunicar ao outro, o ouvinte pode compreender exatamente a estrutura da forma e do significado dessa construção.

Uma outra possibilidade, ao contrário, destina ao ouvinte a tarefa de interpretar distintamente a forma ou o significado, resultando em uma formação simbólica diferente daquela conhecida pelo falante. Nesse ponto, o ouvinte, por meio de seu pensamento analógico, compreende a construção do falante em uma rede esquemática diferente, como uma nova construção, que foi sancionada por similaridade aos protótipos dessa rede. O pensamento analógico, como enfatizado por Traugott e Trousdale (2013, p. 98), é um processo cognitivo básico atuante na formação do sistema da língua (cf. BYBEE, 2016 [2010], p. 98). A partir do momento que o falante passa a usar essa nova construção, e ela se convencionaliza dentro da comunidade linguística, uma mudança ocorre, tendo como mecanismo a analogização.

Já o segundo é a neoanálise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35), quando pequenas alterações em uma construção acontecem especificadamente na forma, no significado ou em ambos. Tomemos a mesma situação descrita sobre a analogização. Quando o ouvinte reinterpreta a relação simbólica do falante de forma distinta, com alterações na forma ou no significado, e essa nova construção é convencionalizada posteriormente, uma neoanálise ocorreu. Isso porque “analogização é neoanálise. Mesmo que toda analogização é neoanálise, pode haver neoanálise sem analogização” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 58), ou seja, cada analogização é uma pequena mudança para a convencionalização de uma nova mudança ou nova construção. A neoanálise sem analogia baseia-se na capacidade que o ouvinte tem de interpretar a forma ou o significado de forma diferente, como a redução fonológica, por exemplo, nesta construção [[você] ↔ [referência dêitica a segunda pessoa do discurso]] a [[cê] ↔ [referência dêitica a segunda pessoa do discurso]].

A mudança construcional é fundamentada principalmente pela neoanálise, dado que pequenas alterações ocorrem na construção ao longo da história das línguas, podendo formar pareamentos genuínos caso ambos a forma e o significado se alterem na constituição de um novo elo simbólico.

A construcionalização procedural direciona aos novos pareamentos de forma e significado destinados a direção da organização da estrutura da língua, os quais contém as propriedades de aumento de produtividade, de esquematicidade e diminuição da composicionalidade. A construcionalização conteudista (lexical) orienta novos elos simbólicos conduzidos à elementos referenciais, os quais, semelhante ao procedural, tem os atributos do aumento da esquematicidade e diminuição da composicionalidade. As mudanças construcionais ocorrem, em um padrão simbólico, pela forma ou pelo significado, quando ambos se alteram para a criação de um novo elo simbólico, a construcionalização surge. Porém, a mudança construcional pode continuar atuando, como visto na redução fonológica exemplificada acima.

Essa visão sobre as mudanças que afetam diferentes construções linguísticas parece suficiente para amparar a análise dos diferentes usos de *pode crer* no português, observando, sobretudo, a maneira pela qual a expressão mostra-se mais autônoma sintaticamente e com seu valor epistêmico mais enfraquecido. Essa trajetória aparentemente demonstrada se alinha a que se vê para MD, detalhados abaixo.

SEÇÃO 2 – MARCADORES DISCURSIVOS

2 INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos são um conjunto de expressões que nascem de diferentes categorias sintáticas, tal como as conjunções, adjuntos, sintagmas e, até mesmo, orações. Diferentes bases teóricas, como a Linguística Textual (cf. RISSO *et al*, 2019), Análise do discurso (cf. SCHIFFRIN, 1987) e a Pragmática (FRASER, 1990), dentre outras, têm colaborado para compreender mais profundamente as especificidades formais, funcionais e contextuais dos marcadores.

Este capítulo destina-se a uma discussão mais ampla sobre duas principais abordagens. Uma comumente utilizada como referência por autores da abordagem construcional e outra largamente difundida em pesquisas brasileiras. Qualquer análise deve reconhecer o papel da pragmática como fundamental para a descrição dos marcadores discursivos. O viés pragmático será o primeiro abordado. Em seguida, será mostrado como os marcadores é visto em duas perspectivas linguísticas distintas com a finalidade de sintetizar traços que os caracterizam.

2.1 O SIGNIFICADO PRAGMÁTICO

A pragmática, antes de ter seu estatuto bem definido dentro da linguística, foi vista inicialmente como um *depósito* no qual cabiam os fenômenos e as discussões relegados a ficar de fora dos limites da Morfologia, Sintaxe ou Semântica. Fiorin (2010a) afirma, sobre isso, que “nos anos 1970, a Pragmática era considerada por muitos linguistas a ‘lata do lixo da Linguística’ [...]. Seu objeto seria um conjunto de fatos marginais.” (FIORIN, 2010a, p. 169).

A pragmática, enquanto conjunto de teorias linguísticas, recorta seu objeto dentro do uso linguístico, com a busca de uma relação entre as expressões linguísticas e o uso real dessas expressões. Conforme Fiorin (2010b, p. 166) “a Pragmática é a ciência do uso linguístico, estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística”. Hoje, manuais de pragmática (cf. YULE, 1996; 2010) já relatam os atos de fala e a polidez, entre outras características fundamentais ao quadro teórico mais geral sobre a pragmática linguística.

O significado de contexto pode ser difuso se não for amparado em uma teoria e conceituação específicas. A semântica, por exemplo, define o significado das palavras por meio de um contexto, porém a pragmática também utiliza um contexto para definir o significado. O contexto linguístico, chamado também de co-texto, de acordo com Yule (2010, p. 129), é o conjunto de palavras usadas junto com uma dada forma. Para compreender o significado semântico da palavra *manga*, no português, é necessário verificar o contexto linguístico (co-texto) que ela é usada. Expressões, como *a manga é doce*, *pega uma manga pra mim*, *nesta árvore há muitas mangas*, mostram que *manga* é usado em um contexto linguístico que estão situados sintagmas *doce* e *nesta árvore*. Isso implica na restrição de seu significado como uma fruta. Ao contrário, *manga* como parte de vestimenta estaria presente em contextos linguísticos distintos de *árvore* ou de sabores, pelo menos em um sentido mais geral, dado que é possível ter esta oração *a manga da camisa ficou presa na árvore*. Esse contexto linguístico é o que sinalizamos como parte da semântica.

O contexto pragmático situa-se nos contextos extralinguísticos. Um deles é o contexto físico, que orienta o significado das formas dêiticas da língua, ou pode sinalizar o significado de uma palavra homógrafa dentro de uma situação comunicativa. Conforme Yule (2010, p. 130), se vemos uma construção física, um edifício, com a placa *banco*, o falante vai conceber o significado como uma instituição financeira, ao contrário de um objeto para sentar-se. Assim, o exterior da língua vai definir a compreensão de uma dada expressão linguística, caso seja, por exemplo, o enunciado de um falante *vou ali no banco*, dado que pode ter a leitura de *banco* enquanto instituição ou objeto, tomando-se isoladamente fora de contexto. Yule (2010) nota que contexto pode ser de vários tipos, como o físico, social, psicológico, entre outros. Vamos adotar essa definição mais ampla de Levinson (1983, p. 5) que “contexto é entendido para abranger as identidades dos participantes, os parâmetros temporais e espaciais do evento de fala e [...] as crenças, conhecimentos e intenções dos participantes nesse evento de fala”¹³. Assim, no lugar de situar o contexto específico como social ou físico, vamos utilizar, ao longo desta dissertação, apenas contexto, nos termos de Levinson (1983), e co-texto para o contexto linguístico, evitando uma ambiguidade entre o contexto linguístico e os não linguísticos.

13 Where the term context is understood to cover the identities of participants, the temporal and spatial parameters of the speech event, and (as we shall see) the beliefs, knowledge and intentions of the participants in that speech event.

Levinson (1983), já no início da década de 80, observou um fenômeno sustentado fortemente por um significado pragmático:

[...] existem muitas palavras e sentenças em inglês, e sem dúvida na maioria das línguas, que indicam a relação entre um enunciado e o discurso anterior. Exemplos são usos iniciais de enunciados de *but, therefore, in conclusion, to the contrary, still, however, anyway, well, besides, actually, all in all, so, after all* e outros. É geralmente concedido que essas palavras têm pelo menos um componente de significado que resiste ao tratamento [semântico] de condições de verdade [...]. O que eles parecem fazer é indicar, muitas vezes de maneiras muito complexas, como o enunciado que os contém é uma resposta ou uma continuação da parte do discurso anterior.¹⁴ (LEVINSON, 1983, p. 87-88, grifos do autor).

Essas palavras e sentenças no inglês poderiam ser vistas como marcadores discursivos. Levinson (1983) notou que havia algumas formas presentes no início de enunciados portadoras de um apelo à pragmática. Um exemplo no português seria quando um falante A produz o ato *Maria já foi embora da festa de aniversário*, e B responde *então ela não comeu o bolo*. O marcador *então* indicaria algum tipo de relação com o discurso anterior *Maria... aniversário* e não seria transparente em seu significado mais tradicional como advérbio. Essas formas se amparam em relações essencialmente pragmáticas, pois dependem de informações extralinguísticas, presentes apenas no uso linguístico. Como o fenômeno observado nesta dissertação se encontra na mesma região do que essas formas indicadas por Levinson (1983), a seguir, há uma exposição geral de duas abordagens a respeito dos marcadores.

2.2 OS MARCADORES DISCURSIVOS

Nem todas as abordagens mostram coincidências no tratamento dos marcadores. As abordagens escolhidas aqui partem de Schiffrin (1987) e da Gramática Textual-Interativa. Essa escolha se dá em alguns cruzamentos teóricos, primeiro, pelo fato de Schiffrin ser usada em alguns trabalhos de Traugott (2016; 2010), segundo, pela presença da abordagem textual-interativa nas pesquisas brasileiras sobre marcadores discursivos. A abordagem brasileira, guiada pela Gramática Textual-Interativa, é o quadro teórico

14 [...] there are many words and phrases in English, and no doubt most languages, that indicate the relationship between an utterance and the prior discourse. Examples are utterance-initial usages of *but, therefore, in conclusion, to the contrary, still, however, anyway, well, besides, actually, all in all, so, after all, and so on*. It is generally conceded that such words have at least a component of meaning that resists truth-conditional treatment [...]. What they seem to do is indicate, often in very complex ways, just how the utterance that contains them is a response to, or a continuation of, some portion of the prior discourse.

brasileiro de maior material e aprofundamento sobre os marcadores na língua portuguesa, espaço que ocupa nesta seção por trabalhar fenômenos tão próximos ao *pode crer*. A seguir, há a exposição desses autores.

2.2.1 A PROPOSTA DE SCHIFFRIN

Schiffrin (1987) realiza um estudo de um conjunto de expressões, composto por *and, because, but, I mean, now, oh, or, so, then, well, e y'know*, como unidades que contribuem para estabelecer uma coerência discursiva nas narrativas orais dos falantes. A autora nomeia essas formas como marcadores discursivos. O seu quadro teórico é construído a partir de um modelo de discurso focado na coerência da conversação. Assim, conforme Schiffrin pontua (1987, p. 24), ela propõe “um modelo de coerência na fala, o qual [...] lev[a] a ser um modelo do discurso”.

Esse modelo arquiteta-se por meio de cinco domínios. A **estrutura de troca** (*exchange structure*) refere-se aos mecanismos em torno do turno conversacional, que, em termos de Goffman (1981 *apud* SCHIFFRIN, 1987, p. 24), abarca as restrições próprias da conversação, como a troca de papel falante-ouvinte, além da habilidade mútua de transmitir mensagens, tomada de turnos e sinais responsável pela arrumação da interação. A **estrutura de ação** (*action structure*) destina-se a contemplar a forma que os atos de fala se organizam no discurso, sustentando as relações interpessoais dos falantes. Tanto a **estrutura de troca** quanto a **estrutura da ação** são orientados fortemente pelos sistemas de restrições da fala de Goffman (1981) e situados pragmaticamente (SCHIFFRIN, 1987, p. 25).

A **estrutura ideacional** (*ideational structure*) orienta-se por meio de relações semânticas¹⁵. Schiffrin (1987, p. 26) agrupa nela três elementos: 1) a relação coesiva, que manifesta a interpretação de uma oração com seu contexto oracional anterior; 2) a relação tópica, que relaciona sobre o que está sendo falado e construído pelos falantes em um determinado tema; e 3) as relações funcionais, que destina as generalizações, as razões,

15 Tomado pela posição de Schiffrin (1987, p. 26) “As I noted above, *idea structures differ from action and exchange structures because they consist of linguistic units (propositions with semantic content), whereas exchange and action structures emerge through units (turns and acts) which are realized by the use of language, but are not linguistic per se.*” (Como notado acima, estrutura ideacional diferem da estrutura de ação e troca porque eles consistem de unidades linguísticas (proposição com conteúdo semântico), enquanto estruturas de troca e ação emergem por meio de unidades (turnos e atos), que são realizados pelo uso da linguagem, mas não são linguísticos *per se*).

as causas ou as explicações dos atos que fazem base para a argumentação do fundo discursivo dos falantes. O **quadro de participação** (*participation framework*) direciona as formas como o falante e o ouvinte podem se relacionar um com outro, performando atos e sendo responsáveis pelas condições que esses atos geram no outro. E, por último, o **estado de informação** (*information state*) refere-se à capacidade cognitiva que os participantes da interação podem organizar ou configurar seu fluxo de conhecimento e supor o grau de conhecimento que o outro tenha.

Por meio desse modelo de discurso, a autora sinaliza que os marcadores discursivos servem para “prover coordenadas contextuais para conversação em andamento” (SCHIFFRIN, 1987, p. 41), trabalhando no nível do discurso. Schiffrin (1987) descreve, a partir de transcrições de entrevistas sociolinguísticas, como os falantes utilizam os marcadores para se manifestarem na interação com os outros participantes, perguntando-se “onde os marcadores ocorrem e por quê?” (SCHIFFRIN, 1987, p. 313). Ela percebe que cada domínio do discurso, como visto acima, pode situar um marcador específico, embora alguns podem atuar em mais de um plano. Os exemplos (4) e (5) são de Schiffrin (1987) e a tradução é aproximativa, devido a especificidade do inglês oral, que impede equivalentes mais precisos em português:

- (4) Jack: Que tal hum ... e esse hum ... hum ... *Death of a Salesman*?
 Freda: Bem isso foi um show com certeza.
 Jack: **Oh** isso também foi um filme¹⁶ (SCHIFFRIN, 1987, p. 76)
- (5) Debby: E aí você tem *três* filhos?
 Irene: Tenho *quatro*. Três meninos e uma menina.
 Debby: [quatro filhos] **oh** eu não sabia disso¹⁷
 (SCHIFFRIN, 1987, p. 89)

Schiffrin (1987) sinaliza que, em (4), Jack e Freda estão conversando sobre os seus filmes preferidos. Jack traz ao discurso o filme *Death of a salesman*, porém Freda faz uma alteração ao conteúdo por mencionar que *Death of a salesman* é um show. Novamente, Jack realiza uma reparação na tentativa de alteração de Freda, mencionando que *Death of a salesman* também foi um filme. O uso do marcador discursivo *oh* destaca

16 Jack: How bout uh.. .how bout the one uh.. .uh.. *Death of a Salesman*?

Freda: Well that was a show, sure.

Jack: **Oh** that was a movie too

17 Debby: So what, you have *three* kids?

Irene: I have four. Three boys and a girl.

Debby: *Four* kids. **Oh** I didn't know that

uma reparação iniciada pelo outro para a correção de algum ponto informacional no discurso dos falantes. O segundo exemplo, em (5), o marcador *oh* funciona como um reconhecimento da informação da resposta no par pergunta/resposta. Debby pergunta a Irene se a Irene tem três filhos. Porém, a resposta de Irene não é inicialmente satisfatória para Debby, porque sinaliza a informação de quatro filhos, e depois especifica *três meninos*. No momento que Irene menciona *três meninos*, Debby pronuncia ao mesmo tempo *quatro filhos*, situando uma informação imprecisa de Irene a sua resposta inicial. Quando recebe a informação discursiva nova de *uma menina*, marca com o marcador discursivo um reconhecimento de resposta da informação imprecisa não antecipada por Irene. *Oh* tem a relação com a coerência do discurso, conforme esses exemplos, de reparação e reconhecimento de uma informação em pares pergunta/resposta. Schiffrin (1987) sinaliza que *oh* pode atuar no **estado de informação**, tal como no **quadro de participação** e na **estrutura da ação**. Dessa forma, as propriedades dos marcadores discursivos, conforme Schiffrin (1987), são conectar diferentes partes do discurso de naturezas diferentes com o intuito de esclarecer as intenções comunicativas do falante.

2.2.2 SOBRE UMA ABORDAGEM BRASILEIRA DOS MARCADORES DISCURSIVOS

Os estudos brasileiros sobre marcadores discursivos, tomados aqui, concentram-se dentro da proposta teórica da Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2019), que contempla a chamada Gramática Textual- Interativa. Essa abordagem concebe o texto como objeto de estudo, sendo fruto da interação verbal dos falantes, construída nas bases da Pragmática, Linguística Textual e Análise da Conversação (JUBRAN, 2019, p. 33). A concepção de linguagem é vista, conforme Jubran (2019, p. 32), “como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, [...] levando em conta circunstâncias de enunciação”.

Conforme visto em 2.1 sobre questões pragmáticas, a Perspectiva Textual-Interativa também toma esse nível de análise linguística como essencial, constituindo parte de um esquema tripartite entre Pragmática/Linguística Textual/Análise da Conversação¹⁸. A pragmática contribui para a explicação e descrição dos fatos

18 Na exposição das bases da gramática textual-interativa, terá foco principal o quadro pragmático, por ser tema já tratado na exposição geral do capítulo 2, mas não esquecendo, por isso, das contribuições da

linguísticos pelo uso efetivo das instâncias enunciadas pelos falantes, considerando as condições criadas no momento da interação, que permitem aos interlocutores expressarem seu posicionamento, suas crenças e convenções na estruturação da língua¹⁹. Dessa forma, situar a pragmática no quadro de uma teoria gramatical evidencia-se, “na reflexão gramatical, a questão da linguagem relativamente aos usuários reciprocamente situados no processo de interação verbal” (JUBRAN, 2019, p. 33).

Dentro da perspectiva textual-interativa, os marcadores discursivos são definidos e amplamente estudados por integrarem os objetivos mais gerais da abordagem. Risso *et al* (2019) reconhecem, há tempos, a problemática em torno da categoria dos marcadores, então reúnem dez atributos²⁰ mais gerais, por meio da análise de diversos marcadores, para determinar o que eles são, de fato. Para estabelecer os atributos, os autores (2019, p. 373) especificaram algumas variáveis. O **padrão de recorrência** destina-se a observar a frequência que os marcadores discursivos aparecem em um *corpus*, sendo baixa se ocorrer de 1 a 3 vezes, média de 4 a 9 e alta de 10 ou mais. A **articulação de segmentação do discurso** destaca se o marcador atua como sequenciador tópico, sequenciador frasal ou não sequenciador.

A **orientação da interação** frisa a força de interação no uso do marcador. Se o falante ou o ouvinte utiliza o marcador nitidamente em direção ao outro, como monitoramento do tópico ou aprovação discursiva, por exemplo, encaixa-se em *basicamente orientador*. Caso algum dos interlocutores use o marcador para focalizar suas estratégias argumentativas, insere-se no *secundariamente orientador*. O terceiro, por último, ocorre quando o próprio evento interacional já estipula sua natureza conversacional, assim o marcador tem carácter fraco na interação. A **articulação de segmentação do discurso** e a **orientação da interação** não se integram no conjunto de formação dos atributos, pois elas caracterizam os dois grupos diferentes de marcadores que são defendidos pelos autores. Eles, esses grupos, são responsáveis por determinar a

Linguística Textual e da Análise da Conversação. Essas duas últimas não serão aprofundadas em sua essência teórica ao longo deste subtópico 2.2.3.

19 Diversos linguistas têm notado a capacidade da pragmática atuar e alterar o plano sintático. Givón (1979, cf. cap. 5) tem debatido sobre a sintetização do discurso, por exemplo. Isso pode ser visto pela sua afirmação que “‘pragmatic’ discourse structures develop – over time – into tight, ‘grammaticalized’ syntactic structures” (idem, p. 208) (estruturas do discurso “pragmático” se desenvolvem – ao longo do tempo – em estruturas sintáticas estreitas “gramaticalizadas”).

20 Risso *et al* (2019) usam o termo *traços*, porém vamos optar pela perspectiva de Taylor (1995) e usar o termo *atributos*, porque *traços* remetem a categorização clássica em que os membros precisam ter os *traços* suficientes e necessários para integrar a uma categoria. Nós, entretanto, observamos que eles (2019) tratam a categoria de marcadores em forma de prototipicidade (cf. A categorização linguística em 1.3).

natureza de dois marcadores básicos que serão vistos mais a frente, os marcadores basicamente sequenciadores e os marcadores basicamente interacionais.

A **relação com o conteúdo proposicional** acentua se o marcador funciona exterior ao conteúdo, não exterior ao conteúdo ou em casos que isso não se aplica, como em unidades de interjeição. A **transparência semântica** remete se o significado dos marcadores é transparente partindo pelo sentido denotativo e referencial. Foi notado que eles podem conter um significado totalmente transparente, parcialmente transparente, opaco ou se constituírem como representações fônicas (*oh!* ou *uhum*), caso em que questões de transparência e opacidade não se aplicam. A **apresentação formal** distingue as formas que apresentam ou não variações, como *entende?/entendeu?*. A **relação sintática com a estrutura oracional da oração** divide os marcadores em sua dependência sintática. Quando eles não se integram sintaticamente na formação da estrutura oracional, são tomados como sintaticamente independentes. Desde que passam a ser parte da oração, são sintaticamente dependentes.

A **demarcação prosódica** especifica se o marcador apresenta certa característica prosódica em sua periferia, como pausas, entonação ou rebaixamento da voz. Risso *et al* (2019) dividem essa variável em marcadores que possuem uma pauta demarcativa e marcadores que não possuem. A **autonomia comunicativa** diferencia se há um conteúdo proposicional autônomo ou não, constituindo os marcadores. E, por último, a **massa fônica** classifica os marcadores em sua quantidade de sílabas tônicas, formando um primeiro grupo com até três sílabas tônicas e outro grupo com mais de três.

Por meio dessas variáveis, a categoria dos marcadores discursivos é definida, conforme Risso *et al* (2019, p. 381), pelos atributos: alta recorrência; exterioridade ao conteúdo proposicional; transparência semântica parcial; invariabilidade formal ou variabilidade restrita; independência sintática; demarcação prosódica; não autonomia comunicativa; e massa fônica reduzida. Essas são as características mais centrais dos marcadores. Quanto mais atributos um marcador possui como membro da categoria, mais prototípico ele se torna em comparação com os demais, que podem conter menos atributos a semelhança do protótipo. Retornando à temática acima sobre as variáveis **articulação de segmentação do discurso** e a **orientação da interação**, os autores não as integram como atributos, pois elas identificam duas naturezas diferentes dos marcadores.

Os **marcadores discursivos basicamente sequenciadores** são, de acordo com Risso (2019), um grupo que funciona na articulação dos segmentos textuais. Eles podem ter a função interacional de encaminhar, abrir ou fechar um tópico discursivo, entendido,

conforme Jubran *et al* (2002), como uma manifestação “mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. O tópico compreende o assunto que é desenvolvido em uma interação, o qual é demarcado por meio de dois processos: a centração tópica e a sua organicidade.

A centração confere os limites de um tópico com um outro, situando as partes textuais que se correlacionam interacionalmente por meio do percurso de uma temática. A organicidade tópica é a relação de uma temática com a outra em um plano super ou subordinado, como o tópico *família*, que pode constituir tópicos discursivos como *filhos* ou *casamento*, e, no plano horizontal, a interrelação interacional entre os tópicos, por exemplo, *filho* e *casamento*. Abaixo, há um exemplo dos marcadores discursivos basicamente sequenciadores:

- (6) L2 – o menino detesta escola ... então:: ... ele acor::da ... e te pergunta do quarto dele se tem aula ... se TEM AUla (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo” ... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã ... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levan::tam
- [
- L1 – (ótimo)
- L2 – é tudo sem problema
- L1 – ahn
- L2 – isso com cinco anos heim calcula o que que me espera mais tarde ((risos)) ... (quer dizer o que espera por ele) ... que a alternativa que a gente dá para ele é se não quiser ir a escola então vai trabalhar ... mas trabalhar o dia inteiro ... que é como o pai
- L1 – coitado cinco anos
- [
- L2 – é
- L1 – e já ... colocado assim nessa alternativa não?
- [
- L2 – porque:: já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico:: indecisa porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender ah que dizendo que não quer ir não vai ... eu estou criando um precedente muito sério ... L1 – *agora* talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde ... não seria conveniente mudá-lo de período escolar? [D2 SP 360] (RISSO, 2019, p. 402)

A centração tópica dessa interação é a “resistência do filho de L2 à escola” (RISSO, 2019, p. 402). Desde o início até a última porção de texto, o assunto se centra sobre o filho de L2 no momento de acordar para ir à escola com as comparações ao mundo do trabalho. Na organização textual-interativa de um texto, alguns mecanismos podem ser usados para que um dos falantes se posicione na interação e manifeste a sua orientação. Um deles é o marcador discursivo *agora*. L1 promove, no curso de sua

interação, uma manifestação atenuativa a respeito das proposições de L2 sobre o filho, podendo ser observado em *coitado cinco anos* ou *e já ... colocado assim nessa alternativa não?*. Essas formas atenuativas levam a uma orientação sobre o assunto divergente à posição enunciada por L2. O uso de *agora*, no último turno de fala de L1, marca esse contraste por mudar a orientação que vinha sendo desenvolvida por L2 a respeito da resistência do filho. L1 direciona seu posicionamento a resistência com a fonte apontada ao horário da escola e não para a escola em si. Dessa forma, utiliza-se da estratégia do *agora* para sinalizar seu ponto de vista diferente na sequenciação textual-discursiva que vinha, então, sendo desenvolvida por L2.

Os **marcadores discursivos basicamente interacionais** são, conforme Urbano (2019), um grupo que regula, sobretudo, o grau de envolvimento dos interlocutores e a sua direção, caso seja um envolvimento consigo mesmo (subjeto) ou com o ouvinte (intersubjetivo). Este conjunto de marcadores difere dos sequenciadores por ter um reforço mais acentuado na própria natureza da interação, embora contendo “função concomitante de sequenciadores tópicos” (URBANO, 2019, p. 253). Em (7), vemos um exemplo desses marcadores.

- (7) L1 – agora eu assumi também ... uma:: secretaria da APM ... lá do colégio das crianças
 L2 – [certo
 L1 – então eu tenho muito muita tarefa também ... fora
 L2 – [ahn
 L1 – de casa não é? [DP SP 360] (URBANO, 2019, p. 465)

Nessa interação, *certo* exerce a função de *feedback*. Esta estratégia textual-interativa sinaliza que o falante está acompanhando e entendendo o desenvolvimento do tópico do outro interlocutor. *Certo*, usado por L2, faz que o falante se mantém no seu papel de interlocutor ao usar mecanismos de acompanhando de tópico.

Recapitulando as asserções sobre os marcadores feitas até aqui. Schiffrin (1987) situa os marcadores discursivos dentro de um plano mais abrangente de conversação por meio de sua proposta de análise do discurso. Para a autora (1987) os marcadores são essenciais para a negociação do ponto de vista dos falantes, os diferentes planos que definem seu modelo orientam uma concepção nas questões sobre semânticas, pragmáticas e discursivas que os marcadores exercem na interação. Tal asserção demonstra que discutir sobre *pode crer* deve levar em conta conceitos básicos como tópico, fluxo de

conhecimento, papel de falante/ouvinte, entre outros importantes que são caros à interação como um todo. A Gramática Textual-Interativa, em sua forma de lidar com os marcadores discursivos, como uma categorização orientada por prototipicidade, relaciona-se com a categorização discutida no nosso quadro teórico do capítulo 1, que apresenta a categoria formada por atributos que não necessariamente um membro deve conter todos os atributos para ser integrado à categoria.

Mesmo assim, alguns atributos desta abordagem serão rediscutidos na análise, o que não diminui o fato de que essa visão colabora para situar o *pode crer* enquanto membro de uma classe dos marcadores ou, ao menos, permite atribuir-lhe traços capazes de aloca-lo na esfera desse tipo de expediente linguístico.

2.3 OS VERBOS BASE DE *PODE CRER*

Nesta parte, iremos apresentar estudos relacionados a cada um dos slots que formam a construção *pode crer*, especificadamente o verbo auxiliar *poder* e o verbo cognitivo *crer*.

2.3.1 O AUXILIAR *PODER*

Os auxiliares “expressam, basicamente, o Tempo, Modo, Aspecto, Voz dos *verbos lexicais* que acompanham” (ROSA, 2003, p. 112, grifos da autora). A categorização de (verbos) auxiliares não é unânime entre os autores. Rosa (2003) os classifica como uma categoria morfológica distinta da dos verbos, já Ilari e Basso (2014) os compreendem junto aos verbos plenos, situando-os em uma mesma categoria²¹. Por esta difusão teórica, nesta exposição, não vamos discutir questões assim, mas apenas tomar *poder* como auxiliar.

Neves (2000), examinando a polissemia presente dos auxiliares modais, verifica que o auxiliar *poder* pode ter quatro leituras distintas: “permissão, possibilidade deôntica,

21 Na linguística, autores, como Heine (1993), Longo e Campos (2002), e outros, têm proposto uma série de critérios para conferir o estatuto de auxiliaridade de formas verbais. Não será verificado, nesta dissertação, a auxiliaridade do verbo *poder* na construção [*pode crer*], dado que não se integra ao campo que esta pesquisa se situa em termos teóricos com a gramática de construções e com a formação histórica do fenômeno estudado, sinalizando o auxiliar *poder* com o verbo *crer* em uma formação convencionalizada pelo uso que o falante faz dentro de sua interação verbal.

possibilidade epistêmica e volição” (NEVES, 2000, p. 120). A autora reconhece que uma mesma perífrase pode representar individualmente cada uma dessas leituras ou ter a possibilidade de mais de um significado na mesma oração. Algumas ocorrências de Neves (2000) demonstram esse caso:

- (8) Agora você pode ir embora, escravo. (NEVES, 2000, p. 120)
- (9) Chama-se Luzia. É limpa, boazinha, não tem perigo. O senhor pode ir sossegado com ela. (NEVES, 2000, p. 120)
- (10) O simbolismo das zonas pode ir mais adiante, porém é necessário que se tenha maior cautela. (NEVES, 2000, p. 120)
- (11) Caio – disse ele me apontando – bem que pode ir. É o menos marcado. Não está comprometido com nada. (NEVES, 2000, p. 120)
- (12) Esse delegado pode ir abusar com mulher da vida e cachaceiro, na Vargem da Cruz, mas comigo é diferente. (NEVES, 2000, p. 120)

Conforme a análise de Neves (2000), em (8), há a leitura de permissão. Em (9) apresenta-se a possibilidade deontica, e em (10), a epistêmica. O sentido de volição pode ser visto na ocorrência em (11). Embora cada um dos exemplos traga um significado modal distinto, em (12), há duas interpretações possíveis: uma de capacidade e outra de possibilidade. Neves (2000, p. 121) nota que duas interpretações ou mais, sobre o modal, em uma mesma estrutura, podem estar presentes dentro de um contexto ainda mais amplo, não necessariamente representando um significado mais saliente restringido contextualmente. Brunelli e Gasparini-Bastos (2011), em seu estudo com o auxiliar *poder*, enfatizam igualmente a polissemia presente em uma mesma oração:

A menina pode comprar o bolo, que pode receber as seguintes leituras: a) a menina tem o poder de comprar o bolo, isto é, tem dinheiro suficiente (poder = capacidade); b) a menina tem permissão para comprar o bolo (poder = permissão); c) é possível que a menina compre o bolo (poder = possibilidade). (BRUNELLI; GASPARINI-BASTOS, 2011, p. 62, grifos dos autores)

Poder tem o potencial de expressar diferentes significados e sua relação com outro verbo ainda pode suscitar diferentes nuances de sentido, como visto em Brunelli e Gasparini-Bastos (2011).

2.3.2 O VERBO EPISTÊMICO/COGNITIVO *CRER*

Crer é um verbo que porta um traço semântico ligado à cognição e, atrelado a este, um aspecto epistêmico. Para compreender a interrelação entre a característica cognitiva e epistêmica, remetemos a proposta de gramática sistêmica-funcional de Halliday e Mathiessen (2004). Seu modelo de descrição toma como nível básico de análise o texto. A língua é vista como um sistema socio-semiótico em que os significados emergem das escolhas léxico-gramaticais que os falantes fazem no momento da interação. É funcional, porque serve a uma função comunicativa, e é por meio da linguagem que se constrói uma teoria da experiência humana.

Para Halliday e Mathiessen (2004, p. 24)

Nós usamos a linguagem para entender nossa experiência e realizar nossas interações com outras pessoas. Isso significa que a gramática deve interagir com o que acontece fora da linguagem: com os acontecimentos e condições do mundo e com os processos sociais em que nos envolvemos²² (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 24).

Essa experiência é construída pela linguagem. O significado léxico-gramatical das orações representa os processos da própria natureza humana, como a relação com experiências materiais, mentais ou existenciais. Em outras palavras, os processos humanos e sociais de *fazer*, *sentir*, *acontecer*, *ser* ou *ter* são mapeados na estrutura gramatical da língua. Dessa forma, Halliday e Mathiessen (2004) dividem, em alguns grupos, os processos da experiência: os processos materiais, mentais, relacionais, comportamentais, existenciais e verbais.

Os processos mentais²³ “são preocupados com nossa experiência de mundo da nossa própria consciência”²⁴ (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 197). Eles representam um processo de *sentido*, tomado como a capacidade de detectar e construir um mundo por meio do *sentir*, emergindo a experiência por meio do sentido ou sentidos do falante, como percepção, cognição, desejo ou emoção. Um processo mental, estruturado na língua, leva em conta um sujeito gramatical dotado de consciência ou a um objeto que o falante lhe deseja conferir um fluxo de consciência.

22 We use language to make sense of our experience, and to carry out our interactions with other people. This means that the grammar has to interface with what goes on outside language: with the happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in.

23 Apenas o processo mental será discutido nesta exposição por representar a natureza do verbo *crer*. Os outros processos podem ser conferidos em Halliday e Mathiessen (2004).

24 ‘mental’ clauses are concerned with our experience of the world of our own consciousness.

A proposição vinculada às estruturas de processo mental é tomada como *fenômeno*. Isso representa o que é, pelo falante, sentido, pensado ou percebido, sendo ela configurada como um complemento direto, relativo ou oracional. Dentro dos tipos de processos mentais, situam-se os de processamento cognitivo, responsável pelo conhecimento de mundo construído pelo falante que advém de verbos como *achar*, *pensar*, *imaginar*, *crer*, entre outros. Os verbos de cognição revelam uma experiência na mente do homem, em termos do que é pensado sobre as coisas do mundo.

As características de significado mais específico que surgem do processamento cognitivo do falante representam atributos, conforme Halliday e Mathiessen (2004, p. 225), de *dúvida*, *suposição*, *curiosidade*, *certeza* e outros. Barbosa-Santos (2019), analisando um conjunto de verbos cognitivos no português, situa igualmente significados específicos desses verbos em seu processamento cognitivo. O verbo *crer*, presente em casos em que crença e postura epistêmica se entrelaçam, é tomado pela autora como “considerar algo digno de fé” (BARBOSA SANTOS, 2019, p. 95), partindo de significados em que a proposição é compreendida como alvo de uma certa crença do falante.

Halliday e Mathiessen (2004, p. 208) sinalizam que verbos de processo mental têm naturalmente uma extensão metafórica para expressar modalidade. Os verbos de percepção, como *ver*, *ouvir* ou *perceber* podem instanciar evidencialidade, por exemplo. Já os cognitivos, integrando o *imaginar*, *crer*, *supor*, *acreditar*, entre outros, podem salientar a modalidade de probabilidade, que, em outros termos, é o que se tem definido por modalidade epistêmica (cf. PALMER, 1986; DALL’AGLIO HATTNER, 1996). Os autores, entretanto, afirmam que, como as categorias são fluídas, verbos de percepção, ou de cognição, podem atuar em outro domínio do processamento mental, como o verbo *ver* destacar um processo cognitivo.

O verbo *crer* realça essas duas faces. De um lado, ele é um estado mental que é processado cognitivamente pelo falante. De outro, apresenta modalidade epistêmica, salientando a atitude epistêmica do falante sobre o conteúdo da interação, em termos de sua não-certeza.

Bybee (2016, p. 238, cf. 9.3), na mesma perspectiva, tem considerações parecidas com a de autores que concebem a modalidade epistêmica e traços da cognição como integradas em certos verbos, sem que haja uma distinção entre essas características. Iremos situar o verbo *crer* ao longo dessa dissertação por essa perspectiva, pois as duas cargas semânticas favorecem o olhar que se quer dar ao seu processo de transformação

desse elemento, junto com o verbo *poder*, em marcador discursivo, o que se fará via abordagem construcional.

Ainda que se tenham mostrado, nessas subseções, *poder* e *crer* separadamente, a descrição dos usos de *pode crer* como possível MD mostrará que um dos mecanismos decisivos para a emergência do novo pareamento de forma e função foi o chunking, que, por sua vez, envolve outros processos, como se verá adiante.

SEÇÃO 3 - METODOLOGIA

Dentro dos modelos construcionais propostos na linguística, há formas de abarcar um conjunto de trabalhos feitos sob os mesmos moldes (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995; LANGACKER, 2008, 1987, 1991; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Eles são bases para as gramáticas de construções, por adotarem princípios mais gerais do que tem sido concebido pela perspectiva baseada no uso (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010a, b; BYBEE; BECKNER, 2009; CROFT; CRUSE, 2004). O método que se emprega nas gramáticas de construções baseadas no uso centra-se na metodologia baseada em corpus (*corpus-based*), o que é uma intersecção dessas gramáticas com os fundamentos da linguística de corpus (HILPERT, 2013a, b; HILPERT; GRIES, 2012).

3.1 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS

O nosso material de pesquisa foi selecionado por meio do banco de dados do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2016). O sítio na internet aloca quatro subgrupos dentro do *corpus* de pesquisa. O primeiro é o *genre/historical*, criado em 2006, por Davies e Ferreira (2006), comportando 45 milhões de palavras ao longo dos séculos XIII a XX. O segundo, *web/dialects*, reúne um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro variedades do português, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. O terceiro, *NOW*, abreviatura para *News of the web* (notícias da internet), comporta 1 bilhão e 100 milhões de palavras entre os períodos cronológicos de 2012 a 2019. O último, *WordAndPhrase*, agrupa as 40 mil palavras mais frequentes em todos os *corpora*, constituindo um *corpus* novo apenas de palavras e combinações mais recorrentes. Para a nossa pesquisa sobre usos antigos e atuais de *pode crer*, construímos um *corpus* a partir das ocorrências do *corpus genre/historical*, para a diacronia, e do *corpus web/dialects*, para a sincronia atual do português.

A caracterização do *corpus genre/historical* do sítio do *Corpus do Português* apresenta uma divisão entre oito sincronias, a saber, dos séculos XIII ao XX. Dos séculos XIII a XV são textos oriundos de Portugal. Entre os séculos XVI ao XIX, há a presença de textos de Portugal e do Brasil. Apenas no século XX, há divisão por gênero em textos desses dois países. Tanto Portugal quanto Brasil dividem seus textos do século XX em:

acadêmico, jornais, ficção e oralidade. Abaixo, observa-se a frequência de palavras de cada período individual.

Quadro 1- Frequência de palavras do corpus genre/historical

Palavras	Século	País	Gênero
550.968	XIII	Portugal	—————
1.316.268	XIV	Portugal	—————
2.875.653	XV	Portugal	—————
4.435.031	XVI	Portugal / Brasil	—————
3.407.741	XVII	Portugal / Brasil	—————
2.234.951	XVIII	Portugal / Brasil	—————
10.008.622	XIX	Portugal / Brasil	—————
3.087.052	XX	Portugal	Acadêmico
3.271.328	XX	Portugal	Jornais
3.048.020	XX	Portugal	Ficção
1.100.303	XX	Portugal	Oralidade
2.816.802	XX	Brasil	Acadêmico
3.346.988	XX	Brasil	Jornais
3.028.646	XX	Brasil	Ficção
1.078.586	XX	Brasil	Oralidade

Fonte: DAVIES; FERREIRA (2006)

Na tabela, os períodos cronológicos mais iniciais ocorrem apenas com Portugal devido à colonização do território que passou a ser o Brasil posteriormente. Apenas no século XX, há uma divisão em gêneros, o que foi mostrado na quantidade de palavras que cada um reúne no conjunto do século XX. O total de palavras exato dentro do *corpus genre/historical* é 45.606.959 palavras, 45 milhões. Na versão antiga do sítio que comporta esse *corpus*, ainda disponível, há a presença dos textos usados em cada século. O sítio passou para uma atualização posteriormente, mas a configuração inicial de cada um dos *corpora* ainda se mantém. A versão nova do sítio *Corpus do Português* apenas moderniza os mecanismos de busca. O arquivo de excel²⁵, disponibilizado pelos

²⁵ Dentro do sítio do Corpus do Português, eles disponibilizaram um arquivo do excel que contém todas as referências do *corpus*. Pode ser acessado em: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/help/texts_e.asp

desenvolvedores, apresenta os rótulos que marcam cada um dos quase 57 mil textos do *corpus genre/historical*, o século de cada um, data, a quantidade de palavras, o título da obra, autor e referências. Este arquivo não teve alterações desde 2008. Em algumas entradas aparecem como título a mensagem *TEXT NAME HIDDEN UNTIL EARLY 2009*, que seriam disponibilizadas em 2009. Como indica o sítio, algumas obras são protegidas por *copyright* e licenças. Parte dos textos que compõe o *genre/historical* são escaneados e parte tem referências base de outros *corpora* diacrônicos bem conhecidos no Brasil, por exemplo, o Tycho Brahe.

Construímos o *corpus* de pesquisa diacrônico de *pode crer* a partir das ocorrências encontradas no *genre/historical*. Foram pesquisadas quatro formas variantes na terceira pessoa do singular do presente do indicativo: *pode crer*; *pöde crer*; *pöde creer* e *pode creer.*, forma escolhida pela percepção de que a forma que, para nós, se aproxima de MD é *pode crer*, e não *posso crer*, por exemplo. Como a pesquisa resulta ao longo de períodos diferentes da história do português, uma atenção foi com a escrita que *pode crer* poderia ter ao longo do tempo. Baseado no Dicionário Etimológico do Português Arcaico (MACHADO FILHO, 2013), identificamos que o verbo *poder* pode vir com a presença de trema e o verbo *crer* com uma duplicidade do *e*, possivelmente, devido ao apagamento da oclusiva alveolar de sua trajetória do latim *credere*. Por isso, essas quatro formas diferentes foram consideradas.

Não foi encontrado uso nenhum de *pode crer* nos séculos iniciais, entre XIII a XV. As ocorrências começam a emergir a partir do século XVI. Foi coletada a totalidade de ocorrências que apareceram no *Corpus do Português*. Pela frequência de *pode crer* ser baixa, tomamos a posição de coletar todas as presentes no *genre/historical*. O conjunto de dados em cada século pode ser observado a seguir:

Quadro 2- frequência de uso de *pode crer* no corpus diacrônico

XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
21	19	9	29	19

Fonte: Próprio Autor (2021)

O total de ocorrências na diacronia, nos séculos abarcados, foi de 97 usos de *pode crer*. *Pode creer* teve cinco usos e *pöde creer* apenas dois. Dentre esses 97, há estruturas em que *pode crer* é encaixador e aquelas em que já se mostra como elemento mais

independente. Ao longo da análise, as diferentes frequências, configurações e usos serão vistos em mais detalhes.

Além de um *corpus* diacrônico, construímos um *corpus* sincrônico do século XXI. Utilizamos, dentro do *Corpus do Português*, o *corpus web/dialects*. Pesquisamos a forma *pode crer* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Delimitamos um recorte de 150 ocorrências, já que o foco era notar se a forma mais independente de *pode crer* ocorreria mais. Para completar o corpus sincrônico com dados ainda mais recentes, utilizamos o *Twitter*, como banco de dados para esses usos, coletando mais 150 ocorrências²⁶. Elas foram selecionadas de forma cronológica a partir de alguns critérios que serão vistos mais à frente. Se se imaginar uma linha temporal de mudanças para *pode crer*, o ponto em que a aderência à classe de MD é mais forte parece ser nos usos da referida rede social, isto é, usos absolutamente recentes.

Dentro do sítio do Twitter, há um campo de busca que possibilita a filtragem das publicações que os usuários fazem na rede social. Como a maioria da caixa de busca dentro de sítios, como o Google, Bing ou Youtube, por exemplo, há algumas tipografias que podem auxiliar numa seleção mais específica. Quando digitamos uma palavra entre aspas, como “pode crer”, seja no Twitter ou no Google, esses sítios respondem com a forma exatamente como está escrito. Sem as aspas, por exemplo, os resultados poderiam vir com a presença dessas duas palavras não necessariamente uma ao lado da outra: *ele pode e deve crer em Deus*. O quadro abaixo é uma metodologia que pode ser utilizada na busca pelo Twitter, para a coleta de dados usáveis na pesquisa.

Quadro 3 - Algumas tipografias de busca no sítio do Twitter

Padrão	Explicação	Exemplo
“x”	Uma palavra ou sentença colocada entre aspas resulta na busca exatamente como escrito.	“pode crer”
(x OR y OR z)	A busca volta com uma palavra ou sentença no esquema de alternância, os resultados devem apresentar pelo menos uma das sentenças x ou y ou z.	(podia crer OR pode crer)

²⁶ A vertiginosa velocidade de atualização do Twitter, promovida pelo fato de essa rede comportar milhões de usuários, fez com que limitássemos os dados. Por isso, coletaram-se apenas 150, como no Corpus do português.

-x	O traço representa a exclusão de um termo na expressão da busca, os resultados excluem as publicações com este termo.	Pode crer -em
(#x)	Apresenta os resultados em que x é considerado uma <i>hashtag</i> dentro do Twitter.	(#Podecrer); (#Gratluz)
lang:x	Esse padrão resulta em qual língua os resultados devem vir. Algumas opções são: pt (português); en (inglês); es (espanhol) etc.	lang:pt
since:AAAA /MM/DD	Expressão que indica o momento inicial que os dados devem ser mostrados.	since:2020-01- 01
until:AAAA /MM/DD	Expressão que indica o momento final que os dados devem ser mostrados.	until:2020-09- 01

Fonte: o próprio autor (2021)

Esses padrões não se esgotam, há outros, como a busca por publicação com critério mínimo de engajamento, número mínimo de curtida etc., mas, para nossa pesquisa, esses são o suficiente. Nosso recorte é entre o ano de 2020 e início de 2021, mais especificamente do dia 1 de jan de 2020 ao dia 31 de jan de 2021. Como os dados do Twitter, que serão utilizados no trabalho, foram coletados no dia 2 de fev de 2021, selecionamos o último mês completo, janeiro, como corte final. Utilizamos o filtro de língua portuguesa e a exatamente a forma *pode crer*. A expressão de busca pode ser visualizada abaixo:

"pode crer" lang:pt until:2021-01-31 since:2020-01-01

Após a digitação dessas regras no campo de busca, os resultados são agrupados em algumas abas. A aba *destaques* não serve para sistematização, dado que utiliza um critério de reunir as publicações nesse tempo de maior engajamento. A aba selecionada para esta pesquisa é a de *recentes*, pois organiza todos os dados cronologicamente de modo anti-horário, do mais recente ao mais antigo neste intervalo de tempo. Os resultados mostram apenas as publicações com as formas pesquisadas, no caso do *pode crer*, escrito uma ao lado da outra. Dessa forma, são apresentados ao usuário primeiro as ocorrências

do dia 31 de janeiro de 2021, depois o dia 30, 29, assim por diante. O meio cronológico é o método de sistematização encontrado que satisfaz o controle maior das ocorrências. Ao se tratar de um marcador discursivo, um contexto de comunicação ao redor da publicação de cada usuário pode ser necessário, o que podemos propor uma extensão a essa metodologia mais geral anterior.

Ao aplicar a primeira regra e se deparar com uma publicação com o uso de *pode crer* enquanto marcador discursivo, o primeiro passo é clicar na data/hora daquela publicação. O *Twitter* nos levará a página específica daquela postagem. Se a publicação for isolada, somente ela aparecerá. Caso ela estiver situada em um contexto comunicativo, outras publicações serão mostradas. Abaixo é uma captura de tela e, em seguida, como vamos transcrever esses dados.

Figura 3 - Um exemplo de interação no Twitter com *pode crer*



Fontes: Imagem capturada no *Twitter* realizada pelo próprio autor (2021)

No resultado de busca, vai aparecer a publicação *pode crer*. Quando clicamos na data desta postagem, o Twitter nos leva para esta seção da imagem. Vemos que a publicação do usuário está atrelada ao um contexto comunicativo maior. No caso de *pode crer*, utilizar os “turnos” de mais de um falante é extremamente necessário, pois, como possível MD, sua ocorrência muitas vezes é como “arremate” de algo que o outro falou. Daí a utilização da metodologia supramencionada, para chegar às conversas inteiras, produzidas pelos usuários.

Mesmo que os perfis sejam públicos no *Twitter*, por opções dos usuários, preferimos manter o anonimato ao longo da dissertação. Por isso, vamos substituir os usuários pelas letras em maiúscula A, B, C etc, e indicar a sequência que elas aparecem. Para a interação vista acima, as transcrições para o corpo do texto ficariam desta forma:

- A:** Vc lembra o que alguns torcedores falaram tb né?
B: Mas ele é ruim velho kkkk, torcida do Palmeiras não gosta dele, ele fez gol pq sei lá, destino
A: eu nao manjo muito do futebol dele nao, mas sei que ele marcou uns gols nos últimos jogos do palmeiras.
B: Ele fez só dois gols, na última rodada contra o Vasco (mas ele perdeu umas três chances) e hoje
A: *pode crer* (twitter.com)

Vamos sinalizar os locutores, nesse caso do exemplo **A** e **B**, em negrito e o fenômeno em *itálico*. No final, referenciamos o site geral do *Twitter*.

3.2 PARÂMETROS DE ANÁLISE

Nesta subseção, apresentamos os parâmetros de análise selecionados para conferir a construcionalização e mudança construcional na formação do marcador *pode crer*. O conjunto de propriedades da construção (composicionalidade, esquematicidade e produtividade) serão o eixo da análise que se fará a seguir, sendo relacionado a um grupo de critérios, que definem MD, advindos Risso *et al* (2019). O que se pretende é observar a presença das propriedades definidoras de uma construção em *pode crer*, atestando, ao mesmo tempo, que se trata de um MD.

A composicionalidade é uma característica da construção que toca a relação do significado das partes em relação ao significado do todo. Para Traugott e Trousdale (2013), uma construcionalização gramatical diminui a transparência da forma no que se refere ao significado das partes que a formam. Ao estudar os MD, Risso *et al* (2019) apresentam o fator **transparência semântica**, por isso a correlação que passamos a fazer.

A **transparência semântica**, conforme Risso *et al.* (2019), manifesta-se como “uma palavra ou expressão [que] é transparente quando usada no sentido lexical, previsto no dicionário, ou no estrutural, previsto na gramática, ou seja, quando deixa transparecer o seu sentido primeiro, denotativo-referencial” (RISSO *et al.*, p. 377). Eles atribuem quatro classificações:

- (a) Totalmente transparente
- (b) Parcialmente transparente
- (c) Opaco
- (d) Não se aplica

Parcialmente transparente tem duas características: a) “a uma adaptação ou desdobramento de um significado gramatical, como é próprio, por exemplo, de unidades que projetam no discurso novos usos de preposições ou certos advérbios.” (p. 377); e b) “a uma reaplicação de um significado lexical, no caso, por exemplo, de unidades originadas de verbos ou substantivos.” (p. 377). Embora possa parecer incomum utilizar “não se aplica” quando se tem as outras três opções “totalmente”, “parcialmente” e “opaco”, os autores enfatizam que “não se aplica” direciona-se aos casos de marcadores que não são dicionarizados ou não tem de modo claro um conceito cognitivo, como as cadeias fônicas “aham” ou “uhum”.

Esse parâmetro detalha de que modo os itens podem ter uma transparência, ou não, na interseção de sua estrutura sintática e de sua estrutura semântica, possibilitando, à verificação diacrônica, o recrutamento de perífrases a atuarem como marcadores. Para os autores, parcialmente transparente é o mais comum.

Um segundo critério que pode contribuir para a discussão da composicionalidade quando se tem em vista um MD é a massa fônica. De acordo com Rizzo *et al.* (2019), “essa variável põe, como ponto de partida de observação em relação aos MDs, a questão da massa vocabular ou configuração fônica da forma ou construção que os caracteriza, particularmente.” (p. 380). Duas variáveis compõem esse critério:

- (e) Até três sílabas tônicas
- (f) Além de três sílabas tônicas

Formas curtas são mais prototípicas para MD. Até três sílabas tônicas é o traço que se manifesta no uso padrão de marcadores. A tendência de uma forma menor, conforme os autores, está atrelada à diminuição da transparência semântica, dado que uma forma com mais material linguístico requer um desenvolvimento mais complexo de sua estrutura sintática. A massa fônica pode ajudar a esclarecer a correspondência entre a relação da estrutura do significado com a estrutura sintática do marcador, pois a diminuição da composicionalidade pode levar um item a entrincheirar os seus limites, fundindo-se em uma nova formação.

A esquematicidade e produtividade são duas características da construção que são relacionadas. Esquematicidade é o nível de abstração de uma categoria. Quanto mais esquemático, menos especificidades se vê nos *slots* que formam uma dada construção e, quanto menos esquemático, mais específicos são os *slots*. No exemplo [João enviou uma carta à universidade], há um nível baixo de esquematicidade devido ao alto grau de especificidade lexical em cada um dos slots que a formam. Já neste caso, [João enviou SN à universidade], ocorre um aumento de esquematicidade, dado que o objeto direto passa a conter um padrão abstrato SN e não mais [uma carta].

A produtividade atua na extensão de um esquema, quando [uma carta] se abstratiza para [SN], há um aumento colocacional dos nomes que podem ingressar nesse padrão construcional. Assim, em [João enviou SN à universidade], SN pode ser preenchido por um leque de formas, exemplo, [uma correspondência], [um aluno], [seu currículo], entre outros. Ao abstrair uma categoria, cria-se uma rede de diferentes construções.

Mais alguns parâmetros propostos por Risso *et al.* (2019) são necessários para definir os MD, bem como para pensar em redes de MD no português.

A relação com o conteúdo proposicional é um traço do próprio esquema de marcadores. Para os autores: “Essa variável leva em conta a relação das unidades em estudo com a informação conteudística das diferentes porções tópicas escopadas ou indicadas, em cada caso” (p. 376), os quais dividem em três atributos:

- (g) Exterior ao conteúdo
- (h) Não exterior ao conteúdo
- (i) Não se aplica

O traço prototípico é “exterior ao conteúdo”. Esperamos que, na análise, *pode* crer MD se comporte também dessa forma. Por ser uma propriedade da rede dos marcadores, formas diferentes se paradigmaticizam para funcionar semelhantes aos outros membros irmãos.

Já o último parâmetro é a relação sintática com a estrutura oracional. Consoante Risso *et al.* (2019), “MD são unidades sintaticamente independentes. [...] As unidades de estudos são alheias ou não à estrutura gramatical [...] se desempenham ou não alguma função essencial, integrante ou acessória [...] [n]os termos da gramática tradicional” (p. 379). Há duas possibilidades para esse parâmetro:

- (j) Sintaticamente independente
- (k) Sintaticamente dependente

Esse parâmetro situa se o marcador pode participar de algum modo como complemento ou adjunto de uma predicação. O traço que caracteriza o marcador é o de ser sintaticamente independente, aspecto que, no caso de *pode crer*, envolve outra mudança: a perda do complementizador *que*, como se verá adiante.

O último parâmetro é autonomia comunicativa. Segundo Risso *et al.* (2019), “os marcadores são formas naturalmente sem autonomia comunicativa e, portanto, sem suficiência para constituírem enunciados proposicionais em si próprios” (p. 380). Assim, dois traços podem ser atestáveis à classe:

- (l) Comunicativamente autônomos
- (m) Comunicativamente não autônomos

Com esse parâmetro, a investigação lida com a capacidade de que um marcador possa construir a expressão de um pensamento por si só.

Para além dos parâmetros estipulados por Risso *et al* (2019), outro fator de análise foi a presença de material interveniente entre *pode* e *crer*.

SEÇÃO 4 – A CONSTRUÇÃO *PODE CRER*

Nesta quarta seção, analisaremos *pode crer* dentro de um conjunto de especificidades que sustentam a defesa de um novo pareamento de forma e significado em uma rede de marcadores dentro do sistema da língua portuguesa. A formação do marcador ocorre diacronicamente, dado que ele não nasce no português diretamente com seu comportamento e significado voltados a algum tipo de organização ou manipulação da interação comunicativa, o que é próprio dos MD, sendo constituído por meio do texto escrito ou falado, que, no nosso caso, se concentra em textos de natureza escrita.

A mudança ocorre, sobretudo, porque um novo nó é criado na rede da língua portuguesa, emergindo um conhecimento novo ao falante em selecionar *pode crer* como novo membro dentro de uma relação esquemática da família de marcadores. O conhecimento linguístico do falante, neste marcador, tem, na descrição e análise de *pode crer*, uma possibilidade de entender a própria cognição humana. Uma descrição construcional é caminho para compreender como a mente/cérebro de um indivíduo funciona, dado que a linguagem em si constitui a própria experiência humana em relação ao mundo filtrado por seus processos cognitivos.

O universo da análise e descrição de *pode crer* segue a seguinte organização. Em um primeiro momento, vamos sinalizar os usos sincrônicos gerais de *pode crer*, já observando o pareamento de forma e significado que esse marcador possui na contemporaneidade. Essa posição de apresentar o que já se concebe na atualidade serve como guia para partir do mais geral ao mais específico, situando, ao leitor, todas as caracterizações de *pode crer* que serão comprovadas posteriormente. Em seguida, partiremos para descrição diacrônica, para que seja possível, uma vez que já estamos familiarizados com o *pode crer* MD, refletir, dentre diversos usos, quais desses mais podem ser concebidos como a sua natureza fonte.

A partir dessa caracterização geral, vamos especificar os traços alinhados aos marcadores. Características como a *relação com o conteúdo proposicional*, *relação sintática com a estrutura oracional*, *autonomia comunicativa*, *presença/ausência de material interveniente*, entre outros, serão esmiuçados para conferir o estatuto, de fato, de marcador, cada qual com uma visualização enxuta diante dos dados. Só a partir desses pontos é possível atestar o modelo construcional e abstrair, por meio dos tokens, um esquema que sancione *pode crer* a atuar em uma rede de marcadores no português. Muitas

são as formas dos MD. Uma que se destaca é a que se dá pela construção $V_1 + V_2^{27}$, bastante esquemática no português. Mais especificamente, há a construção [*pode + V*]_{MD}, dentro da qual se vê, por exemplo, *pode ser* e *pode crer*, as quais são microconstruções.

4.1 OS USOS CONTEMPORÂNEOS DE *PODE CRER*

Neste subtópico, vamos apresentar os usos contemporâneos do marcador discursivo *pode crer*, sinalizando as características gerais do emprego que o falante/escritor realiza na construção de seus enunciados. Abaixo, há as ocorrências de (15) a (17):

- (15) aos pouquinhos. As coisas boas vão surgindo e animando a gente, **pode crer!** Vocês são lindas, meninas! Minha infância também não foi fácil, sempre (coisasedeva.com.br)
- (16) que voce vai comentar, hahaha! Mas brevemente estaremos na TV, **pode crer!** Agora, só pra não perder o costume (mundogump.com.br)
- (17) apenas uma triste constatação...! Amiga Ci, MUITÍSSIMO oportuno esse ALERTA, **pode crer**. Olha, quando comecei na net, a tal "« alegria »", (giramundo-cirandeira.blogspot.com)

Na ocorrência em (15), o escritor utiliza o *pode crer* para averiguar o grau de verdade da proposição adjacente *as coisas boas vão surgindo e animando a gente*. Tanto em (16) quanto em (17), há um processo similar de utilizar o marcador *pode crer* como uma forma de atestar um certo grau de verdade de suas proposições, que, neste grupo de dados, estão direcionadas à esquerda do marcador, em (16) *mas brevemente estaremos na TV* e em (17) *MUITÍSSIMO oportuno esse ALERTA*. Essa primeira característica é: a) o escritor recruta o marcador discursivo *pode crer* com a finalidade de sinalizar o grau de verdade do segmento discursivo adjacente.

A possibilidade do enunciador em verificar um certo grau de verdade se dá pela modalidade epistêmica. Viu-se no segundo capítulo que tanto o verbo auxiliar modal *poder* quanto o verbo cognitivo/epistêmico *crer* apresentam o atributo de se envolver epistemicamente sobre o que é dito. No caso dessas ocorrências (15), (16) e (17), *pode crer* estabelece uma relação epistêmica forte, dado que o grau de verdade é mais tonificado quando o falante os enuncia. Parece que, na forma de marcador, em conjunção

²⁷ Em Robuste (2018), por exemplo, vê-se um bom conjunto de MD baseado na construção $V_1 + V_2$.

com os dois verbos juntos atuantes, sobretudo o *crer*, que se reveste de uma natureza em “considerar como real uma existência” (AULETE, 2020), esse atributo epistêmico permanece como possibilidade de leitura semântica. O significado epistêmico é, conforme Halliday (1970):

a avaliação do falante de probabilidade e previsibilidade. É externo ao conteúdo, fazendo parte da atitude assumida pelo locutor: sua atitude, neste caso, em relação ao seu próprio papel de discurso como ‘declarante’ (HALLIDAY, 1970, p. 349)

Vamos iniciar com a posição de Halliday (1970) por já ter situado os trabalhos desse autor (HALLIDAY; MATHISSEN, 2004) na caracterização da natureza dos verbos de experiência mental, mais especificamente, dos verbos cognitivos no segundo capítulo. Halliday (1970, p. 347) compreende que a modalidade epistêmica direciona, sobretudo, a uma certa posição do falante ao conteúdo pronunciado e defende que o significado epistêmico fraco, o que se parafraseia por “provável” (p. 347), não leva ao comprometimento do falante, ao contrário, da relação epistêmica mais forte, “possível” (1970, p. 347). Bybee e Fleischman (1995, p. 6) igualmente situa a relação do grau de verdade com a modalidade epistêmica: “epistêmicos são indicadores de escopo oracional de um comprometimento do falante com a verdade da proposição”. Nas ocorrências 0 a 0, mesmo que *pode crer* esteja situado exterior ao conteúdo proposicional, ele escopa a proposição do enunciador ao marcar a posição do falante diante do grau de verdade, no caso desses exemplos, de um grau mais elevado, da possibilidade de realização da proposição.

Tomam-se, abaixo, os dados de (18) a (21) para a segunda característica geral de uso de *pode crer*.

- (18) e não do Brasil! Aqui falta mais terreno ainda meu amigo, **pode crer!** Não é a primeira vez que alertamos sobre o risco duma bolha imobiliária (bolhaimobiliaria.com)
- (19) o inigualável vincent gallo, ai que filme triste! uma obra de arte **pode crer**. então... lembrei me de romeu e julieta, tristão e islda, heatcliff (revistamarieclaire.globo.com)
- (20) seria foda demais. Geison Barillo Soares Pereira com certeza Geison Barillo Soares Pereira **pode crer** JonesR O game de PS1 que vocês mencionaram do menino que enfrentava as sombras (cidadegamer.com.br)
- (21) a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco ", não é? **Pode crer**, a única imagem de profissional que será arranhada será a de quem cumpriu a (segurancadotrabalhonwn.com)

Na ocorrência (18), há um enunciador que, ao utilizar *pode crer*, requer intersubjetivamente que o enunciatário considere como real a sua própria proposição. Quando profere *Aqui falta mais terreno ainda meu amigo*, ele deseja que o outro tome como uma possibilidade factual o que é dito. Em (19), ocorre mecanismo semelhante, a construção não-verbal *uma obra de arte*, caracterizado como elemento atributivo no contexto linguístico para *filme*, desdobra na tentativa de sinalizar que o outro altere sua informação pragmática para igualmente atribuir a esse *filme* como *obra de arte*. Esses dois usos em (18) e (19) requer que a própria proposição do enunciador seja tomada como factual ao outro.

Um caminho oposto, ainda tendo o enunciador como central, se dá em (20). Esta ocorrência tem natureza de *comentário*, por isso, tem sinalizado o nome dos indivíduos que o escreveram, constituindo cada mensagem pela característica de um ato de fala. Os interlocutores, Geison e Jones, desenvolvem o assunto sobre um jogo. Geison, então, utiliza *pode crer* para capturar a proposição do outro *seria foda demais* [o jogo], recuperado pelo co-texto linguístico, como uma forma de assentimento, neste caso, a modalidade epistêmica é bem mais esfraquecida. Esse uso que direciona tomar a proposição do outro como uma posição conjunto entre o falante e o ouvinte. Em (21), vemos alguns desdobramentos de um mesmo tipo de uso do que (20).

Pode crer, em (21), sinaliza que a mensagem destacada no segmento discursivo anterior em forma de citação direta traz uma relação de assentimento com, a partir do contexto, em conjunto ao leitor. Em (21), ainda há nuance que seja um comentário provido por dois interlocutores devido a ordem que outros marcadores fazem-se presentes, como *não é?*, porém, não conseguiremos evidenciar em profundidade esse aspecto. A segunda característica é: b) O enunciador constrói um mecanismo intersubjetivo para ordenar e manipular a possibilidade de verdade de si e do outro dentro da interação comunicativa.

Deve-se realizar uma ressalva ao termo *interação comunicativa*, dado que estamos situando uma totalidade de ocorrências de natureza escrita. Um texto como um todo, sendo ele falado ou escrito, é também um objeto de interação. Traugott e Dasher (2001, p. 17-18) tem debatido, sobretudo, a posição que o texto escrito contém elementos interativos tal como o texto falado. Assim, conforme os autores:

O essencial nessas atividades [conversas do dia a dia, atividades institucionais, novelas, dramas, ordens etc.] é (pelo menos) de um falante/escritor (*SP/W*) e de um destinatário/leitor (*AD/R*) [...]. Em consonância com trabalhos recentes sobre análise do discurso (por exemplo, Duranti e Goodwin 1992, Chafe 1994),

conceituamos o leitor como um participante ativo que não apenas lê passivamente, mas também faz inferências ativamente e pode começar a explorar essas inferências de uma forma semelhante às de o escritor.²⁸ (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 17)

Em outras palavras, embora a escrita às vezes seja considerada livre de contexto, não interativa e monológica (ver Ong 1982 para a discussão de tais visões), isso subestima a tarefa comunicativa da escrita. Os escritores escrevem para o público. Isso é particularmente verdadeiro na época anterior a textos impressos, quando poucas pessoas eram alfabetizadas e muitos textos eram escritos para serem lidos em voz alta.²⁹ (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 18)

Todas as ocorrências apresentadas até agora, e ao longo de todo o capítulo, são interativas. Poder-se-ia refletir que apenas os usos pelos moldes em (20) e (21) estariam dentro de um contexto comunicativo por apresentar de forma mais explícita uma organização da estrutura da conversação, como atos de fala, posições dos interlocutores ou (as)simetria entre os participantes. Como lido em Traugott e Dasher (2001), o texto escrito também concebe um escritor e um leitor a todo momento em um jogo interativo, ou, nas palavras dos autores, em uma “coreografia interativa” (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 18), tal qual funciona na fala, sendo igualmente governado por princípios pragmáticos mais gerais, como as máximas conversacionais³⁰ (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2001, cap. 1).

Dois usos são característicos em *pode crer*, quando observada sua trajetória rumo a MD. Um remete a um aspecto mais modal e o outro apresenta nuance de assentimento

²⁸ *Essential in these activities are (at least) a speaker/writer (SP/W) and a addressee/reader (AD/R) (see 1.2.1). In line with recent work on discourse analysis (e.g. Duranti and Goodwin 1992, Chafe 1994) we conceptualize the reader as an active participant who not only reads passively but also actively makes inferences and may begin to exploit these inferences in a way similar to those of the writer. Recipients of the written word may interact in overt ways.*

²⁹ *In other word, although writing in sometimes thought to be context-free, non-interactive, and monologic (see Ong 1982 for discussion of such views), this underestimates the communicative task of writing. Writers write for audiences. This is particularly true of times prior to printing, when few people were literate and many texts were written down to be read out loud.*

³⁰ Não iremos utilizar as máximas conversacionais (GRICE, 1975) ou as máximas heurísticas (HORN, 1984; LEVINSON, 2000) na análise de qualquer aspecto de *pode crer*. Como afirmado no capítulo dois, partimos de uma definição de significado pragmático mais abrangente sem atrelar a uma teoria de significado pragmático específico. A impossibilidade de adentrar mais profundo ao significado pragmático é devido ao tempo que resultou esta pesquisa e da natureza do que se trata uma dissertação de mestrado no conjunto dos nossos objetivos. Um exemplo de como as máximas podem atuar na mudança linguística é dado em Brinton (2008), dentro do quadro da gramaticalização, quando a autora observa que *say*, no inglês, ao se tornar um marcador na história dessa língua, estabelece uma necessidade de atender a máxima de quantidade “faça a sua contribuição tão informativa quanto é requerida” (GRICE, 1975, p. 45 *apud* BRINTON, 2008, p. 92, tradução nossa), como uma de suas características motivadoras que o levou à mudança semântica e morfossintática. A relação de implicaturas, como as máximas, na discussão de mudança semântica na gramaticalização, pode ser vista também em Traugott (1989, p. 50-52; 1995, p. 35,).

entre os interactantes. Ambos são marcadores, mas apenas um passa pelo processo de construcionalização, como será visto mais à frente.

Quando *pode crer* está já mais ajustado à classe dos MD, o significado da construção é expressão de assentimento. Nesse caso, as noções epistêmicas estão mais esvaziadas, visto que o comportamento principal se assenta no aspecto de manutenção da interação, não de uma manifestação real de crença. Os casos abaixo apresentam o modelo de pareamento que é tratado por meio da construcionalização nesta dissertação.

- (22) não adianta vir atras de mim. Parabéns para a vc Felipe!!!
Pode crer... eu tambem vivi uma situação igual a essa, a mina não me deu (papodehomem.com.br)
- (23) **A:** Mas a questão é que a cidade não tem nem água de reuso direito... Pega mais a questão do simbolismo mesmo.
B: Sim eu entendo, pega mal, poderia ter evitado. Mas aos olhos de quem tá na área, não vemos assim. Só isso mesmo.
A: *Pode crer.* (twitter.com)
- (24) trip hop e o duo francês Air. Existiu esta influência?
 Guizado -- **Pode crer.** Tem a ver. A banda toda tem essas referências. (bandadesenhada01.blogspot.com)
- (25) **A:** O que vocês acham que cega mais, o amor ou o ódio?
B: Os 2 são extremos demais
A: *Pode crer,* o extremismo dos dois complica (twitter.com)

Em (22), *pode crer*_{MD} é utilizado como uma estratégia discursiva de assentimento entre os dois participantes da interação. O uso de *também* reforça que a situação é um posicionamento compartilhado. Em (23), há processo similar no uso da microconstrução *pode crer*, o falante **B**, ao optar pelo uso de *pode crer*, demonstra que o posicionamento de **A** está em concordância com as suas informações pragmáticas. *Pode crer* estabelece um equilíbrio interacional por permitir que a posição de ambos os interlocutores possa ser mútua. Ainda em (23), quando **A** utiliza *pode crer*, **B**, intersubjetivamente, indica uma concordância com o conteúdo do ato de fala de **A**, levando um posicionamento similar ao do outro.

Em (24), a microconstrução *pode crer* serve como resposta à pergunta *existiu esta influência?*, o significado *expressão de assentimento* atua na forma para que a resposta de uma pergunta seja a sua própria versão declarativa. Caso a pergunta fosse na negativa *não existiu esta influência?*, a microconstrução *pode crer* iria evocar um significado

negativo. O falante segue mencionando que, de fato, ocorreu uma influência *Tem a ver*. *A banda toda tem essas referências*.

Por último, em (25), *pode crer* estabelece um equilíbrio nos posicionamentos, criando uma nuance de confirmação dos interlocutores. **A** acata a posição de **B** em selecionar as duas opções, amor e ódio, como mais complicadas, ao contrário, de apenas uma delas. Dessa forma, **A** utiliza a microconstrução *pode crer* para estabelecer um posicionamento mútuo. Assim, tanto **A** quanto **B** conferem *amor* e *ódio* como extremos no quesito de tornar-se cego.

Esse pareamento entre a forma *pode crer* e o significado, expressão de assentimento, é a relação simbólica que representa esta construção na língua portuguesa. Há algumas ocorrências que podem ser similares a esse pareamento, mas ainda não constituem um novo pareamento de nova forma/novo significado. Como visto no início, as construções com *pode crer* modais, pelo significado *modal epistêmico*, com comportamento de marcadores são um estágio de mudança dentro do desenvolvimento do pareamento [[*pode crer*] ↔ [expressão de assentimento]]. Esses usos podem ser vistos a seguir:

- (26) a os pouquinhos. As coisas boas vão surgindo e animando a gente, **pode crer!** Vocês são lindas, meninas! Minha infância também não foi fácil, sempre (coisadediva.com.br)
- (27) que voce vai comentar, hahaha! Mas brevemente estaremos na TV, **pode crer!** Agora, só pra não perder o costume (mundogump.com.br)

Tanto (26) quanto (27) não expressam um desejo do falante em mutuar os posicionamentos seus e de seu interlocutor. A estratégia dos usos de *pode crer* acima ainda remete a um resquício de construções com modalidade epistêmica. Em (26), quando *pode crer* é usado, o enunciador utiliza a proposição *as coisas boas vão surgindo e animando a gente* para que o outro a tome com a mesma proporção de verdade, tal como foi a crença construída pelo falante, não necessariamente uma posição que ambos os participantes assumem em sua comunicação. Em (27), processo semelhante ocorre, [*pode crer*] é utilizado com o intuito do falante em alterar as informações pragmáticas do outro com o desejo que a proposição *mas brevemente estaremos na TV* seja considerada mais verdadeira. Esse pareamento [[*pode crer*]_{autônomo} ↔ [modal epistêmico]] não é um novo pareamento de forma nova e novo significado, pois o último é o mesmo que se observa na versão correspondente, a construção encaixadora de proposição.

A seguir, veremos a característica de cada século, para poder discutir seu status como marcador e sua mudança construcional.

4.2 *PODE CRER* NA DIACRONIA DO PORTUGUÊS

Nesta subseção, vamos descrever e analisar as ocorrências diacrônicas de *pode crer* a fim de delinear qual contexto de uso foi utilizado como fonte para a emergência do MD. Cada subtópico destina-se a um século específico, começando pelo século XVI, momento este que reúne os nossos dados iniciais na construção do nosso *corpus* pelo Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), até o século XX.

4.2.1 SÉCULO XVI

Os usos do século XVI apresentam algumas estruturas que não são mais usadas hoje no português. Mattos e Silva (1993, p. 91) sinaliza que os termos vinculados ao verbo *crer* no período arcaico, anterior ao século XVI, continha variação da natureza do seu complemento, podendo atuar como *creer + SN*, *creer a + SN*, e *creer en + SN*. A relação do complemento sem nenhuma proposição caiu em desuso ao longo da história do português. Vamos começar com essas construções mais antigas em (28) e (29) abaixo:

- (28) Falei com a convertida; **não se pode crer o seu espirito**. Urdimos nossa tea. Agora ha de vir suficiente (15:Miranda:Vilhapandos)
- (29) Mas por que elles lhe rij & prometem corpos & seruiço **apenas podê crer o mal** mas tu poderias preguntar. Como nom he melhor & mays guardada honrra (15:Pisan:Cristina)

Tanto (28) quanto (29) apresentam o *pode crer* em sua estrutura argumental mais antiga na língua quando o complemento configura no verbo uma transitividade direta. Luft (1996) afirma que essa estrutura não está mais presente e que se relacionava, sobretudo, com termos que continha o traço de [+animado]. Isso foi substituído, o que veremos ao longo da história de *pode crer*, por um complemento preposicionado. Luft (1996), reunindo a regência dos verbos em português, e Machado Filho (2013), organizando lexicograficamente as acepções dentro do português arcaico, direcionam

para o mesmo significado em que (28) e (29) apresentam, sendo a mesma base semântica tanto em períodos mais antigos quanto em mais recentes nesses tipos específicos de uso.

Para esses autores, *crer* pode sinalizar “acreditar” (MACHADO FILHO, 2013, p. 134; LUFT, 1996, p. 156). Em (28), *não se pode crer o seu espírito* sinaliza que o enunciador toma o termo *espírito* em uma possibilidade negativa de acreditar dentro do estatuto de tomar por real esse objeto. Modo semelhante ocorre em (29), quando *apenas podē creer o mal* destaca que o escritor tem a possibilidade de acreditar no objeto *mal* devido ao contexto de *eles lhe riem e prometem corpos e serviço (elles lhe rij & prometem corpos & seruiço)*. Esse contexto de uso aparece apenas no século XVI. Um próximo uso da perífrase *pode crer* neste século está relacionada aos usos em que *pode crer* pode ser encaixador de uma oração subordinada, principalmente, com o complementizador *ca* ou *caa* (cf. MATTOS e SILVA, 1993), não mais utilizado nos dias de hoje. As ocorrências de (30), (31), (32) e (33) estão a seguir:

- (30) o pouoo he em tâ grãde multidõ. & muyto mais do que **se pode crer Ca muytas vezes sauem em câpo** pera a guerra mais que dez vezes çem mil (15:Florentim:Nicolao)
- (31) todos os que a ygreja nos não propoem por sanctos/ainda que **polla vida se pode crer que o são**: pera que naquella geralidade nam fique sem oraçam alguem que dela (15:Pinheiro:Pregacam)
- (32) aos que d'esta lembrança carecermos, condenação sem fim. Polo que piedosamente **se pode crer que** ante Deos **terão merecimento os que boas cousas escreverem**. Nom falo na Sagrada (15:Correia:Lendas)
- (33) seis de Junho, mais que em Deus e no Céu, **onde se pode crer que viva para sempre**. Foi sua morte sentida e chorada, o corpo enterrado (15:Lucena:SFXavier)

As ocorrências de (30) a (33) tomam uma oração substantiva como uma proposição. Conforme mencionam Gonçalves *et al.* (2019), uma proposição, quando tomada na perspectiva de um termo da estrutura argumental de um verbo encaixador, representa “um conteúdo [sendo] resultado de inferência ou crença” (GONÇALVES *et al.*, 2019). A perífrase, tendo o verbo cognitivo/epistêmico *crer*, já se relaciona com crença de modo mais próximo. Na ocorrência em (30), a proposição *muytas vezes sauem em câpo* está no presente do indicativo, o que sinaliza que o falante toma a sua crença como mais verdadeira. “Observe-se que em algumas ocorrências do verbo *crer* [...] reforça a idéia de que o falante considera o conteúdo da proposição como próximo à verdade.” (DALL'AGLIO-HATTNER, 1996, p. 168).

Os casos (31) e (33) funcionam de modo semelhante. Em (31), a proposição *o são* constrói a crença que o falante faz e, em (33), *viva para sempre* infere conhecimento que o falante possui. Vale ressaltar que as ocorrências manifestam modalidade epistêmica. Parece que, quando *poder* atua em conjunto com *crer*, destaca uma única leitura possível, sendo que a possibilidade que se cria se reveste no desejo do falante em tomar o objeto construído pela crença como uma verdade, o que seria bem extremo dentro da modalidade epistêmica, tornar algo tão provável de ser verdadeiro ao ponto de construir uma crença. (32) tem um tempo verbal outro do que o presente. Conforme sinaliza Dall’aglio-Hattner (1996), o tempo presente situa no verbo *crer* uma proposição mais próxima da verdade. Algumas ocorrências do século XVI apresentam uma estrutura intransitiva, conforma os exemplos abaixo:

- (34) e fez uma tal confuzam de preceitos **que nam se pode crer**, senam vendo-o no mesmo autor. 18 Os Olandezes serviram-se da Gramatica de Ludolfo (15:Verney:Gramatica)
- (35) tam cheias de regras falsas, tam abundantes de superfluidades **que nam se pode crer**. Algumas se perderam, outras ainda existem, (6) que so servem (15:Verney:Gramatica)
- (36) requeriam mais nauios, e mais gente; pelo que quis, **segundo se pode crer**, poupar estes çinquo annos, por dantes ter feitas muitas despesas nestas nauegações, (15:Gois:Joao)

O significado que surge quando o *crer* atua enquanto intransitivo é “ter por certo” (MACHADO FILHO, 2013), “ter fé” ou “crença religiosa (LUFT, 1996). (34) e (35) apresentam a mesma estrutura em que *se pode crer* está em sua formação negativa quando o contexto linguístico não é tomado por certo pelo falante, ocorrendo uma descrença. Esse significado fica mais saliente em (36) quando *se pode crer* é uma oração adverbial conformativa. Em (36), *segundo se pode crer* se relaciona mais próximo com *poupar estes cinco anos*, a atividade de *poupar* é tomado como um ato de fé quando o falante usa uma construção de crença como base para possivelmente considerar bem verdade a oração matriz. O fato de as ocorrências serem impessoais, o que veremos mais a frente sobre isso, leva o falante a se comprometer menos com o estatuto total ou parcial de verdade de suas proposições.

4.2.2 SÉCULO XVII

Nessa seção, vamos apresentar os contextos disponíveis no século XVII. Eles não são diferentes do que foram lidos até agora no século XVI, por isso serão mais breves. Assim, vamos começar a situar os intransitivos por serem, neste período, os mais frequentes. Em seguida, exibimos os transitivos diretos e os casos de *pode crer* encaixador. Esses três usos podem ser vistos nas ocorrências de (37) a (42).

- (37) experiencia da opinião, que o mundo tinha delle, levado **como se pode crer**, das dilicias & passatempos, a que se foy inclinando com a idade, (16:Brito:Monarquia)
- (38) que faria nele muitos serviços a Nosso Senhor e a el-Rei. **Não se pode crer** nem há palavras que bastantemente declarem o sobressalto, o enleio, o espanto, (16:Sousa:Martires)
- (39) mas non est virtus ad pariendunt. Não se podia imaginar **nem quase se pode crer tal fatalidade**; ou Deus dispõe algum grande milagre ou algum grande castigo. Sobre (16:Vieira:Cartas)
- (40) baixa nesta Baía se espera pela partida da frota, e entretanto **não se pode crer a confusão** que há em tudo, não se contentando os que vendem as drogas (16:Vieira:Cartas)
- (41) Companhia achara que se podia valer do que não tinha em Olanda **bem se pode crer que não quizesse deixar pôr em contingencia a sua refforma** com hum trabalho de que (16:Sande:Cartas)
- (42) ficarão só 7 os que han de ir para o Brasil; **Bem se pode crer que em muy poucos annos se pagaria a Companhia** do que tinha dezembolsado, nos (16:Sande:Cartas)

Em (37), temos um uso intransitivo de *pode crer* dentro de uma oração adverbial, semelhante ao que foi visto no exemplo (36). Parece que o falante constrói uma crença, a toma como provável verdade, tornando-a como base, no caso de (37), para comparar com uma proposição. Assim, há: **tome a minha proposição tão verdadeira quanto a minha crença sobre ela**. Em (38), ao contrário, há a negação de uma crença, uma impossibilidade de construir uma verdade tal como uma crença ou uma fé, já que apresenta um contexto em que, provavelmente, houve *espanto* ou *sobressalto*. (39) e (40) são transitivas diretas e relacionam com o significado de *não é possível acreditar* nos objetos *fatalidade* e *confusão*, acepções como *acreditar* dentro da construção do verbete do verbo cognitivo são vistas em Machado Filho (2013). As duas últimas (41) e (42) são encaixadoras. Em (41), há a proposição *não quizesse deixar pôr em contingencia a sua refforma*. Aqui, há de modo mais saliente a inferência que o falante realiza do seu conhecimento relacionado a *Companhia*. Em (42), o uso igualmente se relaciona a um contexto que envolve a *companhia*. O uso de *bem* intensifica a crença construída pela

proposição, como se já fosse um conhecimento conclusivo aos segmentos discursivos anteriores. No século XVII, apenas essas duas ocorrências de encaixadas compõe o *corpus*, com destaque para a presença do complementizador *que*.

4.2.3 SÉCULO XVIII

Conforme visto na metodologia, o século XVIII é o período mais precário em termos de ocorrências dentre todos os outros séculos. Porém, ele apresenta uma certa diferença entre os outros dois últimos e, mesmo com pouco material para analisar, já direciona a um comportamento que será bem mais frequente no decorrer dos demais períodos. Começemos pelo que já conhecemos em (43), (44) e (45).

- (43) Jesus, este a chamara com a mão; **da sua pureza bem se pode crer o favor**, e da sua verdade não se pode suspeitar o artificio. Ella (17:Ceu:Serva)
- (44) tão mal soante e desagradavel aos ouvidos de todos, **que não se pode crer**, que haja, ou houvesse em algum tempo home, a quem o uso (17:Macedo:Antidoto)
- (45) desprezo della podem achar os estudiosos ou qual o fundamento, **com que se pode crer**, que não he agradavel o fructo dos estudos a seus professores Confesso, que (17:Macedo:Antidoto)

Em (43), há a perífrase *pode crer*, sendo utilizada em sua estrutura transitiva direta com o objeto *favor da sua pureza*. Diferente das ocorrências do século anterior, aqui, vê-se *bem* utilizado fora das orações encaixadas, intensificando a atividade de *se pode crer*. Em (44), há a mesma estrutura, sinalizando, à oração relativa, a fonte de descrença, por ser negativo, em relação ao sintagma nominal complexo. Em (45), há também uma relação intransitiva com relação a proposição. Um caso que se nota neste período é a variação da presença/ausência do *se* impessoal nas construções com *pode crer*, conforme o exemplo abaixo (46).

- (46) porco grande de forma e ancha, estimando-a ao que vay correndo, **entom pode crer que aquelle he o porco mesmo** a que pos os caães e entom non há (17:DJoao:Montaria)

Embora (46) não contenha mais a presença do pronome *se*, o atributo de impessoalidade ainda ocorre, o que parece ser da natureza da própria perífrase em seus

diversos contextos de usos. A pessoalidade ocorre apenas quando há explicitamente marcado o sujeito sintático da oração como nessas duas (47) e (48) ainda do século XVIII:

- (47) podes governarte perpetuamente por este estilo na intelligencia dos meus versos; **porque quem pode crer**, que as estrellas não sahem, quando a lux clara foge, licença larga (17:Macedo:Antidoto)
- (48) por si só. Certo que tenho estudado em música mais do que **ninguém pode crer**; bem; e então que se tira daí? Que conheço mais de rabeça (17:Costa:Cartas)

Ambos os casos têm *quem* e *ninguém* como sujeito de seus verbos. Mesmo que tenha certa pessoalidade, *quem* e *ninguém* apresentam certa generalização por serem indefinidos, ocorrendo certo esvaziamento de pessoa do qual se dirige. Parece que, até então, os únicos sujeitos admitidos por *pode crer* não tem uma relação dêitica direta aos participantes da interação. O contexto de uso encaixador passa por certa alteração ao dispor da opção de ausência do pronome *se*.

4.2.4 SÉCULO XIX

Este século é responsável por atualizar os outros contextos de usos que já vimos, salientar o uso novo sem o pronome *se* e construir o contexto de marcador discursivo. Começemos pelo que já conhecemos em (49), (50), (51) e (52):

- (49) ai! « Não há já luz que dure! « **E não se pode crer** « Na chama das estrelas « Que estão sempre a tremer; « E o (18:Quental:Primaveras)
- (50) o filho do asno uma hora no dia orneja. E demais **tudo se pode crer daquele rebolao de Paio**, que bem sabeis vós que não teme Peus nem os (18:Gama:Dona)
- (51) fora da cama a minha querida Mãe! Vossa Excelência **V. Ex.a não pode crer a impressão** que me tem feito esta ressurreição. Tudo quanto devo a Vossas Excelências (18:D'alorna:Cartas)
- (52) cansasse e viesse outra. Naturalmente cada um tinha a sua. **Também se pode crer que a de cada um era, mais ou menos, adequada** à pessoa. (18:Machado:Esau)

O caso (50) apresenta um uso mais corrente das construções com pessoalidade, porém com essa função bem enfraquecida. Um uso mais forte de pessoalidade se encontra em pronomes de tratamento como em (51), mas sua estrutura de transitiva direta já não é mais tão comum.

Outro comportamento se ve em (53), (54), (55), (56) e (57):

- (53) paróquia! Ainda hoje, quando lhe toco nisso, benze-se todo! **Pois pode crer o senhor que ele era o mais íntimo amigo de meu irmão** e o único (18:Azevedo:Mulato)
- (54) como devias, rapaz! muito bem.. BENJAMIM - Ora.. **pode crer que sou homem muito sério!** (À parte) Olhem, se eu me (18:Macedo:Antonica)
- (55) suavemente com o sacrifício de quinze por cento para consolação dos credores; **mas pode crer que ele fica inteiro depois de quebrado**, e que por isso a sociedade há (18:Macedo:Romance)
- (56) (saindo) Corina Ainda que eu quisesse, não poderia fazê-lo: **pode crer que não entendi nada.** (seguindo-o dois passos. Vai a Pereg) Cena (18:Macedo:Pupila)
- (57) ao país. Eu cuidava servir a ambos apresentando a sua candidatura, e **pode crer que a minha opinião será a de todos.** - Mas o senhor falou de (18:Machado:Parasita)

Essas ocorrências, (53) a (57), apresentam proposições, em que aquele que pode crer em algo não é determinado, mesmo que não apareça a impessoalização por meio do *se*. Parece que se tornam cada vez mais cristalizados, requerendo uma leitura mais conjunta entre o *poder* e o *crer*.

O uso mais autônomo começa a ser visto no século XIX. Seguem as ocorrências em (58), (59), e (60):

- (58) balbuciou o pároco. - Mas um bocadinho à noite. Olhe, **pode crer**, tem-me causado desgosto.. E todos têm reparado. Não, lá isso, (18:Queirós:Crime)
- (59) aqui estivesse há anos. - E é um bom indício de cura, **pode crer**. - E ainda tem empenho de me curar? - Empenho, todo; (18:Dinis:Morgadinha)
- (60) vinha uma ou outra palavra do Palha: " Em todo o caso, **pode crer** " - " Nem a administração dum banco é cousa de brincadeira.. " (18:Machado: Borba)

Em (58), *pode crer* atua como uma estratégia de concordância entre os interactantes, com poucos traços epistêmicos. O que mais chama a atenção, de fato, é a forma, já desarticulada da proposição: vê-se que não há complementizador ou outro expediente que mantenha *pode crer* ligado ao restante dos sintagmas do enunciado. A proposição anterior *mas um bocadinho à noite* estabelece uma mesma posição compartilhada. O caso (59) ocorre de modo similar, mas com uma nuance epistêmica mais presente, *é um bom indício de cura* é uma posição que o enunciador faz e espera atualizar as informações pragmáticas do outro para que a considere como mais próximo possível de ser verdade. Em (60), *pode crer* também sinaliza essa preocupação com os

conhecimentos e crença do outro ao desejar que o destinatário aceite o acréscimo do sintagma adverbial como posição do que vinha sendo construído por meio dos segmentos discursivos anteriores. Esses dois usos, como expressão de assentimento em (58) e com valor mais epistêmico em (59) e (60), têm forma de MD, porém apenas um deles é caso de construcionalização, o outro é apenas um passo de mudança, como será visto mais à frente.

4.2.5 SÉCULO XX

O século XX não tem tantas alterações com respeito ao século anterior. Aqui, ao contrário, há uma prevalência mais forte de construções sem o pronome *se* e aumento dos casos de *pode crer*_{MD}

- (61) e uma pronúncia típica transportam-nos alguns séculos atrás. Não há neve, **mas pode crer que vale a pena**. # np_ler_977## # Malevolence ou nova era da arte melodramática (19N:Pt:Leira)
- (62) com os serviços de inteligência franceses ". # " **Nenhuma criança do mundo pode crer que este acidente seja pura coincidência**. Os ingleses devem confessar que são criminosos e (19N:Br:Recf)
- (63) flor. E abre ainda, de lembrá-lo: **no que veio depois nem pode crer**. Esse toucado sempre há-de usá-lo o meu amor, enquanto eu não morrer. (19:Fic:Pt:Figueiredo:Gata)
- (64) susceptíveis, qualquer deles, de lealdade e dedicação a um objectivo limpo. **Pode crer que é assim mesmo**. Cada qual com os seus erros e com um: (19:Fic:Pt:Tavares:Insubmissos)

Em (61), há o contexto encaixador sem o pronome *se*. O uso com *se*, agora, é mais antigo, foi um dos primeiros e sua ausência vem ganhando mais força ao longo dos séculos. *Vale a pena* é a proposição, resultado de uma crença. Diferentes dos usos *se pode crer* que havia certa nuance subjetiva, dado que apresenta de modo mais explícito o entorno dos conhecimentos de quem pronunciava/escrevia. Há, em (61), como em todos os outros nesse bloco de ocorrências, a possibilidade única de leitura de um enunciador produzindo material linguístico direcionado ao que concebe que seja o conhecimento e as crenças do destinatário. O caso (61) apresenta o desejo do escritor em fazer que o destinatário realizar uma ação, pois, quer que o outro tome como real *vale a pena*. Em (62), ao contrário da quase totalidade do *corpus*, há uma construção em que *pode crer* possui uma característica de personalidade ao conferir um sujeito sintático *nenhuma*

criança do mundo, porém ainda continua sinalizando formas indefinidas, como *nenhuma*, para que a referência não seja direta a um participante específico na interação. (63) é a única ocorrência que possa ser transitiva indireta. *No que veio depois* serve como objeto para construir a estrutura argumental de *pode crer*.

Luft (1996) apresenta as orações com objeto direto, o qual vimos no início da apresentação dos séculos, como uma estrutura arcaica do verbo *crer*. Fica mais saliente, embora não vamos abordar em profundidade este ponto, a relação do século XX e XXI, de ocorrências transitivas. No século XXI, adiantando aqui, não há presença de transitivas diretas, o que leva a suposição que as acepções atreladas ao objeto direto passaram a serem atribuída em sua nova formação de objeto indireto. Essa discussão não será realizada, pois está fora do recorte proposto no conjunto dos nossos objetivos, dado que, nesta seção, em especial, tem o intuito de apresentar os contextos que foram encontrados no *corpus* para que possamos discutir um caminho que levou *pode crer* a atuar como marcador.

A seguir, apresentamos o uso com forma de MD, no século XX:

- (65) com a apresentação da dupla Venâncio e Umbuzeiro, meus cantores prediletos. **Pode crer**, minha senhora, nunca vi, fora da televisão, um espetáculo tão bonito (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)
- (66) de mal. Ser bicheiro é profissão, não é malandragem. Bicheiro trabalha e, **pode crer**, tem que ser honesto. Nunca se viu um freguês tirar um milhar, arrasar a (19:Fic:Br:Queirós:Galo)
- (67) porque é comparar-me a Deus - mas não é essa a minha ideia, **pode crer** -, no entanto é isso que vejo no filme: um objecto muito natural (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)
- (68) "Ora vejamos. Gostava de fazer qualquer coisa por si. Gostava, **pode crer**. Não me agradeça, não vale a pena. possível que nem consiga nada (19:Fic:Pt:Carvalho:Anica)
- (69) do entroncamento para cá, um automóvel endiabrado. - Foram felizes, **pode crer**. Se mudassem de comboio, como é costume, chegavam completamente desfeitos. Não (19:Fic:Pt:Costa:Carcere)

Nessas ocorrências, *pode crer* já atua em uma forma mais fossilizada. Em (65), *pode crer* sinaliza um significado voltado ao outro da interação, mais intersubjetivo, o que se espera que o destinatário assente a um mesmo posicionamento. Em (66), *pode crer* escopa *tem que ser honesto*. Pelo contexto, quando o enunciador comunica *bicheiro trabalha*, ele infere que o ouvinte possa não ter como certo a atribuição de *honesto/desonesto* em suas informações pragmática, adotando *pode crer* para garantir que concorde com posição similar *tem que ser honesto* como única opção real. Essas duas

encaminham mais para a construção do significado de [expressão de assentimento] enquanto as restantes ainda estão ligadas de modo mais explícito ao significado modal. Em (67), há uma proposição *mas não é essa a minha ideia* que relaciona ao fato de um participante da interação se comparar a Deus, porém o falante sinaliza que não é este o pensamento, utilizando *pode crer* para que sua proposição seja uma possibilidade de posição possível. Em (68), *pode crer* atua na oração *gostava* como forma de confirmar a afirmação que faz o enunciador e projetar essa informação para que o conhecimento do destinatário se atualize como opção de verdade. Por último, em (69), de forma semelhante aos outros dois usos anteriores, *pode crer* escopa *foram felizes*, como uma inferência criada pelo falante. Os usos de *pode crer* nesses exemplos tem comportamento de marcadores por representar algumas características que já são típicas para essa classe, como certa autonomia sintática em relação ao seu escopo, livre posição na sentença e, sobretudo, não participa do desenvolvimento do conteúdo proposicional do falante ou do ouvinte.

4.4 O ESTATUTO DE MARCADOR EM *PODE CRER*

Nesta seção, vamos utilizar o *corpus* sincrônico, tanto do *Corpus do Português*, quanto do *Twitter*. Posteriormente, iremos constatar a mudança dentro do modelo da gramática de construções. Vale ressaltar que iremos apresentar os parâmetros criados por Risso *et al* (2019) nos dois usos de significado de *pode crer*, os de *modal epistêmico* e os de *expressão de assentimento*. A justificativa é que [[*pode crer*] ↔ [*modal epistêmico*]] é um passo de mudança dentro da construcionalização de [[*pode crer*] ↔ [*expressão de assentimento*]], por isso o de *modal epistêmico* já começa a ter comportamento de marcador até se cristalizar no de *expressão de assentimento*.

4.4.1 RELAÇÃO COM O CONTEÚDO PROPOSICIONAL

O primeiro critério refere-se à relação entre o marcador discursivo e o conteúdo proposicional do qual ele escopa ou indica. É considerado membro mais prototípico aqueles marcadores que se constituem fora do conteúdo proposicional da sentença. Como a categoria aqui é tratada como dinâmica, tal como visto na categorização dentro da exposição teórica do capítulo 1, marcadores que se atrelam ao conteúdo proposicional são

mais periféricos. O que confere o pertencimento de um material linguístico na categoria de marcadores é um conjunto de atributos e não um isolado. Em relação ao conteúdo proposicional, *pode crer* situa-se no atributo mais central de permanecer fora do conteúdo proposicional desenvolvido pelos participantes da interação, conforme nas ocorrências abaixo:

- (70) pé lá, outro cá... desmontar Emmanuel já é um grande passo, **pode crer!** Seguinte: você não disse tudo. E quanto a orações, não foi (obraspsicografadas.org)
- (71) sabe o que é. Mas foi divertido. A próxima será fácil, **pode crer**. Felipe, bem poderia ser uma marmixa, mas algumas características não batem – (come-se.blogspot.com)
- (72) **A:** é impossível gostar de matemáticos, puta que pariu gente chata da porra
B: Físicos também
A: *pode crer* (twitter.com)
- (73) **A:** Vocês acham boas mesmo essas retenções de contas aqui no Twitter e no Facebook? Pra mim isso só vai engrossar a narrativa que essa galera mesmo quer emplacar
B: eh gostoso de ver. mas não deixa de ser um prato cheio p eles
A: Olhando pro prato cheio não sinto gosto nenhum de ver isso
B: *pode crer* amiga tens razão (twitter.com)

Na primeira ocorrência (70) desse conjunto, *pode crer* não se atrela ao desenvolvimento do conteúdo proposicional *já é um grande passo*. Ele situa significados voltados aos participantes marcado contextualmente na produção de seus enunciados e não diretamente nas propriedades de significado composicionais da proposição. Em (71), vê-se que *pode crer* também se apresenta fora da proposição *A próxima será fácil*. Na terceira (72), *pode crer* ainda é mais afastado do conteúdo que se desenvolve, dado que apresenta somente a posição do falante na comunicação sem atrelar à construção do conteúdo. Nesse caso da terceira (72), *pode crer* estabelece uma relação de concordância com o locutor **B**. Isso fica mais evidente em (73), quando *pode crer* vem seguido de *tens razão*, salientando o significado de assentimento que o falante e o ouvinte acordam em seu evento comunicativo.

Ocorre uma unanimidade nas ocorrências de *pode crer*_{MD} no atributo de situar-se fora do conteúdo proposicional dentro do nosso *corpus* sincrônico. As de *expressão de assentimento* são mais evidentes, dado que não apenas estão fora da proposição, como também situam fora dos atos de fala de quem constrói o conteúdo proposicional. Uma atenção especial se dá as de *modal epistêmico*, já que apresentam em uma posição externa, mas alocada próxima da proposição em um mesmo ato de fala dos participantes. As

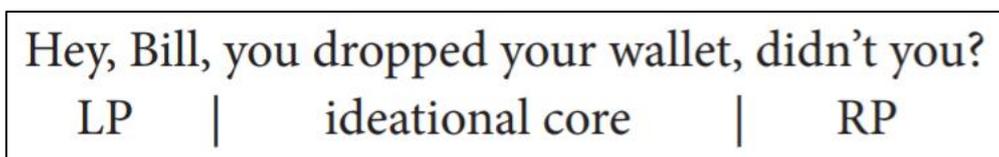
posições periféricas da oração, sendo elas da periferia esquerda ou da periferia direita, são propícias para a emergência de marcadores nas línguas.

A noção de periferia, segundo Onodera e Traugott (2017):

denota o local que precede ou segue o núcleo onde podem ocorrer elementos pragmáticos, em grande parte metatextuais. Elementos que podem ocorrer na periferia normalmente servem a funções pragmáticas, como pistas textuais, metatextuais e expressivas. (ONODERA; TRAUGOTT, 2017, p. 163)

É por meio da periferia de uma oração que marcadores atuam, como essas modais. Eles sinalizam um significado pragmático em relação a um núcleo ideacional. Há uma periferia esquerda e uma periferia direita. Trabalhos recentes de Traugott (2015, 2016, 2019a, 2019b) tem debatido se há certas diferenças entre essas duas periferias e como construir um conceito linguístico de periferia, recordando que periferia, aqui, atribui um conceito característico da pragmática histórica, surgindo recentemente como afirma Onodera (2014). As periferias não fazem parte do conteúdo proposicional, pois são exteriores. Abaixo, Onodera e Traugott (2017, p 163) apresentam que toda oração comporta um *slot* de periferia:

Figura 4 -- As periferias esquerda e direita



Fonte: Onodera e Traugott (2017, p. 163)

Nesse esquema de Onodera e Traugott (2017), há um núcleo ideacional, que podemos conferir como o conteúdo proposicional. Nessa mensagem-chave *você deixou cair sua carteira* (*you dropped your wallet*), há uma periferia esquerda com *hey*, que indica uma posição inicial de turno, e *Bill*, que representa um termo direcionado a um participante específico. Do outro lado, *há não é?* (*didn't you?*), que designa a confirmação da proposição (ONODERA; TRAUGOTT, 2017). Uma construção hipotética no português pode ser mais compreensível. Se temos *ôh, patrão, vê mais duas aqui por favor*, enunciada em um contexto interacional de bares ou restaurantes, há, envolta do núcleo *vê*

mais duas aqui, uma periferia esquerda, com *ôh*, tomada de turno, e *patrão*, marcador de solidariedade, e uma periferia direita, com *por favor*, marcador de polidez.

As periferias são exteriores ao conteúdo proposicional. Mesmo que, por questão de tempo, não utilizamos a periferia, sendo à direita ou à esquerda, como um fator de análise, defendemos que *pode crer*_{MODAL} é exterior ao conteúdo por situar dentro de uma das periferias, posição esta predominante na caracterização de marcadores discursivos. Assim, *pode crer*, tanto modal quanto de assentimento, nesse primeiro critério, atua prototipicamente como membro, porém vamos verificar se ele ainda continua sendo prototípico por meio dos outros critérios.

4.4.2 TRANSPARÊNCIA SEMÂNTICA

Esse segundo critério lida com o significado da construção. Marcadores podem ser transparentes, parcialmente transparentes ou opacos. O atributo que caracteriza um marcador como membro mais central representa os de significado parcialmente transparente. Embora, dentro da nossa exposição teórica, *Risso et. al* (2019) tenha defendido que os transparentes são os dotados de significado denotativo-referencial, tal quais as acepções presentes nos dicionários, ou aqueles com significado primeiro referencial descrito nas gramáticas. Vemos que a posição sincrônica tomada pelos autores talvez não seja satisfatória para esta pesquisa, dado que a gramática se constrói ao longo do tempo. Uma das contribuições relevantes dos estudos de gramaticalização, sobretudo em Hopper (1987), é que a gramática se gramaticaliza o tempo todo. Formas relacionais quase sempre foram formas livres anteriormente. O fato de uma conjunção como *porém* ser tomada como transparente ou parcialmente transparente, por essa posição, devido à existência de sua descrição em uma gramática corrente no mercado menospreza sua trajetória anterior, já que não há mais a descrição atual de seu uso como advérbio.

A relação de significado em marcadores discursivos é problemática com quem resolve pesquisar mudança linguística. No final do século XX, ao lado das posições da gramaticalização por redução, surge a pragmaticalização, que defendia que a emergência de marcadores continha na passagem do léxico para uma expressão discursiva sem o intermédio da gramaticalização (cf. ERMAN; KOTSINAS, 1993; FRANK-JOB, 2006). Com uma segunda onda nos estudos de gramaticalização, agora, por expansão, a pragmática começa a se integrar mais satisfatoriamente, o que é visto em trabalhos como

de Traugott (1995, 2003), Traugott e Dasher (2001), entre outros. A seguir, há algumas ocorrências de *pode crer* para debatermos se pode ou não ser transparente, parcialmente transparente ou opaco semanticamente baseado no que conhecemos até então de sua diacronia:

- (74) com a gente, você vai sempre estar vivendo dentro da gente, **pode crer!** " Recebemos um fluxo de energia poderoso. Um momento ritual. A partir (ebah.com.br)
- (75) conforto, a dor diminui com o tempo e só restarão lembranças boas, **pode crer**. Beijo! Ana Farias 28/08/2013 Louise, que triste. Vou te dizer que (trendytwins.com.br)
- (76) **A:** Choro de Henderson ao receber mensagem de Klopp, o parabenizando por ter sido eleito o melhor da Premier League, votado pelos jornalistas. Se foi, realmente, o melhor, é uma outra conversa (pra mim não foi), mas Hendo escreveu uma linda história de ressurgimento nos últimos anos.
B: Kloppão é foda
C: Lembro do João dizer que o Hendo é o melhor jogador ruim que ele viu jogar. E à época fazia bastante sentindo, era meio da temporada. Ainda não é o melhor da PL, mas é um homão da porra.
B: Hahah. *Pode crer!* (twitter.com)
- (77) **A:** Como o Corinthians ainda tem chances de classificação deve ser ao vivo nosso jogo domingo na Globo, certo?
B: Já tinham anunciado São Paulo x Guarani antes mesmo do Derbi
A: *Pode crer* (twitter.com)

Dentre essas ocorrências, *pode crer* apresenta um significado que não é totalmente transparente. Em (74), a proposição *você vai sempre estar vivendo dentro da gente* não constrói a mesma natureza de crença advinda de *pode crer* do que os usos em que *pode crer* se situa como transitivo indireto. A ocorrência abaixo é um exemplo contemporâneo de transitiva indireta.

- (78) o ano 100 a. C -- possui mais de 2000 anos. **Você pode crer em isso (nisso) ou não**, pois você é livre, mas uma coisa é fato (novotempo.com)

O dado (78) apresenta um uso que consideramos totalmente transparente. *Poder crer*, aqui, apresenta habilidade/possibilidade de construir uma crença fruto do processamento mental do falante do que é pensado. A crença construída em *pode crer* marcador, como em (74) acima, se relaciona mais próximo do grau de verdade da proposição do que um conteúdo comunicativo pensado propriamente dito. O enunciador adota um grau de verdade elevado à sua proposição devido à natureza do que se trata uma crença, tomando-a no mesmo grau de verdade do qual foi subjetivamente concebida como

crença, dado que a verdade de uma crença pode ser tão verdadeira quanto a verdade de uma sentença baseada em condições de verdade para quem o enuncia. Embora ambos tratem diretamente ou indiretamente de construir uma crença, a abstratização do que o falante toma como ser uma crença leva a uma leitura que não é possível ser totalmente transparente tal qual ocorre no contexto de uso de *pode crer* das transitivas indiretas.

Descartando a possibilidade de ser totalmente transparente, há ainda outras duas opções possíveis em *pode crer*: parcialmente transparente ou opaco. Em (75), na segunda ocorrência do conjunto acima, parece não ser um significado opaco, *pode crer* ainda situa um tipo de inferência criada pelo falante em uma estratégia mais voltada ao próprio evento comunicativo e seus participantes do que a construção base dos enunciados, tanto (74) quanto (75) estabelecem um significado ligado a modalidade epistêmica. Consideramos que, nesses casos, o marcador é parcialmente transparente, pois mesmo que seja distanciado do significado de crença, qualquer um dos verbos pode sancionar o significado epistêmico, tanto *poder* quanto *crer*. Nas ocorrências advindas do Twitter, ao contrário, não é mais possível recuperar nem um resquício de crença nem de modalidade epistêmica. Nesses usos (76) e (77), *pode crer* se cristaliza ainda mais perdendo sua transparência semântica, dado que *poder* e *crer* carregam muito pouco de seus matizes epistêmicos, prestando-se mais fortemente à função de assentimento, não encontrado em nenhuma das suas partes, sendo o que Risso *et al* (2019) consideram como opacos, ou tão esvaziados que podem ser idiomáticos.

Assim, consideramos que *pode crer_{MD}* pode mostrar-se parcialmente transparente ou opaco, conforme os critérios de Risso *et al* (2019). Nesse critério sobre transparência semântica, o marcador modal é mais prototípico por representar uma transparência parcial de significado do que o marcador de assentimento. Sendo a categorização dinâmica, não é necessário que todos os traços sejam prototípicos para se considerar um item como um marcador, mas que ele tenha pelo menos alguns atributos. Risso *et al* (2019), embora tenham buscado o traço mais central, apresenta marcadores que são opacos e totalmente transparentes.

A seguir, vamos discutir um terceiro critério para averiguar *pode crer* como membro da categoria dos marcadores.

4.4.3 RELAÇÃO SINTÁTICA COM A ESTRUTURA ORACIONAL

Esse critério situa se o marcador é sintaticamente dependente ou independente da estrutura gramatical da oração. É mais central, à categoria de marcador, membros que contêm independência sintática. Para Risso *et. al* (2019), aqueles marcadores que podem pertencer a estrutura gramatical representam o que a gramática tradicional rotula como termos essencial, integrante ou acessório. Os autores não deixam claro se é apenas um tipo de termo que é considerado ou não dependente. Há uma problemática em aderir a esse posicionamento, tendo como base para averiguar a (in)dependência sintática o que estipula a gramática tradicional. Nosso fenômeno é uma oração, e, dependendo do autor, essa oração pode ser considerada funcionalmente como advérbio. Um exemplo é o trabalho de Thompson e Mulac (1991) que confere, às formas *I think* e *I guess*, a possibilidade da mesma leitura que os advérbios modais do inglês *maybe* funcionam.

Vamos considerar que dependência sintática seja aquele termo que participe da estrutura argumental de um núcleo verbal, nominal, adjetival ou preposicional. Caso esteja exterior ou não seja argumento, torna-se independente sintaticamente. Um advérbio pode ser dependente quando for argumento do verbo *ir*, por exemplo, em *eu vou à/na feira*. Ao contrário, é independente se não é tomado como argumento, por exemplo, em *Gabriel provavelmente sorriu*. Um exemplo de marcador que é dependente sintaticamente pode ser dado por Burgo, Storto e Galembeck (2013):

- (79) (...) depois que a CPI terminar o trabalho dela ela vai ter que mandar isso para o Ministério Público e o Ministério Público então vai... decidir o que fazer com o resultado... é importante lembrar que também não é a primeira vez que no Brasil ãhn ãhn tem uma CPI ou seja... nós gostamos muito de CPI e elas são feitas sistematicamente... **e eu acho que... isso faz parte do jogo democrático...** (BURGO *et al*, 2013, p. 301)

O núcleo verbal *achar* tem dois argumentos: *eu* e *isso faz parte do jogo democrático*. Uma parte da estrutura argumental é tomada como marcador discursivo. Há uma pausa no discurso oral entre o complementizador e a oração subordinada. Nesse caso, o marcador é dependente sintaticamente por pertencer a uma estrutura argumental. Por isso, tomamos a posição de considerar a (in)dependência sintática a partir da relação de um núcleo verbal e seus argumentos. A seguir, para essa discussão, há um grupo de ocorrências de *pode crer*:

- (80) fazer a "« Melô do Protô "». Vai ser o maior sucesso. **Pode crer**. Abs., e não esmoreça! É por causa dum homem assim (blogdoprotogenes.com.br)

- (81) é legal sim, bem alternativo. Eu tenho e não me disfaço... **pode crer!** hehehehe mas ele tá com esse papo desde o início do ano (gamegen.com.br)
- (82) **A:** Lembro que em 2017 vi o Grêmio campeão da Libertadores e pensei: Será que algum dia eu vou ver o Flamengo campeão da Liberta?
B: Me fazia a mesma pergunta nessa época! Apoiamos desde sempre, e agora estamos vendo tudo isso acontecer
A: Sim amigo. E é um orgulho enorme, ainda mais para a nossa geração que só pegou o Flamengo brigando para não cair
B: *Pode crer.* Mesmo com tantas decepções que tivemos, é bom demais ser rubro negro (twitter.com)
- (83) **A:** Realmente, ser extremista de centro deve ser difícil. Ontem lançaram a “revolução de centro”, vc devia participar. Se encontrar me avisa?
B: extremista de centro é igual chutar rasteirinho pelo alto
C: Extremista de centro e igual rasteira no pescoço.
B: *Pode crer!* (twitter.com)

Embora grande parte das ocorrências com *pode crer* marcador possa apresentar alguma sinalização para delimitar *pode crer* dos segmentos discursivos adjacentes, por exemplo, em (80), que há um ponto final antes e depois, algumas ocorrências podem ter ausência de pontos e vírgulas, o que não é um critério unânime para identificar certa independência sintática. A (81), além de conter sinalização, apresenta uma pausa escrita de reticências da proposição *Eu tenho e não me disfaço*. Essa pausa parece reforçar que a proposição não é argumento da expressão *pode crer*, sendo tanto a proposição quanto o marcador independentes sintaticamente. *Pode crer*, nesses casos (80) e (81), com a presença de certa sinalização, parece ser provável que a relação entre a proposição e o marcador não é de dependência sintática devido ao uso do marcador não ser obrigatório para o preenchimento do conteúdo completo da proposição.

Em (82), retirado do Twitter, há a presença também de uma sinalização posterior ao marcador, mas não ocorre nenhum tipo de dependência com os atos de fala anteriores e nem com o conteúdo proposicional desenvolvido pelo locutor **B**. Em (83), vemos *pode crer* isolado dentro de um ato de fala, esse comportamento demonstra com ainda mais consistência que o marcador não é atrelado ao que o falante/ouvinte estavam desenvolvendo, apenas sinaliza um comportamento de quem o pronuncia a respeito de assentar as posições do evento comunicativo.

Para esses usos, defendemos que *pode crer*, tanto o que carrega traço modal, quanto o que se especializa na função de assentimento, é uma oração independente, funcionando como marcador. A relação entre elas baseia-se no fato de que os MD sinalizam como certo segmento discursivo deva ser compreendido. Nesse critério de

(in)dependência sintática, acreditamos que *pode crer* tenha independência sintática dos outros segmentos em sua volta, podendo ser opcional ao falante dependendo de qual estratégia discursiva queira usar nos seus enunciados. A independência sintática não atesta que *pode crer* pode ou não ter um conteúdo comunicativo autônomo, semelhante a uma regra de um para um. Para isso, iremos situar o próximo critério da categoria de marcador.

4.4.4 AUTONOMIA COMUNICATIVA

Esse critério determina se o marcador discursivo apresenta ou não autonomia comunicativa. Aqueles que não contêm autonomia são os mais centrais na categoria de marcador. Risso *et. al* (2019) relacionam autonomia comunicativa com a capacidade de construir proposições por si própria. Para um material linguístico ser considerado autônomo, ele deve conter, em sua sintaxe, um verbo conjugado e, em sua semântica, a expressão de um pensamento completo (cf. PIRES DE OLIVEIRA, 2010; CANÇADO; AMARAL, 2016). Essa última definição segue de modo mais prototípico as orações, que é a natureza do nosso fenômeno, mas compreendemos que certas construções não verbais também podem ser consideradas comunicativamente autônomas. Por exemplo, há as interjeições, como *fogo!*, sinalizando um pensamento completo. Segue algumas ocorrências de *pode crer* para a análise com base neste critério.

- (84) de entre elas o Gurgel. A Globo terá seu momento e lugar, **pode crer**. O mundo inteiro está vendo como funciona a nossa justiça: Cachoeira condenado e (conversaafiada.com.br)
- (85) feito grafitti na cara de ela, estes imbecis iriam ter aprendido, **pode crer**... Revolucionários bons são esses: têm que convocar o sistema para defender- los! (blogdomrx.blogspot.com)
- (86) A: postei nos melhores amigos uma gravação q fiz quando tava voltando de paraty e rolou uma porradaria generalizada kkkkkkkkk eu tava no meio comendo mas quando o bgl ficou serio saí correndo p dentro do onibus
 B: porra só socao de qualidade
 A: vc viu o cara q veio correndo, deu um pulo e socou alguem? esse foi feroz
 C: Gente eu amei
 C: Tbm ja gravei algumas porradarias, uma eu tava no bk chapadíssimo e outro eu tava na zefa com os gays q eu gosto
 A: eu fico com medo kkkkkkkkkk vai q rola tiro
 B: *pode crer* (twitter.com)

- (87) **A:** Alguém em floripa tem encomenda parada no centro de distribuição dos Correios em Florianópolis? Nas avaliações do lugar 382 reviews, a maior parte de 1 estrela nos últimos dois meses reclamando de pacotes parados lá há semanas sem possibilidade de buscar presencialmente.....
B: Aconteceu comigo no começo da pandemia mas uma hora chegou. Eles tão sobrecarregados e com funcionários a menos.
A: *pode crer*. (twitter.com)

O uso de *pode crer* só ganha sentido quando relacionado com os segmentos adjacentes. Apenas junto a proposição que *pode crer* consegue estabelecer relação na estrutura do evento comunicativo. *Pode crer*, aqui, embora tenha um verbo conjugado, não apresenta um pensamento completo se tomado isoladamente. Se verificarmos apenas a proposição, o sentido completo de um pensamento ainda permanece, mesmo que a interpretação, sendo diferente, esteja fora de seu co-texto. *Pode crer*, ao contrário, estabelece significado mais pragmático. É dependente das relações discursivas na estruturação dos enunciados do falante/ouvinte. Como mecanismo estruturante, não parece possível ser autônomo comunicativamente, dado que é, por uma analogia, uma peça de engrenagem do evento comunicativo, funcionando somente quando é integrado.

4.4.5 MASSA FÔNICA

Esse critério define qual tamanho da massa vocabular mais central na caracterização dos marcadores discursivos. Risso *et al* (2019) defendem que até três sílabas tônicas é o atributo mais frequente, ao contrário, do que mais de três sílabas tônicas. A sílaba representa um conceito primordial nos estudos relacionados à fonética, sendo um acréscimo de pressão de ar expelido dos pulmões de modo não-contínuo. A sílaba tem como núcleo um ápice de sonoridade, desencadeado por sons de alta sonoridade, como as vogais. As margens do núcleo representam os aclives e os decliveis, que podem ser preenchidos ou não, em grande parte, por consoantes, além de semi-vogais, resultando em combinações de ditongos ou tritongos (cf. CALLOU; LEITE, 1999, p. 29-35). A sílaba tônica contribui para caracterizar o sistema prosódico de uma língua natural e representa o *acento de intensidade*, que é a capacidade, dentro de uma cadeia sonora, de uma sílaba ser mais longa daquelas mais breves. A seguir, há algumas ocorrências de *pode crer* para continuarmos esta discussão:

- (88) com a gente, você vai sempre estar vivendo dentro da gente, **pode crer!** " Recebemos um fluxo de energia poderoso. Um momento ritual. A partir (ebah.com.br)
- (89) **A:** preguiça até de cortar meu cabelo, mas o vício grita mais alto haha
B: to indo agora também
A: preguiça...
B: *pode crer*

Embora qualquer análise que tome recursos da fonética precisasse de ocorrências de usos da oralidade, algumas generalizações são possíveis de se fazer utilizando como base o texto escrito. Nessas duas ocorrências, como em todas as outras de marcador do nosso *corpus*, *pode crer* se constitui de três sílabas. Duas sílabas integram o verbo auxiliar *pode*, e uma, o verbo *crer*. O critério usado por Risso *et al* (2019) estabelece até três sílabas tônicas. Mesmo que *pode crer* tivesse uma intensidade longa em todas as sílabas, ou ao contrário, ainda estaria dentro do critério. Independentemente de quantas sílabas tônicas têm dentro das três sílabas que configuram o marcador, ele ainda estaria dentro dos requisitos para se configurar como membro mais central. É possível afirmar dentro do qual integram as sílabas em *pode crer* que o verbo *crer* no infinitivo pode ser considerado longo. Porém, fenômenos bem-conhecidos na fonética/fonologia, como alçamento vocálico, redução de infinitivo, elisão, entre outros, podem causar alterações, sobretudo, no auxiliar, não sendo possível de averiguação mais profunda nesta pesquisa.

Os critérios, aqui, apresentados, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, relação sintática com a estrutura oracional, autonomia comunicativa e massa fônica, conferiram a *pode crer* modal e de assentimento o seu papel como marcador discursivo. *Pode crer* modal teve o comportamento de atuar fora do conteúdo proposicional com um significado parcialmente transparente. Também, funcionou como um elemento sintático autônomo, conferindo a uma falta de autonomia comunicativa e a uma massa fônica reduzida. A única diferente entre o modal e o de assentimento está relacionado com a transparência semântica, como veremos mais a frente, o fato de o marcador de assentimento ser opaco pode levá-lo a algumas redução que não são permitidas com o marcador modal. Agora, com a defesa que *pode crer* atua como membro da categoria dos marcadores, exploraremos sua mudança no quadro da gramática de construções, direcionando ao objetivo mais geral a respeito do pareamento de forma e significado na construção *pode crer*_{MD}.

Findada a observação dos fatores advindos de Risso *et al* (2019), ficam mais claras as características que levam *pode crer* ao grupo dos MD. Um outro ponto relevante é a

inexistência de material interveniente entre V1 e V2. Em todos os períodos analisados, ambos se apresentam contíguos, o que parece favorecer a leitura não composicional, decisiva para o estabelecimento do MD. Em seu estágio mais alinhado a tal categoria, *pode* e *crer* já formam um *chunking* na língua portuguesa.

4.5 *PODE CRER*: TRATAMENTO VIA CONSTRUCIONALIZAÇÃO

A mudança linguística é, sem dúvida, um dos temas mais antigos e relevantes em relação à linguagem junto com a preocupação da dicotomia *linguagem e pensamento*. Seja para adotá-la, ou renegá-la a uma deterioração da língua, a mudança representa uma onda que não há como impedi-la, embora, em algumas épocas, houve tentativas, como a criação das primeiras gramáticas a fim de assegurar a linguagem de textos religiosos, sendo a linguagem, por uma ideia retrógada, um presente divino dado aos homens, ou no ensino do latim clássico no período histórico atuante no Império Romano. Bybee (2020 [2015], p. 47) destaca a potência da mudança quando afirma que “é muito difícil resistir a um padrão de fala que está sendo usado à nossa volta. Por isso, quando uma mudança ganha impulso, é improvável que possa ser detida”.

A mudança em *pode crer* será conferida e atestada nesta seção. Algumas características da sua diacronia/sincronia já foram conhecidas mais acima. Vamos sinalizar as mudanças que ocorreram para a formação da construção *pode crer* MD expressão de assentimento. Em seguida, apresentaremos a criação de um novo nó na rede de MD da língua portuguesa.

4.5.1 A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE *PODE CRER*

A formação da construção marcadora discursiva [*pode crer*] passa por uma série de mudanças pré-construcionais até o surgimento de um novo nó. Nesta seção, a atenção dar-se-á aos passos de mudança à formação do pareamento de uma nova forma com um novo significado, esmiuçando as características que a definem como construção: produtividade; esquematicidade; e composicionalidade. A mudança linguística é vista como micropassos na emergência desses nós.

As ocorrências iniciais, utilizando a combinação de *poder* com *crer* do nosso *corpus* diacrônico, já aparecem representar um *chunk* de modalidade epistêmica. Segundo

Bybee e Fleischman (1995), “epistêmicos são indicadores de escopo oracional de um comportamento do falante com a verdade da proposição”.

No século XVI, primeiro século possível para averiguar na história do português construções que contém já integrado o *slot* de v1 especificado com o *poder* e o segundo *slot* com *crer*, diferentes contextos de usos podem ser mapeados, como segue:

- (90) Falei com a convertida; **não se pode crer o seu espírito**. Urdimos nossa tea. Agora ha de vir suficiente, mas (15:Miranda:Vilhapandos)

O caso (90) apresenta um uso de *pode crer* relacionado a esquema mais prototípico de transitivas no português. Apresenta estrutura argumental aparentemente mais antiga no PB, asserção que vem do fato de ela ter sido a única encontrada no século XVI. Nela, o complemento se liga ao verbo por uma transitividade direta. Isso foi substituído, ao longo da história de *pode crer* transitivo, por um complemento preposicionado. Em (90), *não se pode crer o seu espírito* sinaliza que o enunciador toma o termo *espírito* em uma possibilidade negativa de acreditar dentro do estatuto de tomar por real esse objeto. Embora ainda continue uma leitura composicional, diferentes usos da combinação de *poder* e *crer* podem levar ao pensamento de entrincheiramento dessa forma devido a mesma recorrência similar. Ainda no século XVI, um outro uso é possível, com uma força epistêmica mais aparente, dado que não apenas avalia o estado de veracidade da proposição, como também ocorre um certo descomprometimento.

- (91) o pouoo he em tâ grãde multidõ. & muyto mais do que **se pode crer Ca muytas vezes sauem em câpo** pera a guerra mais que dez vezes çem mil (15:Florentim:Nicolao)
- (92) seis de Junho, mais que em Deus e no Céu, onde **se pode crer que viva para sempre**. Foi sua morte sentida e chorada, o corpo enterrado (15:Lucena:SFXavier)

As ocorrências (91) e (92) tomam uma oração substantiva como uma proposição. A (91), em especial, utiliza uma forma arcaica de complementizador. Essas construções parecem fazer parte de um esquema mais geral de construções complexas. Gonçalves e Oliveira (2020) têm defendido uma rede de construções complexas delineado pela construção esquemática [[[ARG_{umento}] + [PRED_{icado}]_{oração}] ↔ [X predica sobre Y]], no qual [[se] + [pode crer QUE O]] poderia ocorrer como um dos membros. Conforme mencionam Gonçalves *et al.* (2019), uma proposição, quando tomada na perspectiva de

um termo da estrutura argumental de um verbo encaixador, representa “um conteúdo [sendo] resultado de inferência ou crença” (GONÇALVES *et al.*, 2019, p. 75).

Em (26), *viva para sempre* infere conhecimento que o falante experiencia. Vale ressaltar que as ocorrências manifestam modalidade epistêmica. Parece que, quando *poder* atua em conjunto com *crer* na formação de uma construção complexa [pode crer QUE O], destaca uma única leitura possível, sendo que a possibilidade que se cria reveste-se no desejo do falante em tomar o objeto construído pela crença como uma verdade, o que seria bem extremo dentro da modalidade epistêmica, tornar algo tão provável de ser verdadeiro ao ponto de construir uma crença. O terceiro uso recorrente que tem a mesma combinação se dá com ocorrências intransitivas ainda no século XVI:

- (93) e fez uma tal confuzam de preceitos, **que nam se pode crer**, senam vendo-o no mesmo autor. 18 Os Olandezes serviram-se da Gramatica de Ludolfo (15:Verney:Gramatica)
- (94) requeriam mais nauios, e mais gente; pelo que quis, **segundo se pode crer**, poupar estes cinco annos, por dantes ter feitas muitas despesas nestas nauegações, (15:Gois:Joao)

Crer junto com *poder*, a nuance epistêmica ainda é a leitura possível para essa combinação dos dois verbos. (93) apresenta uma estrutura em que *se pode crer* está em sua formação negativa quando o contexto linguístico não é tomado por certo pelo falante. Esse significado fica mais saliente em (94) quando *se pode crer* é uma oração adverbial conformativa. Em (94), *segundo se pode crer* relaciona-se mais próximo com *poupar estes cinco annos*, a atividade de poupar é tomado como um ato de fé quando o falante usa uma construção de crença como base para possivelmente considerar bem verdade a oração matriz. O século XVII apresentam um comportamento nos usos semelhante ao século XVI, sem mudanças, então não daremos atenção aprofundada a este século, pois não acrescenta na discussão da mudança.

Independentemente de quais redes cada uma desses usos dos primeiros séculos participam, a indeterminação do sujeito é uma característica geral que permanece em todos os usos iniciais. O índice de indeterminação do sujeito realizado pelo *se* não direciona a algum participante discursivo específico. Conforme menciona Milanez (1980)

O mecanismo de indeterminação funciona através de uma projeção de um dos elementos do nível da determinação ao da indeterminação, sendo o envolvimento da 1ª pessoa, 2ª e 3ª meramente hipotético, ou seja, as mesmas seriam usadas para efeito de ilustração de uma situação onde qualquer pessoa poderia se encontrar. (MILANEZ, 1980, p. 31)

Embora ocorra uma estratégia dos falantes em indeterminar os argumentos gramaticalmente, existe uma determinação no nível do discurso.

- (95) que compus alguns annos depois desta. E deste tempo por diante **se pode crer que continuasse Gomez Eanes**, porque viueo muitos annos depois delrei dom AfonsoV ter tornada

Embora *pode crer* já seja um *chunk* de modal epistêmico formado nesses períodos iniciais, a partícula *se* consegue tanto recuperar o direcionado a primeira pessoa quanto a segunda pessoa. Quando o falante menciona *se pode crer que*, é recuperado contextualmente que a primeira pessoa (eu posso crer que) e a segunda pessoa (tu/você pode/s crer que) podem se encontrar. A terceira pessoa é restringida pela proposição. Considerando que o falante utiliza uma proposição relacionada a uma terceira pessoa *Gomez Eanes*, a possibilidade de leitura de *se pode crer que* se limita a apenas as duas primeiras. Essa possibilidade não ocorre apenas em formas como *pode crer*. Milanez (1980, p. 19) confere que a possibilidade de referência discursiva das pessoas depende do entorno contextual. Neste exemplo da autora, apenas a segunda pessoa e a terceira são opções de leitura de sujeito de *tomar*.

- (96) Não concordo que *se* tome esse tipo de atitude (MILANEZ, 1980, p. 36)

As ocorrências de *se pode crer* parecem restringir uma terceira pessoa mesmo quando seu uso não seja de uma encaixada. Conforme o exemplo abaixo, no século XVII.

- (97) experiencia da opinião, que o mundo tinha delle, levado, **como se pode crer**, das dilicias & passatempos, a que se foy inclinando com a idade

Como se pode crer tem a possibilidade de referenciar uma primeira pessoa *como eu posso crer*, a uma segunda pessoa *como tu podes crer*, mas uma terceira pessoa não é possível, dado que o contexto de produção está direcionado a um ele que é especificado pela oração adjetiva *que o mundo tinha delle*, não permitindo uma leitura como *experiencia da opinião, que o mundo tinha delle, levado, como ele pode crer*. O *chunk* modal epistêmico que se cria na ocorrência de vários usos dos verbos utilizados juntos *poder* e *crer* é resultado de um entrincheiramento que permite dentre várias combinações possíveis de *poder* com um verbo principal e de *crer* com um leque de verbos auxiliares,

funcionarem integrados em uma relação de indeterminação do sujeito dentre as ocorrências. Focar a indeterminação do sujeito auxilia a traçar a primeira neoanálise que ocorre nesse *chunk*. Preferimos assumir o termo *chunk* neste momento por essa mudança inicial ser compartilhada por diferentes usos de *pode crer*, afetando não somente a construção fonte da emergência do marcador.

No século XVIII, aparece uma primeira ocorrência de *pode crer* sem um índice de indeterminação do sujeito, ocorrendo em construções complexas subordinadas. A mudança que ocorre se atrela a uma certa generalização da segunda pessoa discursiva. Nos séculos anteriores, XVI e XVII, os usos de *se pode crer* costumavam a restringir a terceira pessoa, embora não seja uma regra, devido que a restrição é dada contextualmente, permitindo uma leitura apenas pela referência contextual da primeira e da segunda pessoas. Agora, no XVIII, apenas a leitura de uma segunda pessoa é disponível.

- (98) porco grande de forma e ancha, estimando-a ao que vay correndo, **entom pode crer que aquelle he o porco mesmo** a que pos os caães e entom non há (17:DJoao:Montaria)

A generalização de uma segunda pessoa discursiva devido à ausência do índice de indeterminação do sujeito *se* leva a um comportamento de *pode crer* conforme verbos conhecidos no modo imperativo. Em (98), *entom pode crer* remete a uma segunda pessoa *então pode crer você* ou *então podes crer tu*. Essa é a primeira neoanálise que ocorre nas construções de *pode crer*. A possibilidade de referência de duas pessoas discursivas passa a uma generalização para apenas uma, a segunda. Assim, [*pode crer QUE O*], indicando uma possibilidade de referência a duas pessoas passa a referenciar apenas uma. O século XVIII não é produtivo em termos de ocorrências no nosso *corpus*. Mas essa ocorrência nos mostra que o comportamento imperativo de *pode crer* parece ser o responsável pelos usos posteriores. Ainda neste período, é possível encontrar ocorrências com *se* em usos não encaixadores e outros recursos de indeterminação do sujeito, utilizando pronomes indefinidos como *quem* e *ninguém*.

- (99) podes governarte perpetuamente por este estilo na intelligencia dos meus versos; porque **quem pode crer**, que as estrellas não sahem, quando a lux clara foge, licença larga (17:Macedo:Antidoto)
- (100) por si só. Certo que tenho estudado em música mais do que **ninguém pode crer**; bem; e então que se tira daí? Que conheço mais de rabeça (17:Costa:Cartas)

A partir do século XIX, todas as ocorrências têm a ausência do *se*. A indeterminação só ocorre quando termos indefinidos são usados, como *ninguém*. Uma premissa que pode resultar no século XVIII, mas não é possível afirmar na nossa pesquisa devido a quantidade de ocorrências, é que a possibilidade do apagamento do *se* nas orações encaixadas no século XVIII, generalizando a segunda pessoa discursiva, pode servir como um exemplar para que contextos diferentes de usos de *pode crer*, como intransitivos, transitivos por SN ou SPrep, possam, por analogização, passarem a funcionar com um comportamento mais imperativo.

A mudança que ocorre, sobretudo, na oração encaixada no século XVIII permite assumir a hipótese da oração matriz na emergência inicial da construção marcador discursivo *pode crer*. No século XIX, algumas ocorrências já aparentam um comportamento mais próximo de marcador.

- (101) aqui estivesse há anos. - E é um bom indício de cura, **pode crer**. - E ainda tem empenho de me curar? - Empenho, todo; (18:Dinis:Morgadinha)
- (102) vinha uma ou outra palavra do Palha: " Em todo o caso, **pode crer** " - " Nem a administração dum banco é cousa de brincadeira.. " (18:Machado: Borba)

Em (101), *pode crer* atua como uma estratégia para que a proposição *é um bom indício de cura* é uma posição que o enunciador faz e espera atualizar as informações pragmáticas do outro para que a considere como mais próximo possível de ser verdade. Em (102), *pode crer* também sinaliza essa preocupação com os conhecimentos e crença do outro ao desejar que o destinatário aceite o acréscimo do sintagma adverbial como posição do que vinha sendo construído por meio dos segmentos discursivos anteriores. Todos esses casos estão em diálogos, o que evidencia que *pode crer* é mesmo uma espécie de imperativo, que orienta o ouvinte sobre como entender as proposições em termos de verdade. Esses usos ainda retêm nuance epistêmica, já que o falante avalia certo grau de verdade das proposições. São próximos do que se tem chamado de *parentéticos epistêmicos*, formas que emergem de orações encaixadas.

A emergência de marcadores a partir de orações matrizes já vem sendo detalhada em trabalhos que lidam com a mudança por gramaticalização (cf. THOMPSON; MULAC, 1991; GONÇALVES, 2003; BARBOSA-SANTOS, 2019). A hipótese que lida com a passagem de matriz a marcador rotula-se como hipótese da oração matriz, tendo o trabalho de Thompson e Mulac (1991) como o mais expressivo. Esses autores investigaram um grupo grande de verbos que podiam atuar como marcadores em diálogos

do inglês falado, embora notaram a predominância na frequência de duas formas: *I think* e *I guess*. Eles, então, estipularam uma hipótese de mudança que poderiam levar essas formas mais inovadoras como resultado da gramaticalização da oração matriz. Esse caminho pode ser visto nas seguintes ocorrências dos autores (1991, p. 313):

- (103) Acho que definitivamente estamos caminhando para ser mais tecnológicos.
I think that we're definitely moving towards being more technological.
- (104) Eu acho \emptyset o exercício é realmente benéfico para qualquer pessoa.
I think \emptyset exercise is really beneficial, to anybody.
- (105) É apenas o seu ponto de vista, você sabe o que gosta de fazer no seu tempo livre, acho.
It's just your point of view you know what you like to do in your spare time I think.

Cada ocorrência, (103), (104) e (105), pode ser vista como um estágio de mudança. Thompson e Mulac (1991) defendem que (103), quando o verbo da oração matriz encaixa uma proposição, é a forma menos gramaticalizada. Em seguida, há o apagamento do complementizador. Em inglês, é possível esse apagamento devido ao fenômeno de *that-deletion*, não ocorrendo em língua portuguesa. Por último, teria a passagem da matriz, que já estava menos dependente sintaticamente, para a posição de marcador. No exemplo (103), há o verbo *to think* (achar) utilizando o complementizador *that* (que) para encaixar uma proposição. Quando o verbo encaixa uma oração com o complementizador explícito, é o primeiro estágio da mudança que os autores discutem. O segundo pode ser visto na ocorrência (104) em que o verbo *to think* já não mais recruta o complementizador *that*, embora ainda se tenha certo vínculo de complementação entre a natureza da oração matriz e da subordinada. O último, em (105), representa o *I think* totalmente fora de sua estrutura anterior de encaixador. Nesse último estágio, há uma troca na hierarquia sintática, dado que a matriz passa a ser marcador e a oração subordinada passa a ser a principal, tornando-se absoluta.

Um conjunto de trabalhos na linguística brasileira tem defendido a emergência de formas verbais em situações de uso próxima dessas anteriores de *pode crer*. Casseb-Galvão (1999), analisando o uso do verbo *achar*, em especial do qual rotula como *achar*₄, defendeu que é um “elemento modalizador que tem o comportamento semelhante ao dos advérbios modalizadores epistêmicos quase-asseverativos – talvez, provavelmente” (CASSEB-GALVÃO, 1999, p. 141). Gonçalves (2003), descrevendo os usos do verbo *parecer*, salientou que os contextos que *parece* atua em posição mais gramaticalizada torna-se “livre para se posicionar no interior da oração, podendo aparecer em posições

iniciais, mediais ou finais” (GONÇALVES, 2003, p. 141). Fortilli (2013), caminhando em uma direção diferente desses dois últimos autores no quesito da natureza do fenômeno, verificou a emergência e mudança das construções subjetivas no português, caracterizando a gramaticalização do predicado subjetivo e da oração não-verbal. A oração não verbal passa a uma mudança por atuar em posições e contextos de uso similares ao encontrado em Casseb-Galvão (1999) com *achar* e Gonçalves (2003) com *parecer*. Esses três estudos são importantes para o entendimento, no português, da mudança de orações à sua roupagem em formas mais gramaticalizadas nos moldes de um marcador discursivo.

Carvalho (2017), em perspectiva construcional, tem relacionado que a emergência de formas verbais, como pesquisado pelos autores anteriores no quadro de mudança da gramaticalização, direcionam a cláusulas matrizes como fonte. Também assumimos que orações matrizes, tal como aquela do século XVIII *entom pode crer que aquelle he o porco mesmo*, pode resultar no desenvolvimento de formações mais parentéticas no século XIX. A segunda neoanálise de mudança se dá no século XIX pelo desmembramento da matriz com a oração subordinada, [[pode crer][que O]] a [pode crer]_{parentética}. Esse uso é mais da forma do que do significado, dado que o significado de [modal epistêmico] permanece em ambas as construções.

Ainda no século XIX, há certos usos mais parentéticos que parecem afastar de uma relação de crença ou a uma estratégia que o falante deseja que seu interlocutor tome certa posição como verdadeira, e se aproxima de uma nuance de assentimento entre os posicionamentos dos participantes.

(106) balbuciou o pároco. - Mas um bocadinho à noite. Olhe, **pode crer**, tem-me causado desgosto.. E todos têm reparado. Não, lá isso, (18:Queirós:Crime)

Em (106), o falante utiliza *pode crer* para manifestar uma confirmação do que se estava sendo tratado anteriormente. Nesta ocorrência, a proposição *tem-me causado desgosto* não serve como estratégia para que o ouvinte tome esse posicionamento como verdadeiro, mas que ambos os participantes estabeleçam uma relação de confirmação com seus posicionamentos. Esse uso mais afastado de um modal epistêmico também pode ser conferido na ocorrência a seguir:

(107) - Então? Não quero passar por impenitente. Ainda não o ouvi. **Pode crer?** Além de que percebi na Criste um fervor, com o qual quis condescender (18:Dinis:Morgadinha)

Em (107), parece que o falante não busca avaliar a veracidade de uma proposição, mas, ao contrário, estabelecer comunicativamente uma concordância com o seu interlocutor. Os usos de *pode crer* como uma estratégia que o enunciador evoca para que o ouvinte tome sua posição como verdadeira, exemplificadas nos exemplos (101) e (102) acima, diferenciam-se dos usos que a modalidade epistêmica é mais tênue nessas últimas ocorrências (106) e (107).

A terceira neoanálise que ocorre ainda no século XIX é a passagem do significado [modal epistêmico] a [expressão de assentimento]. É nesta terceira neoanálise que defendemos uma construcionalização gramatical do marcador [pode crer]. Assim, a forma [pode crer] que desfrutava do significado [modal epistêmico] passa a atuar em contextos que o significado seja [expressão de assentimento]. Neste momento, há uma alteração significativa tanto na forma, que ocorreu com o desmembramento das encaixadas epistêmicas, quanto no significado, que emergiu a possibilidade de leitura de assentimento, enfraquecendo a nuance epistêmica. Os séculos XX e XXI permanecem com o mesmo uso do pareamento [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]].

Embora a construcionalização ocorra no século XIX, alterações no aumento da produtividade, esquematicidade e diminuição da composicionalidade podem ocorrer mesmo ao longo dos séculos posteriores ao XIX. A partir de agora, vamos salientar cada uma dessas propriedades na formação geral do pareamento [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]].

A composicionalidade é uma característica da construção que lida com a relação do significado das partes em relação ao significado do todo. Para Traugott e Trousdale (2013), uma construcionalização gramatical diminui a transparência da forma sintática com o significado das partes que a formam. Essa diminuição não leva, como regra, a formas não analisáveis, mas a uma incompatibilidade da estrutura da forma com a estrutura do significado. A construcionalização gramatical serve para unir esses dois polos, até então, incompatíveis, dado que integra um significado novo a uma forma nova.

A origem das construções com o *chunk* modal *pode crer* podem ter uma leitura mais composicional, dado que cada uma das partes fornece um significado para a construção do todo. O verbo *poder* estabelece um valor de modalidade epistêmica enquanto o segundo verbo *crer* se relaciona a uma crença. A estrutura dos significados [PODER CRER] correspondem a estrutura sintática [poder crer]. Com a primeira neoanálise, ocorrendo o desmembramento das orações encaixadas, a composicionalidade

se torna mais parcial, dado que a crença construída é mais diluída e sobressai a estratégia de fazer o ouvinte tomar certa posição do enunciado do falante com o grau próximo de verdade tal como ela foi concebida. Tais ocorrências são aquelas mostradas com o pareamento [[pode crer] ↔ [modal epistêmico]] com comportamento já de marcador discursivo.

- (108) com a gente, você vai sempre estar vivendo dentro da gente, **pode crer!** " Recebemos um fluxo de energia poderoso. Um momento ritual. (ebah.com.br)
- (109) conforto, a dor diminui com o tempo e só restarão lembranças boas, **pode crer.** (trendytwins.com.br)

A crença construída em [[pode crer] ↔ [modal epistêmico]] marcador, como em (108) acima, ainda situa um tipo de inferência criada pelo falante em uma estratégia mais voltada ao próprio evento comunicativo e seus participantes do que a construção base dos enunciados. Ainda é possível recuperar uma certa nuance de crença nesses usos.

Em (109), por exemplo, quando o uso de *pode crer* escopa a proposição *a dor diminui com o tempo e só restarão lembranças boas, pode crer. Beijo!*, ele se relaciona intersubjetivamente para que o outro altere suas informações pragmáticas e passe a considerar a posição *a dor diminui com o tempo* verdadeira tal como foi construída subjetivamente pelo falante. É um desejo comunicativo que um interlocutor tem sobre o outro, e não uma estratégia mútua de posicionamentos quando o *pode crer* manifesta conformidade. Isso significa que há dois propósitos comunicativos em jogo, supostamente concretizados pelo falante: a) mostrar que toma como verdadeiro o que está dizendo, comprometendo-se e b) orientar o outro sobre poder confiar, aderindo ao seu rol de conhecimentos o que o falante disse. A ideia de crença está mais distanciada nesses casos, mas ainda existe.

Com a passagem do significado [modal epistêmico] a [expressão de assentimento], há uma perda de comprometimento e um enfraquecimento das nuances epistêmicas. A incompatibilidade da forma e do significado surge porque as partes formadoras levam a um significado composicional diferente do que vem se convencionalizado ao longo da história da língua, conforme esses usos a seguir:

- (110) Alvaro, finalmente, com um olho faceto todo revirado para ela. " **Pode crer!** E o senhor a dar-lhe.. E' sempre assim. Como se eu (19:Fic:Pt:Simoes:Historia)
- (111) INF Foi, foi.

INQ1 Pois, pois.

INF **Pode crer.** (...) Digo-lhe mais: Deus o queira que não lhe suceda, (19Or:Pt:Cordial)

- (112) **A:** nao e possivel aniversario da mina na estreia isso ja rolou antes?
B: Já queimaram largada no parabéns ao invés de esperar todo mundo
A: nossa *pode crer* (twitter.com)
- (113) **A:** pfv n me chamem de “da cor do pecado” pois sou contra esse termo ok
B: eu nem ia chamar, mas pq tu é contra?
C: é um termo racista
B: *pode crer* (twitter.com)

Nesses casos, *pode crer* parece não criar um comprometimento do falante pelo que é dito, apenas constrói uma sinalização de assentimento entre os participantes da comunicação, sem que ocorra um jogo de graus de verdades entre o falante ou o ouvinte. Os usos anteriores com o significado [modal epistêmico], há ainda uma relação de avaliar uma proposição como verdadeira, dado que o falante deseja que o ouvinte tome seu enunciado pela mesma proporção de verdade que foi concebido na construção da crença. Nesses últimos, parece não ocorrer nenhum tipo de avaliação ao estado de verdade. Ambos os participantes aderem a um mesmo posicionamento. Em (113), por exemplo, *pode crer* não avalia se *é um termo racista* possa ser ou não verdadeiro ou ter mais ou menos graus de verdade. O falante, neste caso, estabelece um equilíbrio em tomar o posicionamento *é um termo racista* tal como foi tomado pelo enunciador **C**.

Ocorre uma perda ainda maior na transparência semântica com base nas partes que constroem a forma [*pode crer*]. Três critérios que definem os marcadores discursivos, baseados em Risso *et al* (2019), podem corresponder a mudança que ocorre na composicionalidade dessa forma tanto na sua construcionalização gramatical quanto nas suas mudanças construcionais de pós-construcionalização. Essa relação demonstra que *pode crer* obedece a critérios de ser portar como marcador na sua trajetória da história da língua.

O critério de transparência semântica (RISSO *et al*, 2019) é próximo da base que define aumento/diminuição de composicionalidade de Traugott e Trousdale (2013). Risso *et al* (2019) têm identificado que marcadores discursivos são mais comuns quando atrelado a uma transparência parcial de significado. Secundamente, quando seu significado é totalmente transparente. E, por último, mais periférico, quando seu significado é opaco. Marcadores podem variar ao quanto transparente é seu significado. Ser mais composicional ou menos composicional não impede uma forma de funcionar como marcador discursivo nas línguas naturais. Dentre o conjunto de marcadores que os

autores (RISSO *et al*, 2019) verificaram, eles consideraram que 53% são parcialmente transparentes, 36% totalmente transparentes, 2% opaco e 8% não se aplica. Os marcadores que integram o grupo de 8% são as formas não lexicalizadas na língua, sendo, majoritariamente, cadeias fônicas, como *ah*, *hum*, *aham* etc.

Pode crer, quando atrelado ao significado [modal epistêmico]_{MD}, estabelecia um significado mais centrado ao que Risso *et al* (2019) consideram como prototípicos, sendo o traço parcialmente transparente, dado que esse pareamento não expressava diretamente uma crença fruto do processamento mental do falante do que é pensado. Ao contrário, a relação era conectada mais ao grau de verdade do que o conteúdo comunicativo em si. Quando ocorreu a construcionalização, mudança do significado [modal epistêmico] a [expressão de assentimento], houve um ganho significativo de convencionalização, tornando-o mais opaco, em termos de Risso *et al* (2019). Segundo os autores, “pode também acarretar graus diferentes de cristalização ou neutralização das referências originais, até se tornarem, num grau máximo, estereótipos, idiomatismos, semanticamente opacos” (RISSO *et al*, 2019, p. 378). Essa convencionalização torna as partes menos analisáveis, dado que, quando era [modal epistêmico], o significado conseguia ser analisado em uma das partes, já que ambas poderiam sancionar esse tipo de modalidade. A Expressão de assentimento torna as partes menos analisáveis. Essa característica condiciona uma redução na sua forma morfossintática, que é tratada com o segundo critério de Risso *et al* (2019), o qual também relacionamos a composicionalidade.

A Massa fônica define qual tamanho da massa vocabular mais central na caracterização dos marcadores discursivos. Risso *et al* (2019) defendem que até três sílabas tônicas é o atributo mais frequente, ao contrário, do que mais de três sílabas tônicas. Há algumas ocorrências de *pode crer* para continuarmos esta discussão:

- (114) com a gente, você vai sempre estar vivendo dentro da gente, **pode crer!** " Recebemos um fluxo de energia poderoso. Um momento ritual. A partir (ebah.com.br)
- (115) **A:** O Fluminense é o clube com mais VITÓRIAS FEIAS no campeonato. Nem o tricolor sabe como esse time tem 50 pontos
B: Kkk *pode crer*. Exatamente isso aí (Twitter.com)

Como vimos anteriormente, nessas duas ocorrências, tanto o de significado [modal epistêmico], em (114), quanto o de [expressão de assentimento], em (115), assim como em todas as outras de marcador do nosso corpus, *pode crer* se constitui de três

sílabas. Mesmo que *pode crer* tivesse uma intensidade longa em todas as sílabas, ou ao contrário, ainda estaria dentro do critério. A análise da massa fônica confere a construção [pode crer] carácter de marcador discursivo. Porém, a conexão entre massa fônica e composicionalidade ocorre, possivelmente, por uma mudança construcional após o período de construcionalização. Quando a forma [pode crer] se integra ao significado [expressão de assentimento], a construcionalização compatibiliza uma nova forma com um novo significado. Esse significado nasce de uma forma pouco analisável, dado que o significado de *poder* ou de *crer* não remetem a convencionalização criada no momento da construcionalização. Essa falta de analisabilidade leva, no século XXI, principalmente, a uma redução morfossintática na forma [pode crer]. A fusão entre os dois verbos só é possível devido a perda de significado analisável entre eles, podendo ambos se fundir. Abaixo, há algumas ocorrências bem recentes que direcionam a uma possível mudança na forma após a construcionalização.

- (116) **A:** baita somzão cara... na boa
B: Demais Vance! O que arrumei de namoradinha nos bailinhos com essa música!
A: kkkkkkkkkk era show... ouvia isso no gravador k7 de pilha em Caraguatatuba com a turminha até altas... tempo gostoso onde todo mundo era mais brother e o padrão não era a trairagem rs
B: Demais! As paqueras eram combinadas com antecedência, ninguém furava o olho de ninguém. Kkkk
A: *podecrer* kkkkkkkk (Twitter.com)
- (117) **A:** gente linda igual eu n tinha q precisar fazer enem
B: Aí tu iria ter que fazer todo mês
A: *podicrê*
B: Cê sabe q eh zoa, linda perfeita (Twitter.com)
- (118) **A:** Churras dos 2K, quem cola?
B: posso?
A: Sua presença é necessária, meu amigo
B: estarei presente então
A: *Pocrê*
C: se ele for eu n vou
B: ngm liga kkkkkkkkkk (Twitter.com)

Seja *podecrer*, *podicrê* ou *pocrê*, todas elas são formas linguísticas usadas pelos falantes. Atestar que são mudanças, de fato, pós-construcionais exigiria uma pouco mais de profundidade e rigorosidade. No Twitter, é possível mensurar uma frequência entre elas estabelecendo o intervalo de tempo que uma publicação é usada em relação a outra publicação anterior. *Pocrê* contém intervalos de muitas semanas de uma publicação a outra. Observando em janeiro de 2021, os dez primeiros usos já trazem ocorrências de

setembro de 2020. Um intervalo grande de uma publicação a outra. *Podicre*, ao contrário, já é mais usado, dado que o intervalo entre uma publicação a outra é por horas. Por último, *podecrer* também apresenta um intervalo curto, sendo cada publicação postada em intervalos de horas. Isso significa que a cada intervalo de poucas horas, alguém publica uma postagem utilizando o *podicre* ou *podecrer*, enquanto MD, em formas fundidas. Levando-se em conta a amplitude da rede Twitter no Brasil, pode-se estimar que, todos os dias, uma grande quantidade de ocorrências de *podicre* e *podecrer* são publicadas. As ocorrências dessas formas reduzidas acima são uma parte anexa nesta discussão de composicionalidade. O intuito é apresentar que o pareamento [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]] pode estar sofrendo um certo tipo de fusão, integrando-se na formação de uma única palavra, o que auxilia, também, na discussão sobre a massa fônica desse MD.

Ao fundir cada um dos verbos, o *poder* e o *crer*, em uma formação única, a massa fônica passa a ser reconfigurada para um nova forma em que não há mais presença de dois slots na formação da construção, mas apenas uma única palavra, um slot. Assim, [pode crer] passa a uma unidade lexical [podecrer], podendo reconfigurar a rede que está presente e, provavelmente, tendo relações com a rede dos advérbios do português. Caso semelhante ocorreu em português com a história de *embora*. Sua forma antiga *em boa hora* era formada por um sintagma preposicionado com três palavras, através do tempo, essa forma se fundiu para apenas uma palavra *embora*. Caso similar que pode estar ocorrendo com o fenômeno estudado neste trabalho.

Uma indicação deve ser feita baseado na cultura pop brasileira. Há um filme, de 2007, chamado *podecrer*, do diretor Arthur Fontes. Os limites da nossa pesquisa não permitem conferir se essa produção possa ter servido como motivador de mudança ou um artifício que sustenta essa redução na língua dos falantes. Porém, uma redução do material morfossintático após a construcionalização já é uma tendência que a proposta de Traugott e Trousdale (2013) indica como no caso de *going to > gonna*.

Discutido a composicionalidade, abre-se espaço para as outras duas características de uma construção: a esquematicidade e a produtividade. Não iremos detalhar cada uma delas separadamente, porque ambos são interligados e nosso objeto centra em uma microconstrução. Devido ao nosso objeto, não é possível empiricamente aprofundar, por exemplo, se [pode crer] é responsável pela formação de um novo subesquema ou se apenas é sancionado por analogização a um subesquema já existente dentro da rede de marcadores. Provavelmente, uma pesquisa que toma um padrão mais abstrato com uma

família de membros poderá definir com melhor propriedade as características gerais de categorização e abstratização em relação a [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]] em comparação às demais microconstruções irmãs. Porém, é possível verificar, junto aos dados, aumento tanto na produtividade quanto na esquematicidade, no âmbito da microconstrução.

A construção fonte do pareamento [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]] parece ser a construção encaixadora. Ela estabelece uma natureza do mesmo termo sintático, ou seja, um sintagma oracional encaixado, que se esquematiza ao longo da construcionalização. As orações encaixadas têm uma proposição formada por uma oração na posição de objeto. No século XIX, o escopo passa a funcionar em sintagmas preposicionado, o que não era permitido anteriormente, dado que uma oração encaixada não pode ter um sintagma não-oracional como proposição, como **pode crer que no sábado à noite*. A neoanálise que permitiu o desmembramento da matriz e da oração encaixada permitiu que *pode crer* começasse a escopar diferentes estruturas sintáticas, além de um sintagma oracional, conforme o exemplo a seguir:

- (119) vinha uma ou outra palavra do Palha: "Em todo o caso, **pode crer** " - " Nem a administração dum banco é cousa de brincadeira.." (18:Machado: Borba)

Essa expansão sintática no escopo permite a *pode crer* se relacionar com categorias sintagmáticas diferentes. Ocorre um aumento de produtividade devido ao alcance colocacional do escopo, o que, antes, selecionava apenas sintagmas oracionais, agora, passa a valer de diferentes sintagmas. Com a construcionalização de [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]], há uma segunda expansão no seu escopo, já que começa a se envolver com estruturas do próprio evento comunicativo, como atos de fala de um interlocutor:

- (120) INF: Foi, foi.
 INQ1 Pois, pois.
 INF **Pode crer** (..) Digo-lhe mais: Deus o queira que não lhe suceda

O aumento do escopo sintático de MD já é esperado em Traugott e Trousdale (2013, p. 103). O acréscimo de produtividade nas combinações que podem ocorrer em *pode crer* leva a construção a adentrar um rol maior de construções possíveis, se relacionando com orações, sintagmas e até atos de falas do interlocutor.

Quanto à esquematicidade em *pode crer*, são possíveis algumas reflexões. A primeira abstração no nível da construção pode ser realizada ainda nos *tokens*, o que significa que a gramática de construções toma a posição de organização *bottom-up*, o que faz com que se parta dos tokens para os esquemas mais gerais. Com a microconstrução *pode crer*_{MD}, pode-se refletir se há um subesquema maior que sancione essa microconstrução. Só é possível abstrair mais um nível na hierarquia construcional se houver mais de um membro. Caso só exista a construção *pode crer*_{MD}, não é possível abstrair um nível mais esquemático, uma vez que ela pode ser idiossincrática.

Nesse sentido, os estudos de Carrascossi (2011) e Souza (2015) trazem uma análise a respeito de *pode ser*, um outro marcador que existe na língua portuguesa. A autora (2011, 2015) defende que *pode ser* pode funcionar na estruturação da interação com significado intersubjetivo. Com esses estudos, ganhamos base para afirmar que é possível que tanto *pode crer* quanto *pode ser* possam corresponder a um subesquema mais abstrato, formado por [pode +V]_{MD}. Assim, [pode +V]_{MD}, então, sancionaria as microconstruções *pode crer*_{MD} e *pode ser*_{MD}. Isso é possível devido ao uso da construção [pode ser] se assemelhar com o significado que encontramos no pareamento em [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]], conforme a ocorrência da autora abaixo:

- (121) — Mulherzinha estranha essa, hein, Motinha? — comentou.
 — Estranha, mas tem lá o seu lugar — tornou o outro:
 — É uma mulher interessante.
 — **Pode ser.** Que é que você acha desse caso?
 — Do Miraglia? Sei lá... tenho visto coisas. Não sei é como ele consegue arranjar tanta mulher bonita para matar. Se bem me lembro, é um sujeitinho meio insignificante. (AFA) (CARRASCOSSI, p. 111)

Para a autora, *pode ser* “expressa um posicionamento particular [...] em relação ao ato de fala expresso anteriormente [...] Na interlocução, como retomada de um dito do interlocutor, *pode ser* representa concordância, assentimento.” (CARRASCOSSI, p. 111). Tanto [pode ser] quanto [pode crer] estabelecem um significado de [expressão de assentimento]. Essa relação cria um subesquema possível com um dos *slots* mais esquemático [[poder V] ↔ [expressão de assentimento]] dentro da rede dos marcadores. Embora cada construção tenha uma interpretação genuína, essa conformidade parece ter relações diferentes quando *crer* ou *ser* é usado. Para a mesma autora, *pode ser* pode levar a uma certa posição de indiferença do falante diante da situação comunicativa de

concordância, não ocorrendo o mesmo em usos de *pode crer*. Apesar dessa sutil diferença, o traço assentimento é presente em ambas.

Carrascossi (2011) e Souza (2015) não tratam *pode ser* pelo olhar construcional. Ao contrário, utilizam como base principal a Gramática Discursivo-funcional para a análise e descrição do seu fenômeno. Porém, estamos realizando uma releitura dos seus dados e análises para que [pode ser]_{MD} possa provavelmente ser um outro membro, junto com [pode crer]_{MD}, na construção de um sub-esquema mais abstrato. Como já mencionado, uma caracterização geral [[poder V_{erbo}] ↔ [expressão de assentimento]], dentro das relações de categorização de seus membros, é um escopo que extrapola os objetivos do fenômeno dessa dissertação, já que a atenção, aqui, concentra-se no nível da microconstrução [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]].

Dois critérios de Risso *et al* (2019) caracterizam de modo mais geral o comportamento dos marcadores, não estando relacionado com uma característica direta da construção, mas nos atributos que definem uma rede de marcadores na língua portuguesa, sobretudo, à característica do subesquema [pode V][expressão de assentimento], dado que esquematicidade e produtividade estão relacionados a construções de especificidades diversas. Caracterizar a rede também depende da discussão dessas próprias características dentro da construção [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]]. Como [pode crer] é membro dessa rede, seu percurso de mudança leva a uma paradigmática para que seu funcionamento se torne mais próximo de suas construções irmãs. Marcadores costumam, conforme os autores, atuarem no exterior do conteúdo proposicional, revestidos de uma independência sintática.

Esse critério situa se o marcador é sintaticamente dependente ou independente da estrutura gramatical da oração. É mais central, à categoria de marcador, membros que contêm independência sintática, o que significa a ausência de elos explícitos de vinculação do MD com elementos circunvizinhos. Para Risso *et. al* (2019), aqueles marcadores que podem pertencer a estrutura gramatical representam o que a gramática tradicional rotula como termos essencial, integrante ou acessório.

- (122) fazer a "« Melô do Protô "». Vai ser o maior sucesso. **Pode crer**. Abs., e não esmoreça! É por causa dum homem assim (blogdoprotogenes.com.br)
- (123) A: eu amo o conceito "ja chorei demais por isso não vou me submeter de novo" cinco minutos depois tu ta lá se submetendo de novo
 B: *Pode crer* (Twitter.com)

Embora grande parte das ocorrências com *pode crer*_{MD} possa apresentar alguma sinalização para delimitar *pode crer* dos segmentos discursivos adjacentes, por exemplo, em (122), que há um ponto final antes e depois, algumas ocorrências podem ter ausência de pontos e vírgulas, o que não é um critério unânime para identificar certa independência sintática. Em (123), por exemplo, *pode crer* não faz parte do conteúdo do que **A** enuncia, mas apenas uma posição que o falante tem diante do ouvinte para estabelecer uma [expressão de assentimento].

Essa característica marca o comportamento da rede que [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]] faz parte. Assim, sua hierarquia parte dos tokens à microconstrução e ao subesquema [[pode V] ↔ [expressão de assentimento]]. Dessa forma, apresentamos as características gerais que definem uma construção, em especial, a construcionalização do pareamento [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]].

CONSIDERAÇÕES

Conceptualizar a língua em características que, ao mesmo tempo, possuem certa regularidade e variação é uma posição que advoga as pesquisas em gramáticas de construções. Esse modelo aproxima a produção e compreensão dos enunciados linguísticos em sua conexão com processos de domínio geral, atuando sobre os usos efetivos da língua, perpassada por seus contextos de uso, tendo base a relação simbólica de uma forma com um significado.

Nesta dissertação, o olhar foi para o pareamento construído pela forma [pode crer] e pelo significado [expressão de assentimento]. Apresentamos os diversos contextos de usos que apareceram no nosso corpus. Verificamos que os contextos que *pode crer* atua como encaixador são os propícios para a emergência dos usos de MD. *Pode crer*, quando atrelado ao significado mais inicial de [modal epistêmico]_{MD}, estabelecia um significado mais centrado ao que Risso *et al* (2019) consideram como prototípicos, sendo o traço parcialmente transparente, dado que esse pareamento não expressava diretamente uma crença fruto do processamento mental do falante sobre que é dito. Já se notava, porém, traços sintáticos ligados aos MD, como certa autonomia sintática.

Com a construcionalização, e a conseqüente mudança de significado [modal epistêmico] para [expressão de assentimento], houve um ganho significativo de convencionalização, e gradativamente as partes foram ficando menos analisáveis. Nesse sentido, nem *pode* nem *crer* carregam, originalmente, a ideia de assentimento, o que significa que ela está no chunking *pode crer*.

Verificamos também que [pode crer] atua em uma rede de esquematicidade de [pode V_{erbo}]_{MD}, que se relaciona com a sua origem em um verbo auxiliar com um verbo principal, principalmente por meio de estudos que contemplam casos parecidos, como o [pode ser]. Construções V₁ + V₂ são muito produtivas para a emergência de MD no português.

Relacionamos as propriedades da construção com alguns parâmetros de Risso *et al* (2019). Mesmo que um traço ou outro de marcador não seja prototípico, a categorização linguística não precisa que todos os seus membros tenham a completude de atributos essenciais e necessários para compor uma família de membros. Salientamos que a construção [pode crer], quando funciona como MD, é um mecanismo estruturante dentro do evento comunicativo, o que caracterizamos como uma peça de engrenagem do evento comunicativo, funcionando somente quando é integrado.

A hipótese de pesquisa da construcionalização em *pode crer* foi, por meio da análise, um caso de construcionalização de um novo marcador na história da língua, pois se compatibilizam nova forma, sintaticamente desgarrada, e novo significado [expressão de assentimento], presente na rede [pode V_{erbo}]_{MD}. Ao observar outros trabalhos com marcadores na língua portuguesa, foi possível construir uma rede de construções em que [pode crer] se insere como membro. O marcador *pode crer* obteve a função, na dimensão comunicativa, de relacionar posições dos interlocutores em suas interações, mostrando que um se coloca em conformidade com o ato de fala do outro, ou o mesmo falante demonstra concordância com seus próprios atos de fala, mostrados ou implícitos.

Dessa forma, a mudança ocorre, sobretudo, porque um novo nó é criado na rede da língua portuguesa, emergindo um conhecimento novo ao falante: a possibilidade de selecionar [[pode crer] ↔ [expressão de assentimento]] como novo membro dentro de uma relação esquemática da família de MD. Assim, julgamos que essa descrição construcional é simbólica de como a mente/cérebro de um indivíduo funciona, dado que a linguagem em si constitui a própria experiência humana em relação ao mundo filtrado por seus processos cognitivos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA-SANTOS, Letícia A.. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas**: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019, 110 p.
- BARLOW, M. **Corpus of Spoken Professional American English**. Houston: Athelstan, 1998.
- BARLOW, M. Usage, Blends, and Grammar In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (orgs.). **Usage-based models of language**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (orgs.). **Usage-based models of language**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.
- BRINTON, L. J. **The Evolution of Pragmatic Markers in English**: Pathways of Change. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. DOI: 10.1017/9781316416013
- BRINTON, L. J. **The comment clause in English**: syntactic origins and pragmatic development. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. DOI: 10.1017/CBO9780511551789
- BRINTON, L. J. **Pragmatic markers in English**: grammaticalization and discourse functions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. DOI: 10.1515/9783110907582
- BRUNELLI, Anna Flora; GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. O comportamento do verbo modal poder no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. **Estudos Linguísticos**, v. 40, n. 1, p. 60-70, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122342>>.
- BYBEE, J.. The Phonology of the Lexicon: Evidence from Lexical Diffusion In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (orgs.). **Usage-based models of language**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. **The new psychology of language**, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003, p 145-167.

BYBEE, J.. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge university press, 2010.

BYBEE, J. Domain-general processes as the basis for grammar. In: GIBSON, K. R.; TALLERMAN, M. **The Oxford Handbook of Language Evolution**, Oxford University Press: Oxford, 2012.

BYBEE, J.. **Língua, uso e cognição**. Trad.: Maria Angélica Furtado da Cunha; Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

BYBEE, J.; BECKNER, C. Usage-based theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**, Oxford University Press: Oxford, 2010.

CARRASCOSSI, Cibele Naidhig de Souza. **Gramaticalização e (inter)subjetivização na modalização em português: um estudo de pode ser**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103578>

CROFT, W.. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford Linguistics. Oxford University Press, 2001

CROFT, W; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 40, p. 151-173, 1996.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. K.. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, 1988, p. 501–538.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction grammar coursebook**. Berkeley: University of California, 1993.

FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. II Princípios de Análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010b. p. 161–186.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. I Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010a. p. 165–186.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructionist Approaches In: HOFFMANN, T. & TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013.

GONÇALVES, Sebastião C. L.. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270368>

GONÇALVES, S. C.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working Papers em Linguística**, v. 21, n. 1, 2020.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, p. 69-122, 2019.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual Framework. Chicago: The University of Chicago. 1991.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HILPERT, Martin; GRIES, Stefan Th. Variability-based neighbor clustering: a bottom-up approach to periodization in historical linguistics. *In*: NEVALAINEN, Terttu; TRAUGOTT, Elizabeth Closs (org.). Oxford: Oxford University Press, 134-144, 2012

HILPERT, Martin. Corpus-based approaches to constructional change. *In*: TROUSDALE, Graeme; HOFFMANN, Thomas (Org.). Oxford: Oxford University Press, p. 458-477, 2013a.

HILPERT, Martin. **Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word Formation, and Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press. 2013b.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. **Lingüística cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. *In*: ILARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65–242.

JUBRAN, C. S. (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019.

KAY, P; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? construction. **Language**, v.75, 1990, p. 1–33.

KEMMER, S.; BARLOW, M.. Introduction: A Usage-Based Conception of Language *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage-based models of language**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.

KLEIBER, G. **Semántica de los prototipos**. Madrid: Visor, 1994.

LABOV, W. The boundaries of words and their meanings. *In*: BAILEY, C.; SHUY, R. W. (orgs.). **New Ways of Analyzing Variation in English**. Washington: Georgetown University Press, 340-371.

LAKOFF, G. Toward generative semantics. *In*: McCawley, J. D. **Syntax and Semantics** 7: Notes from the Linguistic Underground. Nova York: Academic Press, 1976, p. 43-61.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. What categories reveal about the mind, Chicago. Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. *In*: HAIMAN, J. (org.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, p. 109-150, 1985.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**, Vol. 1: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar** Vol. 2: descriptive application, Stanford, Stanford University Press, 1991a

LANGACKER, R. W. **Concept, image and symbol**. The cognitive basis of grammar. Nova York: Mouton de Gruyter, 1991b.

LANGACKER, R. W.. An overview of cognitive grammar. **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813313>.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *In*: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do português falado: novos estudos descritivos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. 8. p. 445-497.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo, Ática, 1996.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993.

NEVES, Maria Helena de Moura. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 44, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107772>>.

OLIVEIRA, T. P.. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, v. 2, p. 1-19, 2019.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2001. DOI 10.1017/CBO9781139167178.

RISSO, M. S. Marcadores Discursivos Basicamente Sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 391–452.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O. e; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 371–390.

ROBUSTE, Taísa Barbosa.. **Construções [v1+ver] no português brasileiro contemporâneo sob perspectiva construcional**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180393>

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

THOMPSON, S. MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. DOI: 10.1075/tsl.19.2.16tho

TOMASELLO, M. **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C., DASHER, R. B. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press: 2001.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G.. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, 65: 01, 1989.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.) **Subjectivity and subjectivisation**. Linguistic perspectives, Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of types of clause-final pragmatic markers in English. **Journal of Historical Pragmatics**, v. 17, n. 1, p. 26–54, 2016. <https://doi.org/10.1075/jhp.17.1.02tra>.

TRAUGOTT, E. C. The development of “digressive” discourse-topic shift markers in English. **Journal of Pragmatics**, v. 156, n. xxxx, p. 121–135, jan. 2020. DOI 10.1016/j.pragma.2019.02.002.

URBANO, H. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 453–481.

YULE, G. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

YULE, G. **The Study of Language**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.